UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA- PPGPSI

ROSEMARY AMANDA LIMA ALVES

DESENVOLVIMENTO, IMPLEMENTAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PREVENTIVA PRIMÁRIA CONTRA ABUSO SEXUAL INFANTIL (PEPPASI): EDUCAÇÃO QUE TRANSFORMA

MANAUS-AM

2024

ROSEMARY AMANDA LIMA ALVES

DESENVOLVIMENTO, IMPLEMENTAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PREVENTIVA PRIMÁRIA CONTRA ABUSO SEXUAL INFANTIL (PEPPASI): EDUCAÇÃO QUE TRANSFORMA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, vinculada à linha de Processos Psicossociais, para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profª. Dr.ª Consuelena Lopes Leitão

Coorientador: Prof. Dr. Marck de Souza Torres

MANAUS-AM

2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A474d

Alves, Rosemary Amanda Lima
Desenvolvimento, implementação e avaliação do programa de educação preventiva primária contra abuso sexual infantil (PEPPASI) : educação que transforma / Rosemary Amanda Lima Alves . 2024
158 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Consuelena Lopes Leitão
Coorientador: Marck de Souza Torres
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Abuso sexual infantil. 2. Prevenção Primária . 3. Comportamentos autoprotetivos;. 4. peppasi. 5. Amazônia. I. Leitão, Consuelena Lopes. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

Aprovado em 30/07/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Dr.ª Consuelena Lopes Leitão
Universidade Federal do Amazonas – UFAM
Presidente/Orientadora

Prof.ª Dr Marck de Souza Torres
Universidade Federal do Amazonas – UFAM
Coorientador

Prof. Dr. Marcílio de Sandro Medeiros
Instituto Lêonidas e Maria Deane- ILMD FIOCRUZ-Amazônia
Membro Externo

Prof.ª Dr.ª Iolete Ribeiro da Silva
Universidade Federal do Amazonas – UFAM
Membro Interno

Prof.º Dr.º Fausto Negreiros
Universidade de Brasília
Membro externo

Prof.ª Dr.ª Gisele Cristina Resende
Universidade Federal do Amazonas – UFAM
Suplente Interno

Dedico esta dissertação a minha irmã Rosane Aparecida Lima Alves (*in memoriam).*
Dedico a todas as crianças e adolescentes da Amazônia!

AGRADECIMENTOS

A Deus, toda honra e toda glória!

Foram inúmeras pessoas que fizeram parte desta conquista, o mestrado foi mais que uma busca de conhecimento técnico e científico, processo de troca de experiências e vivências aprimorou no meu âmbito pessoal e intelectual, e a essas pessoas minha eterna gratidão.

Minha gratidão a minha família: a minha mãe, Rosana, meu pai, Abenor, pelo o apoio constante e orações; aos meus irmãos Andrey, Andrean, e a Rosane que faleceu em plena Covid-19, obrigada por estarem ao meu lado e pelas motivações diante das dificuldades e medos; a todos meus familiares que residem às margens do Rio Tapajós, as minhas avós, avó, tios, tias, primos, primas, cunhadas, sobrinho e sobrinhas, deixá-los para ir em busca do sonho da formação superior foi um preço que até hoje pago com as saudades que sinto de vocês. As minhas irmãs Alana e Rafaela que se manteve ao meu lado e compartilhou comigo essa trajetória, companhia para todas as horas, quantas dificuldades enfrentamos juntas, "um trio, as Manas do Tapajós".

Minha Gratidão aos meus orientadores, à professora Consuelena e professor Marck por sua generosidade, inteligência, empatia, com suas práticas e conhecimentos, apresentaram-me uma psicologia que compreende as crianças e adolescentes como seres de direitos, auxiliando-me a olhar além dos paradigmas pré-estabelecidos pela sociedade.

Minha Gratidão à senhora Liliane e ao irmão Bruno que fazem parte da Coordenação da Igreja Católica do Perpetuo Socorro do Bairro de Educandos, a Conselheira Tutelar Daniela Pimenta do Bairro de Educandos, a Comunidade de Educandos em geral, as crianças e suas mães. O Projeto de Extensão Maria Jiquitaia, alunos da graduação do curso de psicologia, formamos um verdadeiro coletivo em prol o enfrentamento das violências sexuais na Comunidade de Educandos foi lindo de ver.

A minha gratidão a minha querida UFAM, aos colegas de mestrado, professores, professoras, o nosso coordenador do Programa de Pós- Graduação, por todos os aprendizados e afetos. Aos meus amigos, amigas, gratidão pela torcida, pelas palavras e abraços.

Por fim, a minha gratidão a Associação das Crioulas do Quilombo do Barranco de São Benedito da Praça 14 de Manaus, neste território encontrei afetos, acolhimento, e me reconectei com minha ancestralidade. Aos parentes indígenas do Parque das Tribos pelo conhecimento ancestral, as Comunidades do interior as crianças, os adolescentes e familiares.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pelo apoio ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (PPGPSI-UFAM).

“Deus não poderia inspirar em mim sonhos irrealizáveis”.
(Santa Terezinha)

ALVES, R.A.L. **Desenvolvimento, Implementação e Avaliação do Programa de Educação Preventiva Primária contra Abuso Sexual Infantil (PEPPASI): educação que transforma.** 157f. Dissertação Universidade Federal do Amazonas. Orientadora: Consuelena Lopes Leitão. Coorientador: Marck de Souza Torres. Manaus- Amazonas.

RESUMO

Este estudo busca identificar processos psicossociais protetivos em uma intervenção preventiva primária contra o abuso sexual infantil (ASI), direcionada a crianças na Amazônia em situação de vulnerabilidade social, com idades entre oito e doze anos. A escolha da Amazônia, com suas especificidades culturais e socioeconômicas, ressalta a importância de intervenções que considerem as singularidades dessa região, marcada por desafios de acesso a serviços de proteção e pela vulnerabilidade das populações ribeirinhas e indígenas. O trabalho integra uma abordagem interdisciplinar que explora o papel da comunidade, das redes de apoio e do protagonismo das próprias crianças na promoção de cidadania e direitos humanos. A intervenção foi realizada no âmbito do Projeto de Extensão Maria Jiquitaia, em colaboração com alunos de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. O estudo foi estruturado em dois artigos. O primeiro artigo apresenta uma revisão integrativa de práticas preventivas primárias voltadas a crianças, baseando-se em experiências que norteiam a construção de programas de intervenção adaptados às especificidades locais. O segundo artigo detalha a implementação do PEPPASI, com foco no processo metodológico e na avaliação da eficácia do programa. Os resultados indicam que o PEPPASI é uma ferramenta eficaz para capacitar crianças em situação de vulnerabilidade social. Após a intervenção, as crianças apresentaram maior capacidade de identificar e diferenciar situações abusivas, além de um aumento significativo em comportamentos autoprotetivos, mostrando o impacto de estratégias que promovem o fortalecimento das crianças dentro de suas próprias realidades amazônicas.

Palavras-chaves: Abuso sexual infantil; Prevenção primária; Comportamentos autoprotetivos; PEPPASI; Amazônia.

ALVES, R.A.L. **Desenvolvimento, Implementação e Avaliação do Programa de Educação Preventiva Primária contra Abuso Sexual Infantil (PEPPASI): educação que transforma.** 157f. Dissertação Universidade Federal do Amazonas. Orientadora: Consuelena Lopes Leitão. Coorientador: Marck de Souza Torres. Manaus- Amazonas.

ABSTRACT

This study seeks to identify protective psychosocial processes in a primary preventive intervention against child sexual abuse (CSA), aimed at children in the Amazon who are in situations of social vulnerability, aged between eight and twelve years. The choice of the Amazon, with its cultural and socioeconomic specificities, highlights the importance of interventions that consider the singularities of this region, marked by challenges in accessing protection services and the vulnerability of riverside and indigenous populations. The work integrates an interdisciplinary approach that explores the role of the community, support networks, and the empowerment of the children themselves in promoting citizenship and human rights. The intervention was carried out within the scope of the Maria Jiquitaia Extension Project, in collaboration with undergraduate psychology students from the Federal University of Amazonas. The study was structured into two articles. The first article presents an integrative review of primary preventive practices aimed at children, based on experiences that guide the construction of intervention programs adapted to local specificities. The second article details the implementation of PEPPASI, focusing on the methodological process and the evaluation of the program's effectiveness. The results indicate that PEPPASI is an effective tool for empowering children in situations of social vulnerability. After the intervention, the children demonstrated a greater ability to identify and differentiate abusive situations, as well as a significant increase in self-protective behaviors, showing the impact of strategies that strengthen children within their own Amazonian realities.

Keywords: Child sexual abuse; Primary prevention; Self-protective behaviors; PEPPASI; Amazon.

ALVES, R.A.L. **Desenvolvimento, Implementação e Avaliação do Programa de Educação Preventiva Primária contra Abuso Sexual Infantil (PEPPASI): educação que transforma.** 157f. Dissertação Universidade Federal do Amazonas. Orientadora: Consuelena Lopes Leitão. Coorientador: Marck de Souza Torres. Manaus- Amazonas.

RESUMEN

Este estudio busca identificar procesos psicosociales protectores en una intervención preventiva primaria contra el abuso sexual infantil (ASI), dirigida a niños en la Amazonía que se encuentran en situaciones de vulnerabilidad social, con edades entre ocho y doce años. La elección de la Amazonía, con sus especificidades culturales y socioeconómicas, resalta la importancia de intervenciones que consideren las singularidades de esta región, marcada por desafíos en el acceso a los servicios de protección y la vulnerabilidad de las poblaciones ribereñas e indígenas. El trabajo integra un enfoque interdisciplinario que explora el papel de la comunidad, las redes de apoyo y el protagonismo de los propios niños en la promoción de la ciudadanía y los derechos humanos. La intervención se llevó a cabo en el ámbito del Proyecto de Extensión Maria Jiquitaia, en colaboración con estudiantes de Psicología de la Universidad Federal de Amazonas. El estudio se estructuró en dos artículos. El primer artículo presenta una revisión integrativa de prácticas preventivas primarias dirigidas a niños, basándose en experiencias que orientan la construcción de programas de intervención adaptados a las especificidades locales. El segundo artículo detalla la implementación del PEPPASI, con un enfoque en el proceso metodológico y en la evaluación de la efectividad del programa. Los resultados indican que el PEPPASI es una herramienta eficaz para capacitar a los niños en situaciones de vulnerabilidad social. Después de la intervención, los niños mostraron una mayor capacidad para identificar y diferenciar situaciones abusivas, así como un aumento significativo en los comportamientos de autoprotección, mostrando el impacto de las estrategias que fortalecen a los niños dentro de sus propias realidades amazónicas.

Palabras clave: Abuso sexual infantil; Prevención primaria; Conductas de autoprotección; PEPASI; Amazonas.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASI	Abuso Sexual Infantil
BST	*Body Safety Training*
BVS	Biblioteca Virtual de Saúde
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CSAPE	*Child Sexual Abuse Prevention Education*
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CFP	Conselho Federal de Psicologia
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FVS-RCP	Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas - Dra. Rosemary Costa Pinto
LILACS	Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde
OSC	Organização da Sociedade Civil do Amazonas
ONDH	Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos
PePSIC	Periódicos de Psicologia
PEPPASI	Programa de Educação Preventiva Primária contra o Abuso Sexual Infantil
PPGPSI	Programa de Pós-Programa de Psicologia
PSQ-P	Personal Safety Questionnaire – Persian
RFGFP	*Red Flag*, *Green Flag People*
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SINAN	Sistema de Informação de Agravos de Notificação
T1	Pré-teste
T2	Pós-teste
TALE	Termo de Assentimento Livre Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEPT	Transtorno de estresse pós-traumático
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
VS	Violência Sexual
VSCA	Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes
VSI	Violência Sexual Infantil
WIST-P	What If' Situations Test – Persian
WHO	*World Health Organization*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ARTIGO 1

Figura 1: Diagrama Prisma da Seleção de Programas Preventivos Primários 24

ARTIGO 2

Figura 1: Apresentação das Diferenças entre Pré-Teste (T1) e Pós-Teste (T2) 50

LISTA DE TABELAS

ARTIGO 1

Tabela 1: Sínteses dos programas selecionados 26

Tabela 2: Componentes selecionados dos programas 32

ARTIGO 2

Tabela 1: Estatísticas descritivas sobre Habilidades Autoprotetivas para Prevenção de Violência Sexual 49

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 15

ARTIGO 1 - INTERVENÇÕES ADAPTADAS À REALIDADE AMAZÔNICA: UM ESTUDO SOBRE A PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL. 18

RESUMO 18

1. Introdução 20

2. Método 22

3. Resultados 25

4. Discussão 31

5. Considerações finais 36

REFERÊNCIAS 38

ARTIGO 2 – PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PREVENTIVA PRIMÁRIA CONTRA ABUSO SEXUAL INFANTIL (PEPPASI): EVIDÊNCIAS DE EFICÁCIA DE UM ESTUDO PILOTO QUASE EXPERIMENTAL NO NORTE DO BRASIL 42

RESUMO 42

1. Introdução 43

2. Método 46

2.1 Delineamento 46

2.2 Participantes 46

2.3 Instrumentos 47

2.4 Procedimentos éticos 47

2.5 Procedimentos de coleta de dados 47
2.6 Procedimentos de análise de dados 49
3. Resultados 49
4. Discussão 51
5. Considerações finais 56
REFERÊNCIAS 60

APÊNDICES 66
APÊNDICE 1– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) 66
APÊNDICE 2 – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) 70
APÊNDICE 3 – Termo de anuência Projeto Maria Jiquitaia 74
APÊNDICE 4 – Declaração de Assistência 75
APÊNDICE 5 – Questionário Sociodemográfico Pais; responsaveis 76
APÊNDICE 6- Questionário ASI Pré e Pós-Teste 87
APÊNDICE 7- Protocolo diário de campo 97
APÊNDICE 8 – Cartilha Turma da Maria Jiquitinha 98
ANEXO **120**
ANEXO 1– CAAE 120
ANEXO 2 – Livro “O segredo da Tartanina” 127

APRESENTAÇÃO

Para iniciar, pretendo apresentar o motivo principal que deu origem ao desejo de colocar em prática a presente pesquisa. A proposta desta dissertação para criação de um Programa de Prevenção Primária contra o Abuso Sexual Infantil (ASI) surgiu a partir da experiência como psicóloga em uma entidade sem fins lucrativos da Organização da Sociedade Civil do Amazonas (OSC) realizando intervenções para o enfrentamento da violência sexual de crianças e adolescentes nas periferias de Manaus, no bairro Mauazinho e no interior do Amazonas, município de Coari – Rio URUCU durante a pandemia de Covid-19.

Para os casos em que as crianças já haviam sido vitimizadas sexualmente era ofertado acompanhamento terapêutico, sendo possível identificar a gravidade das sequelas que ultrapassavam as esferas físicas, psicológicas, sociais entre outras, comprometendo seriamente a vida das vítimas. Estas experiências proporcionaram a oportunidade de aprofundar e ampliar os conhecimentos sobre ASI dentro do contexto local, com uma melhor compreensão das lógicas de funcionamento da região amazônica. Nas viagens pelo interior do Amazonas, que ocorriam uma vez a cada semestre, em função das diversas atividades que realizávamos na sede do projeto, na cidade de Manaus, foi possível identificar desde as limitações de acesso geográfico e logístico dessas regiões, até as dificuldades de acesso às políticas sociais relacionadas aos direitos dessa população.

O Amazonas possui grandes dimensões geográficas, com várias regiões de difícil acesso, localizadas às margens dos rios onde as embarcações, na maioria das vezes, são os únicos meios de transporte. Estas localidades estão a dias de distância da capital e as pessoas que vivem nessas comunidades possuem pouco ou nenhum acesso aos conhecimentos sobre o Sistema de Garantia de Direitos das Crianças e Adolescentes. A população passa por limitações em comunicação, sérios problemas de saneamento básico e chegam a percorrer longas distâncias de barco para um atendimento médico. Apesar de todo esse cenário, as escolas de ensino fundamental são espaços presentes em praticamente todas as comunidades.

Diante deste contexto, foram vários os questionamentos: como a psicologia poderia contribuir naquele momento? Como evitar que crianças e adolescentes fossem

envolvidos numa situação abusiva, para que não tivessem que passar por violações de direitos nesse período do desenvolvimento?

Perguntas como estas sempre estiveram presente durante a minha trajetória acadêmica, pois as primeiras aproximações com o tema do abuso sexual Infantil (ASI) ocorreram na graduação, proporcionadas pelas experiências no projeto de extensão da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) - Maria Jiquitaia, que se caracterizou como uma imersão pessoal, possibilitando contato com textos que discutiam gênero e sexualidade no âmbito da educação, leituras de obras sobre a história e contexto da infância, violência sexual de crianças e adolescentes, estudos de gênero, movimento feminista. A proximidade com o movimento da infância se tecia nesse percurso, sendo consolidada, finalmente, ao ingressar na iniciação científica na UFAM. Logo no início do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC realizei pesquisas com mulheres, crianças e adolescentes que enfrentaram diversas formas de violência, estigmatização e que residiam em comunidades localizadas nas áreas periféricas da cidade de Manaus. As atividades direcionadas para crianças e adolescentes, tinham como objetivo a prevenção da violência sexual, como resultado, no término destas atividades algumas crianças me procuravam para relatar situações de abuso sexual vivenciadas por elas ou por pessoas próximas.

Baseada nestas experiências desejou-se trazer para o âmbito da comunidade acadêmica a discussão a respeito da prevenção do abuso sexual infantil no estado do Amazonas. Durante esse processo, emerge um questionamento constante: de que forma a psicologia pode contribuir para o enfrentamento contra o ASI de crianças, nos mais diversos espaços como nas periferias de Manaus e no interior do Amazonas? Surge então a pergunta da pesquisa: como as crianças podem aprender informações adequadas e novas habilidades de comportamentos de autoproteção contra o abuso sexual infantil no Amazonas?

Diante do exposto, buscou-se uma estratégia que possa alcançar a participação ativa das crianças, para que elas possam compreender a problemática do abuso sexual infantil, aprender novos repertórios de comportamentos autoprotetivos diante de situações de risco. O que resultou na realização da presente dissertação com objetivo de apresentar o processo de desenvolvimento, implantação e avaliação de um Programa de Educação Preventiva Primária contra o Abuso Sexual Infantil, intitulado (PEPPASI) - EDUCAÇÃO QUE TRANSFORMA.

Adiante a presente pesquisa expõe dois estudos, materializados em dois artigos científicos que exploram a literatura de programas preventivos primários destinados a crianças para lidar com o abuso sexual infantil (ASI) e avaliam sua eficácia.

No primeiro artigo, o estudo em questão visa descrever a concepção de um programa de prevenção primária contra o abuso sexual infantil, com intervenções adaptadas às particularidades da região amazônica, focalizando no desenvolvimento de habilidades de autoproteção em crianças. Para tanto, foi realizada uma revisão integrativa em diversas bases de dados com o intuito de identificar programas com intervenções preventivas primárias direcionadas ao combate da violência sexual infantil.

O segundo artigo constitui a parte central desta dissertação, onde se procedeu à aplicação e avaliação do Programa de Educação Preventiva Primária contra o Abuso Sexual Infantil (PEPPASI) - EDUCAÇÃO QUE TRANSFORMA. O estudo foi conduzido com crianças de 08 a 12 anos de idade, pertencentes a uma comunidade do Bairro de Educandos, na cidade de Manaus, com o objetivo de verificar se o programa favoreceu a aquisição de habilidades de autoproteção contra o abuso sexual infantil.

Os estudos pretendem visibilizar a problemática do abuso sexual infantil, sobretudo no estado do Amazonas, buscando trazer discussões no meio acadêmico principalmente a respeito da prevenção, da implantação e implementação de programas preventivos primários que podem ajudar as crianças a se protegerem sendo, portanto, uma ferramenta importante para o enfrentamento do ASI.

ARTIGO 1

INTERVENÇÕES ADAPTADAS À REALIDADE AMAZÔNICA: UM ESTUDO SOBRE A PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL.

RESUMO

A violência sexual infantil é considerada um problema de saúde pública presente no cotidiano das crianças que vivem na região da Amazônia. O presente estudo objetiva descrever a construção de um Programa de Prevenção Primária contra a Violência Sexual Infantil (VSI), com intervenções adaptadas à regionalidade amazônica, para o treinamento de aquisição de habilidades de autoproteção de crianças. Para isso, realizou-se uma revisão integrativa nas bases de dados para identificar programas com intervenções preventivas primárias contra violência sexual direcionada a crianças. Foi incluído apenas um estudo, composto por uma revisão integrativa com 16 programas, e destes apenas cinco estudos foram selecionados e encaminhados a dois juízes/especialistas que analisaram e avaliaram de maneira a contemplar o objetivo aqui proposto. Na segunda etapa, os cinco estudos selecionados foram analisados na íntegra. Os componentes identificados incluem um questionário socioeconômico, questionários pré e pós-teste, elaboração de uma cartilha e a utilização de dramatização a partir de um estudo quase-experimental. Essa adaptação visa auxiliar as crianças a reconhecerem seus direitos, compreenderem situações de risco e aprenderem formas de se proteger. Os resultados indicaram que os componentes selecionados apresentam características metodológicas e de amostragem adaptadas à regionalidade, podendo ser uma resposta e uma estratégia eficaz para a construção de políticas públicas e comunidades mais seguras e menos vulneráveis na Amazônia. Conclui-se que os programas preventivos primários aumentam comportamentos autoprotetivos e conhecimentos das crianças sobre VSI.

Palavras-chave: componentes, programa de prevenção primária, violência sexual, crianças, adolescentes

INTERVENTIONS ADAPTED TO THE AMAZON REALITY: A STUDY ON THE PREVENTION OF CHILD SEXUAL VIOLENCE

ABSTRACT

Child sexual violence is considered a public health problem that is present in the daily lives of children living in the Amazon region. The aim of this study is to describe the construction of a primary prevention programme against child sexual violence (CSV), with interventions adapted to the Amazon region to train children to acquire self-protection skills. To this end, an integrative database review was conducted to identify programmes with primary prevention interventions against child sexual violence. Only one study was included, consisting of an integrative review of 16 programmes, of which only five studies were selected and sent to two reviewers/experts who analysed and evaluated them in a way that met the objective proposed here. In the second stage, the five selected studies were analysed in their entirety. The components identified include a socio-economic questionnaire, pre- and post-test questionnaires, the development of a booklet and the use of dramatisation based on a quasi-experimental study. This adaptation aims to help children recognise their rights, understand risk situations and learn how to protect themselves. The results indicate that the selected components have methodological and sampling characteristics adapted to the region and could be an effective response and strategy for building public policies and safer, less vulnerable communities in the Amazon. It is concluded that primary prevention programmes increase children's self-protective behaviours and knowledge about CSV.

Keywords: components, primary prevention program, sexual violence, children, adolescents

1. Introdução

A violência sexual contra crianças e adolescentes (VSCA) alcança todas as classes sociais, culturas e idades. Das várias definições formuladas sobre violência sexual contra crianças e adolescentes, a mais disseminada mundialmente é a da *World Health Organization* (WHO, 2006), que descreve a VSCA como um ato em que crianças ou adolescentes são envolvidos em práticas sexuais que não compreendem, sem condições de dar consentimento, ou para a qual não se encontram preparados, em virtude de sua fase de desenvolvimento (Hohendorff & Patias, 2017).

No Brasil, o Ministério da Saúde caracteriza a violência sexual contra crianças e adolescentes como qualquer ato em que uma pessoa se utiliza da sua condição de poder e se vale do uso de força física, constrangimento, ameaça ou influência psicológica, com a utilização ou não de armas ou drogas, para obrigar a criança ou o adolescente a ter, observar ou participar de práticas sexuais. Pode haver, também, a utilização da sexualidade das crianças e adolescentes para fins de lucro, situação conhecida como exploração sexual. A VSCA pode acontecer por meio de contato físico como toques, manipulação das genitálias, sexo oral, anal e vaginal. Já as práticas sem contato físico podem incluir voyeurismo e divulgação de pornografia (Leitão, 2016).

Dados oriundos do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) têm gerado discussões crescentes em torno do problema da violência sexual contra crianças e adolescentes, visto que a VSCA aumentou nas últimas décadas. No campo das violências sexuais, o abuso sexual infantil tornou-se uma das violências mais presentes entre crianças e adolescentes, alcançando cerca de 11,8% desta população no mundo (Pinheiro, 2021). No estado do Amazonas, foram registradas 1.855 notificações de violência sexual infantil no ano de 2022 e os dados revelam que a faixa etária mais atingida está entre 10 e 14 anos, correspondendo a 54,9% dos casos, sendo 93,6% do sexo feminino. Ademais, a maioria dos supostos agressores (24,8%) são familiares ou conhecidos da vítima (Brasil, 2023).

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2023 demonstrou que a violência sexual, especificamente o estupro, tem sido o crime com maior ocorrência entre crianças e adolescentes, sendo meninas menores de 14 anos as principais vítimas (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023). Neste panorama, a violência sexual contra crianças e adolescentes configura um grave problema de saúde pública que viola os direitos humanos

e acarreta consequências às vítimas a curto e longo prazo, com prejuízos psicológicos que envolvem ansiedade, depressão, comportamento sexual inadequado para a idade, raiva, culpa, baixa autoestima, vergonha, problemas emocionais e comportamentais, além da incidência de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). Pelo seu caráter multifatorial, a VSCA deve ser enfrentada no ambiente escolar, na comunidade, nas famílias e, sobretudo, com as crianças e adolescentes, com foco no desenvolvimento de habilidades autoprotetivas (Habigzang & Caminha, 2004).

Considerando as consequências da violência sexual, faz-se necessário propor estratégias de enfrentamento e prevenção que busquem ampliar o repertório e o conhecimento de crianças e adolescentes sobre o tema, como é o caso dos programas de prevenção da violência sexual, conforme a proposta desta pesquisa.

A partir das contribuições de Abreu et al. (2016) e Silveira e Peixoto (2010), o programa de prevenção se caracteriza como um processo estruturado a partir de projetos que visam metas compartilhadas, com intervenções planejadas e sistemáticas. Essas iniciativas são avaliadas de forma criteriosa no início e no término de sua implementação, com o intuito de verificar sua efetividade e eficácia. Apesar da existência de programas que abrangem diversas áreas de atuação e prevenção, importa ressaltar que ainda há limitações em termos de número de intervenções disponíveis e pesquisas realizadas nesse campo, evidenciando a necessidade contínua de explorar e desenvolver estratégias para ampliar o alcance e a efetividade dos programas de prevenção (Silveira & Peixoto, 2010).

Os programas preventivos podem se apresentar como uma das medidas de enfrentamento à VSCA, com enfoque em ações de três níveis: na prevenção primária, busca-se diminuir e evitar a ocorrência da violência sexual; na prevenção secundária, as medidas são direcionadas a crianças e adolescentes que demonstram sinais iniciais de abuso, com o objetivo de cessar o abuso ou evitar a repetição de situações abusivas; na prevenção terciária, as intervenções buscam minimizar as sequelas após o abuso, com acompanhamento de uma equipe multiprofissional capacitada (Ferreira, 2019).

Além disso, os programas preventivos voltados para a proteção de crianças e adolescentes devem ser fundamentados em três objetivos: 1) reconhecer situações abusivas ou abusadores em potencial; 2) resistir (“falar não”) e retirar-se da presença do abusador; e 3) denunciar abusos (anteriores ou atuais) a uma pessoa de autoridade e de confiança. Estes objetivos são enfatizados por “Rs” – reconhecer, resistir e relatar (Ferreira, 2019).

Em um manual desenvolvido por Silveira e Peixoto (2010) sobre a prevenção da violência, os autores destacam que os programas devem ter os seguintes critérios: (1) ser baseados em teorias que os aplicadores devem ter domínio; (2) iniciar com a familiarização e colaboração da comunidade; (3) conhecer o contexto em que se vai trabalhar; (4) ser baseados em evidências empíricas, identificando as necessidades da população apontada pela teoria; e (5) disseminar intervenções bem sucedidas que podem ter suas tecnologias transferidas para novos contextos.

A violência sexual é um fator de risco para o desenvolvimento das crianças e adolescentes que passam por essa experiência e pode impactar negativamente a vida adulta, com danos severos à saúde mental. Dentre as diversas mobilizações empregadas para combater essa realidade, o campo da pesquisa tem se mostrado uma alternativa profícua para a criação de propostas de enfrentamento à VSCA, representando o esforço de novos caminhos e medidas com a finalidade de proteger crianças e adolescentes da violência sexual.

Os programas de prevenção ao abuso sexual infantil constituem uma ferramenta para conscientizar, educar e capacitar crianças, adolescentes, pais, cuidadores e profissionais. Esses programas têm como objetivo aumentar a conscientização sobre os sinais de alerta, ensinar habilidades de autoproteção, promover o diálogo aberto sobre sexualidade e estabelecer mecanismos de denúncia seguros. Investir nesses programas pode criar comunidades mais seguras e proteger o bem-estar das crianças e adolescentes, ajudando-os a desenvolver relacionamentos saudáveis com dignidade, respeito e liberdade, conforme preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), para que possam alcançar a condição de sujeitos de direitos. Por essa razão, os programas preventivos primários devem ter sua implementação monitorada com resultados avaliados ao longo do tempo, identificando as variáveis contextuais que facilitam ou dificultam sua intervenção (Silveira & Peixoto, 2010).

Diante do exposto, o objetivo deste estudo é descrever a construção de um Programa de Prevenção Primária contra a Violência Sexual de Crianças e Adolescentes (VSCA), adaptado às especificidades da regionalidade amazônica.

2. Método

O presente estudo foi desenvolvido em duas etapas: na primeira, foi realizada uma revisão integrativa para identificação de programas preventivos contra a VSCA existentes na literatura. Após a identificação, analisou-se as estruturas dos programas encontrados,

com o objetivo de retirar os componentes para construção do Programa de Educação Preventiva Primária Contra Violência Sexual de Crianças e Adolescentes - Educação Que Transforma.

A revisão integrativa de literatura sintetiza o conhecimento acerca de um determinado assunto, através de um período específico, para verificar a produção científica existente e indicar as lacunas. De modo geral, a revisão integrativa reúne as principais análises que servirão como suporte na tomada de decisão e no desenvolvimento de práticas de intervenção (Mendes et al., 2008).

A presente revisão seguiu as seis etapas de revisão integrativa adotadas por Mendes et al. (2008): 1) identificação do tema ou questão de pesquisa norteadora; 2) estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão de estudo; 3) identificação das informações a serem selecionadas dos estudos; 4) avaliação dos estudos; 5) interpretação dos resultados; e 6) apresentação da revisão com a síntese do conhecimento. Propõe-se responder à seguinte questão norteadora: quais ingredientes/componentes dos programas disponíveis na literatura científica podem ser adaptados à regionalidade amazônica?

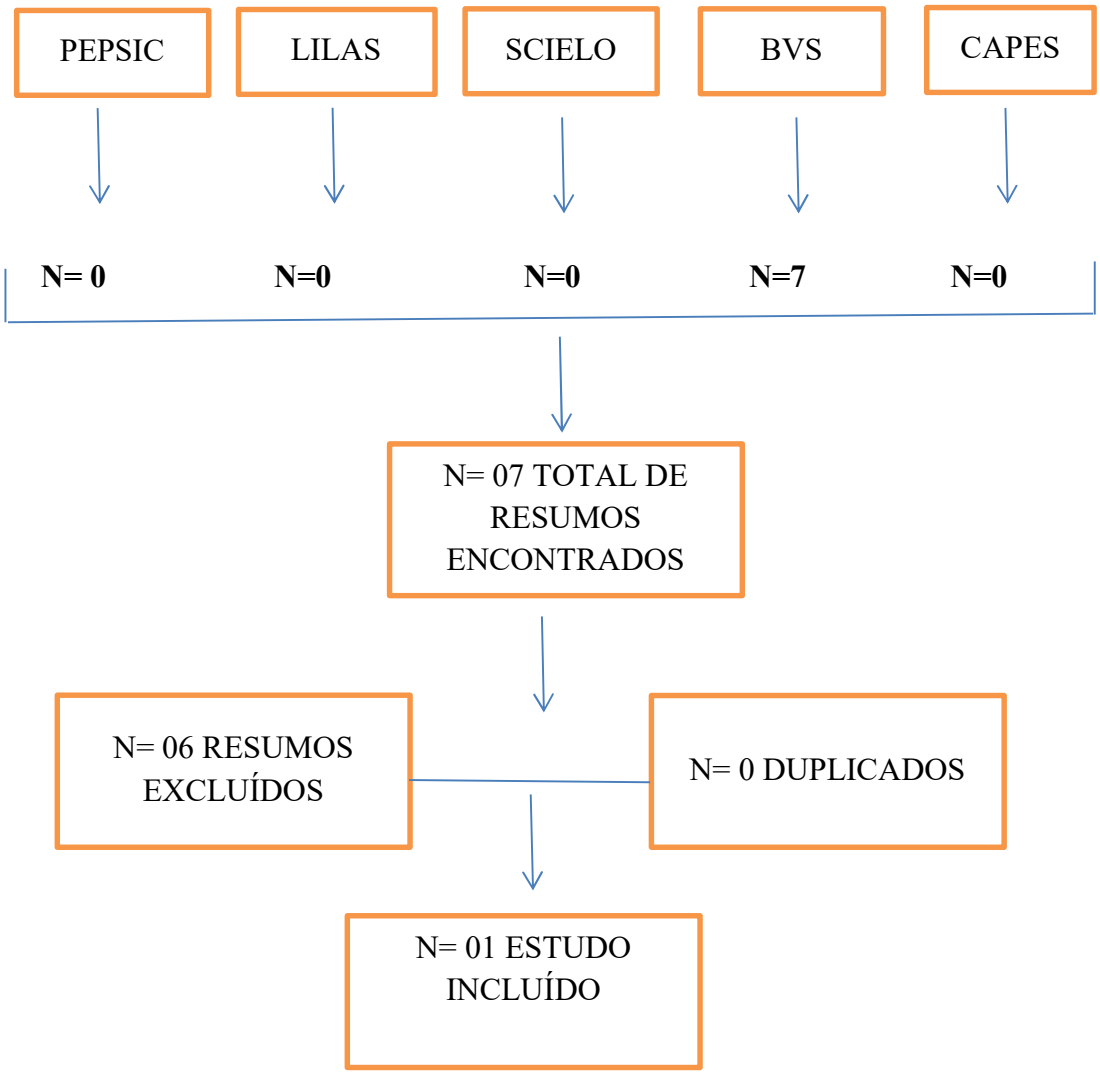
Realizou-se buscas por artigos nas bases de dados PePSIC, LILACS, SciELO, BVS e CAPES, com a seguinte string: (revisão) AND (“abuso sexual infantil”) AND (“prevenção primária”) AND (“maus tratos infantis”) AND (prevenção). Para os critérios de inclusão, foram estabelecidos: (1) artigos que abordassem programas de prevenção primária baseados em evidências, (2) data de publicação entre os anos de 2018 e 2023, e (3) artigos publicados nos idiomas inglês, português, espanhol e alemão. Foram excluídos artigos que não estavam disponíveis de forma gratuita, artigos que não abordaram intervenções preventivas primárias de VSCA, que não explicaram os métodos utilizados na intervenção e que não avaliaram a eficácia da intervenção. Após as buscas nas bases, encontrou-se sete estudos, apenas no portal BVS. Nas demais bases de dados não foram encontrados artigos de acordo com os critérios, descritores e operadores booleanos estabelecidos.

Posteriormente à busca, analisou-se a incidência de estudos duplicados e avaliou-se os resumos. Após os procedimentos adotados, seis estudos foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão. Foi incluída uma revisão integrativa sobre a Efetividade de Intervenções Preventivas do Abuso Sexual Infantil, composta por 16 ensaios (Ferreira et al., 2022). Dos 16, cinco estudos foram selecionados por estarem disponíveis gratuitamente e por realizarem a descrição dos processos metodológicos, com

avaliação dos resultados das intervenções a partir de questionários de avaliação da retenção dos conhecimentos adquiridos em cada programa. A partir desses estudos, analisou-se os cinco artigos originais que descreviam os programas voltados para crianças e adolescentes, sendo eles: (1) *Red Flag*, *Green Flag People* (RFGFP) (Wood & Archbold, 2015), (2) *Safe@Last* (Morris et al., 2017), (3) *Trau Dich* (Firnges & Amann, 2016), (4) *Child Sexual Abuse Prevention Education* (CSAPE) (Kim & Kang, 2016) e (5) *Body Safety Training* – BST (Jin et al., 2017).

O processo de seleção dos artigos foi baseado no modelo PRISMA para revisões de literatura e as etapas estão descritas no fluxograma da Figura 1.

Figura 1 Diagrama Prisma da Seleção de Programas Preventivos Primários



Na segunda etapa do estudo, foram convidados dois consultores com experiência na área de ensino, pesquisa e intervenção sobre a temática da VSCA para o processo de validação da seleção dos componentes e da construção das ideias para elaboração do programa. Os consultores avaliaram todas as etapas da revisão, bem como a discussão de cada artigo e suas estratégias para tomada de decisão da escolha final dos componentes a serem utilizados no programa.

3. Resultados

A seguir, conforme ilustrado pela Tabela 1, serão apresentadas as sínteses dos cinco artigos de programas de prevenção primária focados em crianças e adolescentes, a partir de seis categorias: (1) autor(es) e ano de publicação do estudo, (2) nome do programa e tradução livre, (3) descrição dos participantes, (4) delineamento da pesquisa, (5) instrumentos de avaliação da eficácia e (6) principais resultados.

Tabela 1

Síntese dos programas selecionados

Autor/ ano	**Nome do programa/ Tradução livre**	**Participantes**	**Delineamento**	**Instrumentos de avaliação da eficácia**	**Principais resultados**
Wood e Archbold (2015)	*Red Flag Green Flag People* (RFGFP) "Bandeira Vermelha Bandeira Verde - Programa Gente"	366 crianças de oito escolas primárias da Dakota do Norte (EUA), estudantes do segundo ano, com idade entre quatro a sete anos.	Grupo único e follow-up após dois anos.	Avaliação de retenção de conhecimento com questionário construído pelos autores.	O conhecimento adquirido pelas crianças diminui ao longo do tempo.

Morris et al. (2017)	*Safe@Last* "Enfim, salvas"	1.177 crianças do jardim de infância ao sexto ano, com idade entre quatro a 12 anos, nos Estados Unidos.	Pré e pós-testes com grupo controle (lista de espera sem randomização).	Avaliação de retenção de conhecimentos de prevenção do ASI.	Evolução relevante em todos os âmbitos avaliados. A renda e os registros de ASI influenciavam a intervenção.
Firnges e Amann (2016)	*Trau Dich!* "Tenha coragem!"	639 crianças entre oito e 12 anos, residentes na Alemanha e estudantes do terceiro ao sexto ano.	Grupo único e aplicação de pré e pós-testes.	Questionário com 134 itens, vinhetas para avaliar os comportamentos autoprotetivos e dramatização de histórias.	Aumento nas competências subjetivas dos participantes através da dramatização de histórias.
Kim e Kang (2017)	*Child Sexual Abuse Prevention Education* (CSAPE) "Programa de Educação para a Prevenção do Abuso Sexual Infantil" (CSAPE)	89 crianças de três escolas públicas de Chuncheon (Coreia do Sul), estudantes do quinto ano, na faixa etária de 10 a 11 anos.	Grupo interventivo e grupo controle, quase-experimental com a aplicação de pré e pós-testes.	Questionário com 16 perguntas de múltipla escolha: 10 sobre conhecimentos de ASI e seis sobre comportamentos de autoproteção, com quatro alternativas de resposta.	Eficácia na capacitação das crianças para o aumento de comportamentos autoprotetivos.
Jin et al.	*Body Safety*	565 crianças do	Delineamento	Questionários	Aumento de

(2017)	*Training* (BST) "Treinamento de segurança corporal"	ensino primário, na faixa etária de sete a 11 anos (183 no grupo controle, 190 no grupo ensinado pelos pais e 192 no grupo ensinado pelos professores).	experimental.	próprios do estudo com avaliação do conhecimento para prevenção do ASI e das competências de autoproteção.	conhecimento sobre o ASI e das capacidades de segurança pessoal.

Os cinco artigos selecionados descrevem treinamentos de habilidades autoprotetivas direcionados para crianças e adolescentes. Os referidos programas foram desenvolvidos em ambiente escolar.

O programa *Red Flag, Green Flag People* - RFGFP ("Bandeira Vermelha e Bandeira Verde - Programa Gente", em tradução livre), de acordo com Wood e Archbold (2015), propôs ensinar as crianças a diferenciar bons e maus toques e auxiliar na aquisição de habilidades autoprotetivas por meio de um treinamento identificado como bandeira vermelha e bandeira verde, com três etapas comportamentais: negar, abandonar a situação e contar o incidente a um adulto de confiança. Os participantes foram alunos do ensino fundamental do Centro-Oeste dos Estados Unidos, com idades entre quatro a sete anos. O treinamento oferecido pelo programa utilizou duas estratégias: primeiro, os instrutores realizaram a apresentação do programa para em seguida discutir o material na sala de aula por 45 minutos ao longo de dois dias. Posteriormente, cada criança recebeu uma cartilha de 28 páginas para usar como guia visual. Durante o tempo em que o instrutor apresentava o material, os alunos eram convidados a preencher a cartilha com atividades curtas e colorir desenhos com bandeiras verdes para representar os toques apropriados e bandeiras vermelhas para toques inapropriados.

A cartilha com exercícios projetados foi um incentivo para que as crianças discutissem sobre o assunto. O material também possuía orientações básicas para reconhecer bons e maus toques, além de auxiliar os alunos a como agir em caso de percepção de situações de perigo de VSCA (e.g., diga não, abandone a situação, conte a

um adulto). O uso dos recursos visuais da cartilha, juntamente com a apresentação verbal, possibilitou a retenção do conhecimento para além do momento da instrução na sala de aula.

As avaliações de pós-teste foram realizadas após dois anos da aplicação do treinamento e mostraram que 75% dos alunos lembravam de pelo menos uma das três etapas ensinadas, enquanto 65% compreenderam que não deviam guardar segredos diante de uma situação abusiva. Além disso, o pós-teste sugeriu que as informações aprendidas pelas crianças tendem a diminuir com o tempo, evidenciando a necessidade de trabalhar o tema continuamente (Wood & Archbold, 2015).

O programa *Safe@Last* ("Enfim salvas", em tradução livre), conforme Morris et al. (2017), tinha como objetivo ensinar crianças estadunidenses a reconhecer, responder e revelar o abuso sexual. Os participantes tinham entre quatro a doze anos de idade e estavam no jardim de infância até o sexto ano. As atividades do programa foram realizadas em quatro sessões, cada uma com duração de 35 minutos, normalmente com frequência semanal, durante um mês. O *Safe@Last* teve enfoque no treinamento de habilidades para identificação de situações e pessoas seguras e inseguras em relação ao abuso sexual infantil (ASI), além de trabalhar questões como a resolução de problemas, a assertividade e os métodos para revelação. A aferição realizada por meio do pré e pós-intervenção, além das avaliações do conhecimento adquirido pelos participantes, demonstrou evolução significativa em todos os âmbitos avaliados. Ademais, os estudos constataram que a renda e os registros de ASI na comunidade atuaram como moderadores do efeito da intervenção.

O programa preventivo *Trau Dich!* ("Tenha coragem!", em tradução livre) foi realizado na Alemanha, com alunos do terceiro ao sexto ano, na faixa etária de oito a 12 anos. De acordo com Firnges e Amann (2016), as intervenções do *Trau Dich!* ocorreram por meio de peças de teatro com histórias encenadas no ambiente escolar, cujo objetivo foi aumentar o conjunto de comportamentos autoprotetivos das crianças, proporcionando o reconhecimento de situações ameaçadoras, a identificação de bons e maus segredos e a diferenciação de bons e maus toques, além de oferecer instruções sobre o serviço telefônico disponível para realizar denúncias. Durante a aplicação das intervenções, os professores também passaram por formação a partir de cursos sobre a temática e receberam orientações pedagógicas para abordar o tema em sala de aula. A avaliação do programa ocorreu por meio de vinhetas de casos e uma vinheta neutra que exigiu a avaliação das

crianças com base na empatia cognitiva e nas competências de ação. Houve também a utilização de um pré-teste, com um questionário composto por 134 itens.

O programa preventivo *Child Sexual Abuse Prevention Education* - CSAPE (Educação e Prevenção do Abuso Sexual Infantil, em tradução livre) foi desenvolvido na Coreia do Sul, com alunos da quinta série do ensino fundamental, na faixa etária de 10 a 11 anos. Segundo Kim e Kang (2016), o programa foi constituído por um treinamento composto por seis sessões de 40 minutos e propôs a discussão de dois eixos principais: conhecimentos sobre ASI e comportamentos autoprotetivos. Nas sessões, foram trabalhadas concepções sobre ASI, sentimentos bons e ruins, identificação de situações inseguras e de características dos abusadores, habilidades de enfrentamento e comportamentos adequados diante de uma situação abusiva, com enfoque em atitudes a serem tomadas no momento de ocorrência do ASI. O programa aplicou metodologias ativas como role-play, modelagem, leituras de casos, vídeos, jogos de verdadeiro ou falso, discussão e estudos em grupo. Um pré/pós-teste foi usado para examinar a eficácia do CSAPE e consistiu em um questionário com 16 perguntas, sendo 10 direcionadas ao conhecimento sobre ASI e seis sobre o comportamento de autoproteção, além da inclusão de características demográficas e da utilização de um grupo de controle e um grupo interventivo para mensuração.

O programa *Body Safety Training* - BST (Treinamento Seguro Para o Corpo, em tradução livre) foi desenvolvido introdutoriamente pelo Dr. Wurtele e começou a ser aplicado a partir de 1990 para crianças americanas, sendo posteriormente replicado na China, na Turquia e no Irã. De modo geral, o programa foi desenvolvido a partir de um livro-texto e uma técnica de role-play para discutir temas como o domínio do próprio corpo, a localização e a nomeação das partes íntimas, a definição de contatos apropriados e inapropriados, a síndrome do segredo e a diminuição da culpa. Além das diferenças culturais, os três estudos também demonstraram variações no procedimento de aplicação do BST, diversificando a intervenção no momento da transmissão dos conhecimentos para os pais ou professores e o tempo de aplicação. A seguir, serão descritas todas as variações e formas de aplicação realizadas por cada autor, bem como os modos de utilização do livro aplicado por pais e professores.

O estudo conduzido por Jin et al. (2017) comparou um grupo controle e dois grupos intervenção do BST, em que um grupo foi conduzido por professores e outro por pais, com alunos do ensino primário de faixa etária entre sete a 11 anos. No primeiro grupo de

intervenção, após receberem as instruções, os professores praticavam o treinamento com as crianças em três sessões de 30 minutos que aconteciam em um intervalo máximo de 15 dias. No segundo grupo, conduzido pelos pais, foi repassado um livro-texto para aplicação no ambiente doméstico com os filhos. Os resultados constataram que as crianças que receberam o BST, independentemente de quem foi o responsável pela aplicação, aumentaram o conhecimento geral sobre o ASI e os comportamentos protetivos em relação ao grupo controle. Ademais, o efeito da intervenção foi observado de maneira mais significativa nas crianças treinadas pelos professores e nas crianças mais novas. Um dado importante evidenciou que, quando analisado separadamente, o comportamento de "dizer não" permaneceu estável após a intervenção, demonstrando baixa efetividade do BST para aumentar a resistência em casos de ASI em curso.

No estudo conduzido por Khoori et al. (2020), o BST foi aplicado por mães em suas respectivas filhas - a aplicação foi realizada apenas em meninas. Antes de aplicar, as mães passaram por dois dias de treinamento sobre a importância da prevenção do ASI e levaram o material didático do BST para utilização. O treinamento teve como ideia central repassar que não era apropriado um adulto tocar ou olhar as partes íntimas da criança. Os resultados demonstraram que as crianças que passaram pelo treinamento ampliaram significativamente seus conhecimentos e habilidades de proteção, o que foi mensurado pelo *Personal Safety Questionnaire – Persian* (PSQ-P) e pelo *'What If' Situations Test – Persian* (WIST-P).

No estudo de Tunc et al. (2018), o treinamento foi realizado em escolas pelos professores, utilizando o livro-texto específico para esse contexto. A aplicação foi feita com grupos de seis a 10 crianças, com a duração de 10 sessões de 20 a 25 minutos, abordando temas gerais de segurança corporal. Os resultados medidos pelos instrumentos apresentaram melhoras em conhecimentos e habilidades para proteção do ASI.

Por fim, Kucuk et al. (2017) utilizaram ilustrações construídas no estudo para ensinar comportamentos autoprotetivos em crianças entre 10 e 14 anos de idade com deficiência intelectual moderada. A aplicação estava vinculada ao centro de reabilitação e envolvia tarefas de casa a serem realizadas com os pais. Foram realizadas sessões individuais e presenciais abordando temas como toque adequado e inadequado, partes íntimas e revelação. A avaliação pós-teste demonstrou benefícios da intervenção para as crianças envolvidas.

A retenção de conhecimento foi avaliada por dois ensaios conduzidos, respectivamente, por Kim e Kang (2016) e Wood e Archbold (2015). Para Kim e Kang, o tempo e a retenção não ficaram claros nas avaliações realizadas. Por sua vez, Wood e Archbold asseguraram que dados demográficos como idade, sexo, arranjo e renda familiar influenciam o nível educacional e a retenção do conhecimento, indicando que as meninas, em geral, apresentam maior aproveitamento do treinamento e que famílias monoparentais e de renda única retêm menos conhecimentos.

Ademais, Wood e Archbold (2015) destacam que o conhecimento adquirido pelas crianças nos programas de prevenção, em geral, não perdura além de um ano. Esses autores sugerem que os programas interventivos sobre ASI apresentam efeitos limitados, necessitando de atividades que reforcem os conhecimentos adquiridos periodicamente. Afirmam, todavia, que metodologias ativas aumentariam o tempo de retenção de conhecimentos e das habilidades autoprotetivas, assegurando que as crianças no programa RFGFP conseguiram reter as informações ensinadas por até dois anos após a aplicação.

4. Discussão

A seguir, serão apresentados os componentes selecionados dos programas avaliados para compor o Programa de Educação Preventiva Primária contra Violência Sexual de Crianças e Adolescentes: (1) Grupo único, (2) Delineamento quase experimental, (3) Pré-teste - Avaliação de retenção de conhecimento, (4) Questionário inclusão de características demográficas, (5) Estratégia guia visual (cartilha), (6) Estratégia guia visual (cartilha) e (7) Pós-testes - Avaliação de retenção de conhecimento. O processo de seleção dos componentes está ilustrado na Tabela 2.

Tabela 2

Componentes selecionados dos programas

Componentes do programa	**Wood e Archbold (2015)**	**Morris et al. (2017)**	**Firnges e Amann (2016)**	**Kim e Kang (2017)**	**Jin et al. (2017)**
1. Grupo único	x		x		
2. Delineamento quase experimental				x	
3. Pré-teste - Avaliação de retenção de conhecimento	x	x	x	x	X
4. Questionário inclusão de características demográficas				x	
5. Estratégia guia visual (cartilha)	x				
6. Treinamento de habilidades comportamentais, ensaio, cenários e dramatização		x	x		X
7. Pós-testes - Avaliação de retenção de conhecimento	x	x	x	x	X

Ao analisar os programas de prevenção primária, buscou-se intervenções possíveis de serem replicadas tanto nos territórios da cidade de Manaus quanto no interior do

Amazonas. Em seguida, realizou-se a seleção de componentes que viabilizassem o treinamento de aquisição de habilidades de autoproteção em crianças contra a violência sexual infantil. Para isso, foi escolhido o questionário com características sociodemográficas (Kim & Kang, 2016). A inclusão do questionário socioeconômico permite a obtenção de dados específicos da região amazônica, considerando as particularidades culturais, econômicas e sociais, o que é crucial para personalizar as intervenções e garantir que sejam culturalmente sensíveis.

Conforme descrito por Wood e Archbold (2015), Morris et al. (2017), Firnges e Amann (2016), Kim e Kang (2016) e Jin et al. (2017), a utilização de pré e pós-testes foi identificada como fundamental para avaliar a eficácia das intervenções na realidade amazônica. Incorporar diferentes estudos permite abordar a diversidade de contextos, além de oferecer a possibilidade de adaptar as avaliações de acordo com as nuances locais.

A utilização do questionário pré e pós-teste no programa de prevenção primária para a prevenção da violência sexual contra crianças pode ser justificada como uma ferramenta de avaliação que permite mensurar o impacto e a eficácia das intervenções. Assim como na perspectiva didático-pedagógica, o uso desses instrumentos pode facilitar o processo de ensino e aprendizagem ao identificar o nível inicial de conhecimento e compreensão dos participantes, bem como avaliar o progresso e a aquisição de novos conhecimentos após a intervenção. Analisando os dados coletados pelos instrumentos de pré e pós-teste, é possível verificar não apenas se houve uma apropriação conceitual, mas também um ganho de aprendizagem (Esser & Clement, 2023).

Em seguida, escolheu-se um grupo único e o delineamento quase-experimental, conforme proposto por Kim e Kang (2016). Essa escolha se deu em virtude do estudo de natureza quase-experimental procurar identificar relações de causa-efeito, controlando deliberadamente as condições que determinam os acontecimentos, sem, no entanto, ter um controle absoluto sobre eles. Estes estudos são, por norma, o método mais indicado para fazer inferências causais, sendo adequados para observar os efeitos de uma intervenção particular num grupo específico, como é o caso de crianças em um contexto regional (Euzébio et al., 2021).

Em função da sensibilidade do tema da violência sexual, é fundamental adotar abordagens que minimizem impactos negativos sobre os participantes, especialmente em locais com grande incidência de casos, como nos municípios do interior do Amazonas (Leitão, 2016). A escolha de um grupo único permite uma abordagem mais cuidadosa e

personalizada para atender às necessidades específicas dos sujeitos envolvidos. A utilização de um delineamento quase-experimental respeita princípios éticos e auxilia a proteger a integridade e o bem-estar dos participantes, considerando que pode ser impraticável ou inadequado designar aleatoriamente participantes para grupos de controle e experimentais, sobretudo diante de uma temática delicada.

Outrossim, é importante considerar que o Amazonas possui uma diversidade cultural e social significativa, e que alguns municípios do interior apresentam dificuldades em termos de recursos e infraestrutura. A adoção de um delineamento quase-experimental permite uma implementação mais flexível das intervenções, considerando particularidades locais, o que contribui para a eficácia e a aceitação das estratégias de prevenção.

Posteriormente, identificou-se a cartilha como material instrutivo que pode ajudar as crianças a compreenderem melhor as orientações oferecidas pelo programa. O material será desenvolvido com o auxílio de pesquisadores locais e inspirado em estudos específicos da região, fatores essenciais para fortalecer a relevância cultural da cartilha, além da importância de realizar adaptações à linguagem, ao contexto e aos valores amazônicos para assegurar a compreensão e a eficácia da mensagem. A cartilha estimulará atividades de leitura com crianças para compreensão de conteúdos sobre os seus direitos, sobre a violência sexual e as formas de se proteger, e será inspirada nos estudos de Wood e Archbold (2015), que se utilizam de uma estratégia guia visual (cartilha) para apresentação da temática de violência sexual infantil (Soma & Williams, 2019).

O uso de uma cartilha impressa em áreas ribeirinhas com pouco acesso à internet e acessibilidade se caracteriza como uma ferramenta acessível, possibilitando que as crianças tenham a oportunidade de aprender, independentemente de sua localização ou situação de conectividade. Ademais, o uso de materiais com estímulos visuais impressos e táticos melhoram a concentração na leitura e proporcionam maior compreensão dos conceitos e estratégias a serem ensinadas durante o programa. De acordo com os registros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2022, os estudantes do Amazonas estavam entre os que menos tinham acesso à internet (IBGE, 2022).

O cenário psicodramático foi escolhido como um caminho lúdico e será utilizado a partir de temas relacionados a situações apropriadas e inapropriadas que se referem à violência sexual, com o objetivo de identificar as decisões tomadas pelas crianças e ensinar o comportamento assertivo diante de uma situação de perigo, conforme as estratégias dos estudos desenvolvidos por Moris et al. (2017), Firnges e Amann (2016) e Jin et al. (2017).

Os cenários permitem a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos, considerando situações específicas da realidade amazônica, o que promove a internalização dos conceitos e prepara as crianças para o enfrentamento efetivo de situações em que se sintam desconfortáveis.

A aplicação do cenário permite a expressão verbal de forma lúdica, por meio da criação de um ambiente utilizando a ação psicodramática. Esse formato possibilita às crianças o compartilhamento de experiências e emoções, superando sentimentos como medo, raiva e vergonha, comuns em situações relacionadas à violência sexual (Moreira & Costa, 2021).

5. Considerações Finais

A análise dos programas de prevenção primária apresentados revela a necessidade de uma abordagem abrangente e adaptável para enfrentar o desafio do abuso sexual infantil na região amazônica. A seleção criteriosa de intervenções, incluindo questionários socioeconômicos e a aplicação de pré e pós-testes, demonstra a necessidade de considerar as especificidades culturais e sociais locais, garantindo que as estratégias sejam culturalmente sensíveis e eficazes. A escolha de um delineamento quase-experimental evidencia uma preocupação ética e prática em proteger o bem-estar dos participantes, especialmente em contextos sensíveis como o da violência sexual infantil.

A elaboração de materiais instrutivos, como a cartilha desenvolvida em parceria com pesquisadores locais, e a utilização de estratégias lúdicas, como o cenário psicodramático, destacam a importância de métodos acessíveis e engajadores para alcançar crianças em áreas com limitações de recursos e infraestrutura. Além disso, tais abordagens permitem não apenas a transmissão de conhecimento, mas também a expressão e o processamento de emoções, fundamentais para lidar com situações delicadas como o abuso sexual.

Além das estratégias direcionadas às crianças e à comunidade, faz-se fundamental envolver os órgãos governamentais e as instituições locais na implementação de políticas públicas voltadas para a prevenção do abuso sexual infantil. Essa medida inclui o fortalecimento dos sistemas de proteção à infância, o estabelecimento de protocolos de atendimento a vítimas e a capacitação de profissionais da saúde, da educação e da assistência social para identificar e intervir em casos de violência sexual. Investimentos em infraestrutura, como a melhoria do acesso a serviços de saúde e assistência social, são igualmente essenciais para garantir o apoio adequado às vítimas e suas famílias. Ao integrar abordagens educacionais com ações governamentais e comunitárias, é possível criar um ambiente mais seguro e protetivo para as crianças da região amazônica.

Como limitação, este programa se apresenta como uma nova estratégia sistematizada que necessita ser avaliada a longo prazo, dentro do contexto amazônico, além de apresentar uma amostra limitada de participantes. Quanto aos conteúdos ensinados para as crianças, caso não sejam reforçados periodicamente, podem diminuir com o passar do tempo.

Como implicações práticas do estudo, as crianças podem sentir desconforto ao participar de atividades interventivas de programa preventivo primário contra violência sexual, em função da sensibilidade do tema, que pode desencadear sintomas como ansiedade e medo. Outra implicação envolve a logística para a realização das atividades, considerando as grandes distâncias e características geográficas da região amazônica, em que o acesso ocorre majoritariamente por via fluvial, o que pode interferir na execução das atividades.

Os programas de prevenção primária sobre ASI devem envolver profissionais, pais e comunidades para que se desenvolva uma cultura de proteção efetiva para as crianças. Outrossim, fatores como a vulnerabilidade social e econômica podem gerar suscetibilidade a situações de abuso e exploração sexual.

A eficácia dos programas de prevenção primária contra o abuso sexual infantil na Amazônia depende não apenas da implementação de estratégias específicas, mas do reconhecimento da complexidade dos contextos locais e da colaboração com a comunidade. A promoção de uma cultura de respeito, igualdade e saúde mental requer uma abordagem multifacetada, que capacite tanto as crianças quanto os adultos a reconhecerem seus direitos, compreenderem os riscos e agirem para proteger os mais vulneráveis.

Referências

Abreu, S., Miranda, A. A.V., Murta, S. G. (2016). Programas preventivos brasileiros: quem faz e como é feita a prevenção em saúde mental?. *Psico-USF*, *21* (1), 163-177. https://doi.org/10.1590/1413-82712016210114

Brasil. (2023). Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). https://portalsinan.saude.gov.br/sinan-net.

Esser, L., Clement, L. (2023). O uso do instrumento de pré e pós teste na Abordagem Temática: identificando aspectos relativos à apropriação conceitual. *Ensino e Tecnologia em Revista*, *7* (3), 894-907. http://dx.doi.org/10.3895/etr.v7n3.16825

Euzébio, C., Soares, D., Soares, T. (2021). Reflexão crítica sobre estudos Quase-Experimentais. In A. Moreira, P. Sá, A. P. Costa (Orgs.), *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: métodos*. (vol.1). (pp. 81-92). UA Editora.

Ferreira, E. R., Aznar-Blefari, C., Priolo Filho, S. R., Zibetti, M. R. (2022). Revisão Integrativa sobre a efetividade de intervenções preventivas do abuso sexual infantil. *Psicologia: Teoria e Prática*, *24*(2). https://doi.org/10.5935/1980-6906/eptpcp13373.pt

Ferreira, M. F. (2019). *A formação de professores como agentes de prevenção do abuso sexual infantil.* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de São Carlos]. https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/14205/Michele_Ferreira.pdf?sequence=1

Firnges, C., Amann, S. (2016). Evaluation des Theaterstücks „Trau dich! Ein starkes Stück über Gefühle, Grenzen und Vertrauen“ im Rahmen der bundesweiten Initiative zur Prävention des sexuellen Kindesmissbrauchs. *Bundesgesundheitsbl*, 59(1), 57–65. https://doi.org/10.1007/s00103-015-2266-7

(49), 239-257. https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.9474

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *Informações atualizadas sobre tecnologias da informação e comunicação*. https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21581-informacoes-atualizadas-sobre-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao.html

Jin, Y., Chen, J., Jiang, Y., Yu, B. (2017). Evaluation of a sexual abuse prevention education program for school-age children in China: A comparison of teachers and parents as instructors. *Health Education Research*, *32*(4), 364–373. https://doi.org/10.1093/her/cyx047

Khoori, E., Gholamfarkhani, S., Tatari, M., & Wurtele, S. K. (2020). Parents as teachers: Mothers' roles in sexual abuse prevention education in Gorgan, Iran. *Child Abuse & Neglect*, 109(104695), 1–11. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104695

Kim, S. J., Kang, K. A. (2016). Effects of the Child Sexual Abuse Prevention Education (C-SAPE) Program on South Korean Fifth-Grade Students Competence in Terms of Knowledge and Self-Protective Behaviors. *The Journal of School Nursing*, *33*(2), 123–132. https://doi.org/10.1177/1059840516664182

Kucuk, S., Platin, N., & Erdem, E. (2017). Increasing awareness of protection from sexual abuse in children with mild intellectual disabilities: An education study. *Applied Nursing Research*, 38, 153–158. https://doi.org/10.1016/j.apnr.2017.10.016

Leitão, C. L. (2016). *Limites e possibilidades: uma tentativa de aproximação antropológica com a realidade de adolescentes em situação de exploração sexual na Cidade de Manaus*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas, AM. https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5436

Moreira, D. L., Costa, L. F. (2021). Intervenção psicossocial na violência sexual contra crianças: reflexividade e recurso psicodramático. *Rev. Bras. Psicodrama*, *29* (1), 16-25. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932021000100003&lng=pt&tlng=

Mendes, K. D. S., Silveira, R. de C. P., Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto Contexto Enfermagem*, *17* (4), 758-764. https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018

Morris, M. C., Kouros, C. D., Janecek, K., Freeman, R., Mielock, A., Garber, J. (2017). Community-level moderators of a school-based childhood sexual assault prevention program. *Child Abuse & Neglect*, *63*, 295–306. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2016.10.005

Pinheiro, R. C. S. (2021). *Pervasividade de gênero e abuso sexual Infantil: como o gênero afeta as diversas respostas de suporte social envolvidas no processo pós-revelação*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP. https://doi:10.11606/T.47.2021.tde-01102021-222522

Silveira, A. M., Peixoto, B. (2010). *Manual de Avaliação de Programas de Prevenção da Violência*. Organização Panamericana de Saúde.

Soma, S. M. P., Williams, L. C. A. (2019). Livro infantil especializado como estratégia de prevenção do abuso sexual. *Psicologia: Teoria e Prática*, *21*(1), 186-203. https://doi:10.5935/1980-6906/psicologia.v21n1p186-203

Tunc, G. C., Gorak, G., Ozyazicioglu, N., Ak, B., Isil, O., & Vural, P. (2018). Preventing child sexual abuse: Body safety training for young children in Turkey. *Journal of Child Sexual Abuse*, 27(4), 347–364. https://doi.org/10.1080/10538712.2018.1477001

Wood, M., Archbold, C. A. (2015). Bad touches, getting away, and never keeping secrets: Assessing student knowledge retention of the “Red Flag Green Flag People” program. *Journal of Interpersonal Violence*, *30*(17), 2999–3021. https://doi.org/10.1177/0886260514554426

World Health Organization - WHO. (2006). *Preventing child maltreatment: A guide to talking action and generating evidence*. https://www.who.int/publications/i/item/preventing-child-maltreatment-a-guide-to-taking-action-and-generating-evidence

ARTIGO 2

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PREVENTIVA PRIMÁRIA CONTRA ABUSO SEXUAL INFANTIL (PEPPASI): EVIDÊNCIAS DE EFICÁCIA DE UM ESTUDO PILOTO QUASE EXPERIMENTAL NO NORTE DO BRASIL

RESUMO

Este estudo piloto teve como objetivo desenvolver e avaliar a eficácia do Programa de Educação Preventiva Primária Contra o Abuso Sexual Infantil (PEPPASI) na Comunidade de Educandos, Amazonas. O programa visa capacitar crianças de 8 a 12 anos com habilidades de autoproteção contra abuso sexual infantil (ASI). A metodologia foi realizada em três etapas. Na Etapa I, entre maio e junho de 2024, foram recrutadas crianças do Projeto de Extensão Maria Jiquitaia da UFAM, com apoio da líder comunitária local, e selecionadas de acordo com critérios de inclusão estabelecidos. A Etapa II incluiu uma reunião com pais ou responsáveis para explicar o objetivo da pesquisa e obter consentimento, seguida pela aplicação de um questionário sociodemográfico através da ferramenta Google Forms. Após isso, as crianças participaram da coleta de dados por meio de gravações de áudio após receberem informações adaptadas ao seu nível de compreensão. Na Etapa III, foi realizado um estudo quase experimental com 24 crianças, utilizando medidas de pré-teste (T1) e pós-teste (T2) para avaliar o impacto do programa. O pré-teste foi administrado individualmente em uma sala controlada, com apoio dos aplicadores no uso de celulares e Google Forms. A intervenção incluiu atividades educativas sobre direitos e autoproteção. Os principais achados indicam um aumento significativo no conhecimento das crianças sobre ASI e habilidades de autoproteção após a intervenção. A pesquisa revelou que o PEPPASI foi eficaz em melhorar a conscientização e as habilidades das crianças, sugerindo que programas similares poderiam ser benéficos em outras regiões com desafios semelhantes.

Palavras-chave: crianças, intervenções, eficácia e Amazonas/Amazônia.

1. Introdução

A violência sexual (VS) contra crianças e adolescentes passou a ser classificada como uma categoria de maus-tratos no final da década de 1990 e tornou-se um problema de saúde pública de alcance mundial, reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (World Health Organization, 1999). Isso se deve à sua prevalência, às graves consequências para as vítimas e aos custos econômicos decorrentes dos danos emocionais e comportamentais associados (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2020).

A VS consiste em atos sexuais que envolvem coerção, comercialização e práticas sexuais indesejadas (Teodoro, 2022). Entre as formas de violência, o abuso sexual na infância está relacionado à incapacidade das crianças de compreender ou consentir com a prática sexual, além de envolver perpetradores que possuem responsabilidade, confiança ou poder sobre as vítimas (Ferreira et al., 2022).

No abuso sexual infantil (ASI), ocorre uma interação sexual entre um adulto e uma criança, mas também pode envolver uma criança mais velha que esteja em um estágio de desenvolvimento sexual mais avançado, em ambas as situações, o perpetrador da violência busca sua própria satisfação sexual (Türkkan et al., 2024). As interações sexuais podem variar em termos de atos, abrangendo desde situações que não envolvem contato físico, como *voyeurismo*, exibicionismo e a divulgação ou produção de fotos, até aqueles que incluem contato sexual com ou sem penetração (Silva, 2020).

É importante destacar que o abuso sexual não exige necessariamente contato físico entre o agressor e a vítima para ser caracterizado como tal. Dessa forma, o abuso sexual infantil (ASI) pode ocorrer com ou sem toque físico. Além disso, não é necessário esperar a presença de indícios corporais visíveis para classificar um ato como violência sexual (Behrens et al., 2022). Os episódios de ASI podem ocorrer em diferentes contextos, mas, na maioria das vezes, acontecem no ambiente intrafamiliar, ou seja, dentro da própria residência da vítima, sendo geralmente perpetrados por familiares que desempenham papéis de cuidadores ou por pessoas próximas em quem a vítima confia. Em geral, o agressor tende a escolher vítimas mais vulneráveis, inseguras, carentes afetivamente e com baixa autoestima, perfis que tornam mais difícil para as crianças identificarem situações abusivas (Brasileiro & Fonseca, 2023; Silva et al., 2023).

Isso faz com que a vítima frequentemente se torne vulnerável a outras situações de vitimização, devido à exposição a uma violência silenciosa marcada por um jogo de

sedução gradual (Berkowitz et al., 1994). Embora cada episódio de abuso sexual infantil possa apresentar características específicas, geralmente é possível identificar um padrão recorrente nos atos (Hohendorff et al., 2017). Esses atos incluem manipulação e estratégias graduais empregadas pelo agressor para desestabilizar e controlar a vítima, aumentando progressivamente sua vulnerabilidade e isolamento.

Assim, o ASI pode ocasionar uma série de sintomas e consequências, tanto de curto quanto de longo prazo. As consequências de longo prazo referem-se àquelas que surgem dois anos após a exposição à situação abusiva. Os primeiros sintomas psicológicos que se destacam após o ASI incluem, depressão, ansiedade, baixa autoestima, sentimento de culpa, condutas autolesivas, comportamentos sexualizados inadequados para a idade, agressividade, danos cognitivos, sexualidade insatisfatória e disfuncional na vida adulta, comportamentos sexuais de risco, gravidez na adolescência, prostituição e transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) (Ferreira et al., 2022).

No Brasil, o último Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, ao abordar questões sobre ASI, mostrou que entre o período de 2015 a 2021 foram identificados 83.311 casos de violência sexual sendo a maioria das vítimas 76,8% do sexo feminino e 23,2% do sexo masculino (Brasil, 2024). Além disso, o Atlas da Violência de 2024 em seu relatório apontou que entre as crianças prevalecem a violência sexual com 65,1% e que crianças do sexo feminino são as principais vítimas correspondendo ao percentual de 30,4% (Cerqueira & Bueno, 2024).

Observa-se, que as taxas de prevalência de ASI são semelhantes em vários países, mostrando que de 15% a 32% das mulheres e de 5% a 16% dos homens vivenciaram, ao menos, um episódio de abuso sexual no decorrer da infância (Kim & Kang, 2017). O abuso sexual infantil tornou-se uma das violências mais presentes entre crianças e adolescentes, alcançando cerca de 11,8% desta população no mundo (Pinheiro, 2021).

A análise de dados específicos do Amazonas revelou a ocorrência de 9.035 casos de violência sexual contra crianças e adolescentes no período de 2019 a 2023. Constata-se que 52,6% correspondem ao ASI praticado com crianças entre a faixa etária de 0 a 14 anos e 2,3% envolvem exploração sexual. Destaca-se que a persistência e a reincidência dos episódios de abuso resultaram em uma taxa de gravidez precoce de 50,7% entre meninas na faixa etária de 10 a 14 anos. Quanto aos locais onde ocorreram os casos de abuso sexual infantil (ASI), 80,5% dos episódios se deram na residência das vítimas. Dos agressores, 42,8% pertencem ao núcleo familiar das vítimas, enquanto outros são conhecidos ou amigos. A

maioria das vítimas, 92,6%, é do sexo feminino, está matriculada em escolas e cursa do 5º ao 8º ano do ensino fundamental (Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas - Dra. Rosemary Costa Pinto [FVS-RCP], 2024).

Apesar dos esforços internacionais, nacionais e regionais para reconhecer a vulnerabilidade das crianças e adolescentes ao abuso sexual infantil (ASI) e suas consequências, ainda são necessárias novas abordagens para enfrentar essa violência. Especificamente na região do Estado do Amazonas, as pesquisas podem desempenhar um papel de importante contribuição, ao fortalecer e criar estratégias para desenvolver programas teóricos e conceituais voltados para a prevenção, com foco em programas preventivos primários contra o ASI.

O Programa de Educação Preventiva Primária Contra o Abuso Sexual Infantil (PEPPASI) foi criado com objetivo de desenvolver um programa de prevenção primária contra violência sexual de crianças no Amazonas, para ensinar as crianças entre 08 e 12 anos, habilidades comportamentais de autoproteção por meio de intervenções com formato multicomponente, que compõem a combinação de diferentes abordagens e técnicas (e.g. psicoeducação, atividades coletivas, psicodrama).

O PEPPASI se organiza a partir da seguinte estrutura: a) aplicação de questionário T1 (pré-teste), b) 1º sessão com apresentação e leitura da cartilha (guia visual) produzida pelos pesquisadores do curso de psicologia da Universidade Federal do Amazonas, nela consta instruções sobre quais comportamentos as crianças devem emitir em situações de risco de Abuso Sexual Infantil (ASI) e conhecimentos sobre seus direitos, c) 2º sessão consiste na contação da história da Tartanina (psicodrama e atividades coletivas) para ampliar o repertório de comportamentos autoprotetivos, reforçando os comportamentos de reconhecer, resistir e relatar e por fim, d) aplicação de questionário T2 (pós-teste). Destaca-se que os questionários de avaliação, aplicados pré (T1) e pós-teste (T2) da intervenção, foram utilizados para verificar mudanças no conhecimento das crianças sobre: (1) Direitos, (2) Abuso sexual infantil (ASI), (3) autoproteção. Essa forma de aplicar o instrumento foi utilizada para investigar a eficácia do PEPPASI com abordagem que permitiu a análise de possíveis mudanças no entendimento e nas atitudes das crianças em relação ao ASI, fornecendo evidências concretas sobre a eficácia das estratégias e conteúdos abordados pelo programa.

Para o desenvolvimento do programa, foram utilizados recursos metodológicos baseados em literatura internacional, devido à escassez de programas de prevenção

primária contra o abuso sexual infantil (ASI) no Brasil. Estudos recentes destacam a falta de informações consistentes sobre as características e a eficácia das intervenções preventivas para o ASI, especialmente no contexto brasileiro, evidenciando a necessidade de criação de programas adaptados às especificidades nacionais (Ferreira et al., 2022).

Para cumprir o objetivo estabelecido pelo PEPPASI de implementar o programa de prevenção primária para treinar crianças em habilidades de autoproteção contra o abuso sexual infantil, foi necessário treinamento dos observadores, incluindo a familiarização com leituras relevantes, os objetivos do programa, as sessões planejadas e o protocolo de implementação. Após esse refinamento, foi realizado um estudo piloto quase experimental para avaliar a eficácia do programa, usando um grupo experimental único para mensurar seus efeitos e impacto.

2. Método

2.1 Delineamento

Trata-se de um estudo quase experimental de grupo para avaliação do Programa de Educação Preventiva Primária contra Abuso Sexual Infantil, com avaliação pré-teste (T1) e pós-teste (T2, imediato após a finalização do programa), no grupo quase experimental com objetivo de avaliar as habilidades autoprotetivas das crianças com foco na prevenção de violência sexual infantil.

2.2 Participantes

Participaram 24 crianças, sendo 66,6% meninas e 33,3% meninos, residentes no bairro de Educandos na região metropolitana de Manaus, com média de idade de 9,7 anos (DP=1,36). Em relação à autoidentificação, 54,1% eram pardas, 25% negras e 20,8% brancas. No que diz respeito à escolaridade, 37,5% cursavam o 4º ano, 25% estavam no 3º ano, 20,8% no 6º ano, 12,5% no 5º ano e 4% no 7º ano do ensino fundamental. Com relação à moradia, 66,6% residiam com a mãe, 20,8% com o pai e 12,5% com outras pessoas (avós, tios). Trata-se de amostra não probabilística, do tipo intencional, e os participantes foram convidados após o consentimento dos pais e/ou responsáveis. Para compor a amostra, os participantes atenderam aos seguintes critérios de inclusão: a) crianças de ambos os sexos b) ter a idade entre 08 a 12 anos; b) residir no Bairro de

Educandos; c) estar matriculado em escolas do Bairro de Educandos; d) saber ler e escrever.'

2.3 Instrumentos

a) Questionário Sociodemográfico para Pais/Responsáveis - objetivou conhecer aspectos importantes da vida da criança e a realidade da sua família, com questões sobre gênero, idade, raça/etnia, escolaridade, situação econômica da família e membros da família.

b) Questionário sobre Conhecimento de Abuso Sexual Infantil (pré e pós-testes) o instrumento foi produzido pelos autores para esse estudo, constituído por vinte perguntas com escolha binária (sim/não), contendo questões sobre conhecimento de ASI para habilidades de autoproteção. O questionário foi aplicado no pré e pós-testes do programa para avaliar se o conhecimento das crianças aumentou após a intervenção.

2.4 Procedimentos Éticos

O presente estudo foi avaliado pelo Comitê de Ética e Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) sob o parecer nº 77545224.2.0000.5020. Os pais ou responsáveis das crianças assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), concordando em participar do estudo. A seguir, o Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) foi adaptado ao público infantil, apresentado de forma verbal/oral, com uma linguagem acessível e lúdica depois de informados, as crianças expressaram sua participação através da gravação de áudio.

2.5 Procedimentos de Coleta de Dados

Na aplicação do PEPPASI junto às crianças, todo o processo interventivo e aplicação do pré e pós-testes contou com a participação dos acadêmicos de graduação do curso de psicologia e do projeto de extensão Maria Jiquitaia da Universidade Federal do Amazonas, os auxiliares de pesquisa foram estudantes da graduação de psicologia, e se organizaram em grupos, como por exemplo, grupo do lanche, grupo que realizava brincadeiras lúdicas e grupo de aplicadores.

A coleta de dados foi realizada em três etapas: A Etapa I envolveu o recrutamento dos participantes, que ocorreu entre maio e junho de 2024. Essa fase incluiu a identificação das crianças que frequentavam o Projeto de Extensão Maria Jiquitaia da UFAM, localizado

na Comunidade de Educandos. O recrutamento foi feito em colaboração com a líder comunitária do bairro, e as crianças selecionadas foram aquelas que atendiam aos critérios de inclusão estabelecidos.

A Etapa ll ocorreu a partir de uma reunião com os pais ou responsáveis das crianças onde e foi explicado o objetivo da pesquisa, com informações que constavam no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguida da assinatura do consentimento dos participantes, foi aplicado questionário sociodemográfico para caracterização social das famílias aos pais ou responsáveis por meio do preenchimento do recurso utilizado da ferramenta *Google Forms* como instrumento de pesquisa. Posteriormente, apresentou-se o Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) Verbal/ Oral para as crianças seguindo um roteiro de perguntas objetivas e diretas com uma linguagem acessível, lúdica e com respostas de fácil compreensão depois de informados, as crianças expressaram sua participação através da gravação de áudio.

Na Etapa III, foi realizado um estudo quase experimental com medidas de pré-teste (T1) e pós-teste (T2, aplicadas imediatamente após a conclusão do programa), utilizando um grupo único. O estudo envolveu 24 crianças com idades entre 8 e 12 anos e foi realizado em julho de 2024. O pré-teste (T1) foi conduzido individualmente em uma sala de aula preparada para garantir um ambiente favorável e sem distrações. As crianças responderam ao questionário, acessível por meio de celulares fornecidos pelos aplicadores, que ficaram presentes durante todo o processo para auxiliar no preenchimento do questionário utilizando a ferramenta Google Forms.

Após a aplicação do pré-teste, foi realizada a primeira sessão do programa. Nesta etapa, foi distribuída uma cartilha (guia visual) e as crianças participaram de uma leitura coletiva. Os conteúdos abordados incluíam direitos das crianças, tipos de violência, abuso sexual infantil (ASI), exploração sexual e formas de proteção. Durante a leitura, foram promovidos diálogos e discussões sobre o tema, com o objetivo de facilitar a compreensão e reflexão sobre os assuntos tratados.

Em seguida, ocorreu a contação de história a partir do livro: O segredo de Tartanina (Silva, Soma & Watarai, 2011) foi realizado um conjunto de atividades lúdicas para reforçar os comportamentos autoprotetivos, identificar, resistir e relatar a uma pessoa de confiança conforme a história recomendava. A Musicalização foi um desses recursos utilizados durante esta sessão, para auxiliar no processo ensino aprendizagem Costa &

Oliveira (2023), visto que este pode contribuir com o desenvolvimento cognitivo, memorização, concentração, atenção e autodisciplina das crianças.

Após a contação de histórias, as crianças foram convidadas a dramatizar a narrativa, criando um novo final e incluindo novos personagens. Para essa atividade, foram disponibilizados adereços e fantasias inspirados em lendas regionais e em animais da Amazônia, como o boto cor-de-rosa, a onça, a tartaruga, o curupira, além de adereços com o símbolo da campanha "Faça Bonito". Durante essa sessão, foram criadas novas versões dramatizadas da história. Além da participação das crianças, os alunos de psicologia da UFAM também estiveram envolvidos na atividade.

A aplicação do pós-teste (T2), se deu após a última sessão de intervenção para avaliar o conhecimento das crianças sobre a temática do ASI, autoproteção e direitos das crianças. Logo em seguida no final do programa realizou-se a distribuição de lanches para as crianças presentes que puderam participar das brincadeiras lúdicas como pular corda, pintura artística no rosto e desenhos livres.

2.6 Procedimentos de Análise de Dados

As análises estatísticas foram realizadas por meio do software JASP 0.18.1 (Jasp, 2023). Análises prévias foram conduzidas para verificar a normalidade com o Teste de *Shapiro-Wilk*. Para a avaliação do programa foi empregada análise quantitativa utilizando o teste de *Wilcoxon* para diferenças pré-teste (T1) e pós-teste (T2) do grupo experimental.

3. Resultados

O teste de normalidade de *Shapiro Wilk* indicou que a amostra não era normal. Foram conduzidas análises com teste de *Wilcoxon*, para avaliação de diferenças de medianas entre pré e pós-intervenção, no grupo experimental. Os resultados foram estatisticamente significativos ($z= -2,722$, $p<0,05$, $r=-0,56$), demonstrando que o nível de habilidades autoprotetivas para prevenção de violência sexual foram significativamente melhores no pós-teste do que no pré-teste (ver tabela 1), com tamanho de efeito médio

Tabela 01.

Estatísticas descritivas sobre Habilidades Autoprotetivas para Prevenção de Violência Sexual

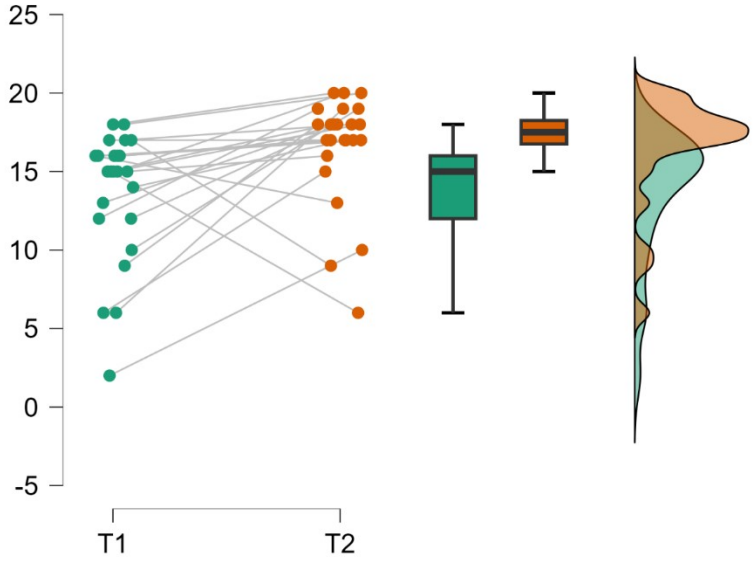
Habilidades Autoprotetivas	Média	Desvio Padrão	Mediana
Pré-Teste	13,5	4.1	15,00
Pós-Teste	16,5	3,5	17,50

No pré-teste, a maioria dos participantes já demonstrava bons conhecimentos em habilidades de autoproteção. No pós-teste, observou-se um aumento no conhecimento geral. Além disso, cinco participantes apresentaram um aumento significativo nas habilidades de prevenção de violência sexual, com médias subindo de 9 para acima de 15 pontos. No entanto, duas crianças tiveram uma diminuição em suas habilidades, com médias abaixo de 10 pontos ao final da intervenção (ver figura 1).

Figura 1.

Apresentação das Diferenças entre Pré-Teste (T1) e Pós-Teste (T2)

T1 - T2



Para verificar se ocorreu diferenças entre grupos em pré-teste (T1) e pós-teste (T2) foi realizado a análise de *Mann Whitney*, considerando gênero (meninos, meninas), escolaridade (grupo 1 - 3º e 4º ano) e (grupo 2 – 5º e 6º), e por fim, idade (grupo 1 – 8, 9 e 10 anos e grupo 2 – 11 e 12 anos). Em relação ao gênero, meninas em T1 (Mdn = 15,00) e meninos T1 (Mdn = 16,00), meninas em T2 (Mdn = 17,00) e meninos em T2 (Mdn = 18,00); U-T1= 48.500; p = 0.500 ; com tamanho de efeito pequeno r_{rb}=0,259; U T2

= 59,500, p=1,000; com tamanho de efeito pequeno r_{rb}= 0,259. No que diz respeito a escolaridade, G1 em T1 (Mdn = 15,00) e G2 em T1 (Mdn = 15,00), e G1 em T2 (Mdn = 17,00) e G2 em T2 (Mdn = 18,00); U – T1 = 74,000; p =0.718; com tamanho de efeito pequeno r_{rb}=0,243; U -T2 = 57,500; p =0.564; ; com tamanho de efeito pequeno rrb=0,243. Para a idade, o G1 em T1 (Mdn = 15,00) e G2 em T1 (Mdn = 15,00), G1 em T2 (Mdn=17,00) e G2 em T2 (Mdn = 18,00); U- T1 = 73,000; p = 0.882; com tamanho de efeito pequeno r_{rb}=0,239; U-T2= 57,000, p = 0,456; com tamanho de efeito pequeno r_{rb}=0,239.

4. Discussão

O ASI é recorrente em todo mundo, fenômeno universal, e uma ameaça para as infâncias das crianças que poderão vivenciar, ao menos, um episódio de abuso sexual nesta fase da vida, as taxas de prevalência apontam semelhança em diversos países, sem distinção de idades, classes sociais, etnias e gêneros, além de ser considerada uma das formas mais graves de violência cometida contra crianças (O'Leary et al., 2017).

Na esfera regional (Amazonas) a Rede de Proteção de Crianças e Adolescentes que contempla articulação e integração em rede das instâncias públicas governamentais e da sociedade civil, vem se empenhando e atuando na articulação de ações e incidências políticas para o enfrentamento da violência sexual infanto-juvenil, buscando a efetivação das leis já existentes como o Estatuto da Criança e do Adolescente com seus dispositivos jurídicos de Proteção Integral da Criança e Adolescente (Carvalho, 2013). Na maioria das vezes suas ações são apenas nas intervenções terciária, ou seja, quando a violência já ocorreu, portanto, essas políticas não são suficientes para realizar a prevenção primária e nem conter a prevalência ASI.

Tais políticas públicas são ferramentas, na qual, o poder público pode investir esforços e recursos para o enfrentamento de violências sexuais contra crianças e adolescentes, mas, nas últimas deliberações das políticas públicas contemplou-se apenas o eixo de responsabilização, eixo de defesa e atendimento do Plano Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. Dessa forma, incluindo somente às crianças e aos adolescentes que já sofreram algum tipo de violência, vale ressaltar, que existem outros eixos do Plano Nacional, entre eles o da prevenção que pouco recebe atenção e investimentos (CRP, 2020).

Para prevenção do ASI, os programas de prevenção primária são considerados um caminho possível, viável, que pode melhorar a competência das crianças para adquirir comportamentos preventivos adequados, além disso, é possível que uma intervenção educacional capacite as crianças para a utilização de estratégias preventivas diante de situações inseguras, dessa forma, colaboram para que as crianças se tornem alvos menos prováveis de abuso e mais capazes de responder, apropriadamente ao ASI (Firnges & Amann, 2016; Jin et al., 2017, Kim & Kang, 2017; Morris et al., 2017; Wood & Archbold, 2015).

Os resultados obtidos pela execução do PEPPASI apresentam dados de eficácia, pois os resultados foram estatisticamente significativos ($z= -2,722$, $p<0,05$, $r=-0,56$), demonstrando que o nível de habilidades autoprotetivas para prevenção de violência sexual foram significativamente melhores no pós-teste do que no pré-teste. Esses dados convergem com a literatura cientifica atual em que afirmam que os programas psicoeducacionais de prevenção sobre ASI podem ser desenvolvidos em diferentes países, com período significativo, e com resultados positivos (Walsh et al., 2015).

Como se trata de um estudo piloto, os resultados iniciais são promissores e sugerem a necessidade de pesquisas adicionais para fortalecer essas evidências. A expansão da amostra e a inclusão de outras comunidades podem fornecer dados mais robustos e abrangentes. Além disso, o programa tem potencial não apenas para ser adaptado a diferentes grupos e contextos, mas também para ser implementado como um programa universal.

Os estudos direcionados para programas preventivos primários são essenciais para compreender como a ausência de pesquisas nessa área afeta negativamente o Brasil. O relatório *Out of the Shadows* Impact (2022) evidenciou a baixa pontuação do país na formulação de ações preventivas, destacando a necessidade urgente de desenvolvimento e implementação de estratégias eficazes. Este relatório analisou leis, políticas e serviços governamentais voltados para a prevenção e combate à exploração e abuso sexual infantil em 60 países, revelando que a falta de estudos sobre programas preventivos primários no Brasil resulta na ausência de políticas públicas robustas e bem estruturadas.

Diante desse cenário, o Programa de Educação Preventiva Primária Contra o Abuso Sexual Infantil (PEPPASI) foi criado com o objetivo de desenvolver e implementar um programa de prevenção primária contra a violência sexual infantil na região do Amazonas. O programa foi projetado para ensinar habilidades comportamentais de autoproteção para

crianças, utilizando intervenções baseadas em evidências e adaptadas às necessidades locais. Este estudo piloto focou na avaliação da eficácia do programa na Comunidade de Educandos, situada no Bairro de Educandos, em Manaus.

O PEPPASI buscou não apenas abordagem prática e adaptada à realidade local, mas também a integração de métodos educativos diversificados e culturalmente adaptados. O programa foi estruturado para oferecer um conjunto de intervenções que combinam psicoeducação, atividades lúdicas e dramatizações com recursos visuais e adereços que refletem a cultura e o ambiente amazônico. A inclusão de elementos como adereços de animais da região e personagens de lendas locais não só complementa a experiência de aprendizagem, mas também facilitou a compreensão e a internalização dos conceitos de autoproteção e direitos das crianças, pois apresentou como uma versão mais adaptada ao contexto das crianças. Ao engajar as crianças em atividades interativas e dinâmicas, o PEPPASI visou criar um espaço acolhedor para a discussão de temas sensíveis, promovendo uma maior conscientização e empoderamento das crianças e mostrou que as crianças devem e podem falar sobre o tema reconhecendo seus direitos e aprendendo a pedir ajuda em situações de risco para sua integridade física e emocional.

Nesse contexto, os dados revelam que, mesmo antes da intervenção, a maioria das crianças participantes já apresentava escores elevados (mediana) de conhecimento sobre abuso sexual infantil (ASI). Este dado inicial sugere uma conscientização pré-existente sobre o tema, que pode ter sido influenciada pela exposição prolongada a atividades educativas no Projeto de Extensão Maria Jiquitaia da UFAM. No entanto, após a implementação das intervenções, observou-se um aumento ainda mais significativo nos escores de conhecimento. Este avanço sublinha a eficácia das estratégias pedagógicas empregadas pelo programa, evidenciando que intervenções bem estruturadas podem potencializar o conhecimento e a capacidade de autodefesa das crianças, mesmo em ambientes desafiadores (Morris et al., 2017).

A persistência e a eficácia dos altos escores de conhecimento sobre ASI são em grande parte atribuídas à abordagem contínua do Projeto, que há mais de dois anos tem promovido atividades direcionadas ao enfrentamento de violências sexuais e à identificação de situações abusivas. Este acompanhamento prolongado sugere que a presença constante do projeto cria um ambiente de aprendizagem e apoio que solidifica o conhecimento e as habilidades de autoproteção das crianças. Os resultados corroboram a literatura científica, que afirma que a exposição contínua a programas preventivos não

apenas aumenta o conhecimento, mas também melhora a capacidade das crianças de reconhecer e reagir a situações de risco (Kim & Kang, 2017).

A melhoria observada nos escores pós-teste reforça a importância dos programas de prevenção primária em contextos de alta vulnerabilidade psicossocial. Em regiões como o Amazonas, onde os recursos educacionais e de saúde são limitados, a implementação de tais programas não só reduz as desigualdades na proteção infantil, mas contribui para a criação de uma rede de suporte que pode atuar de maneira continua nos programas de prevenção. Estes programas podem contribuir na promoção da proteção integral de crianças e adolescentes, oferecendo às crianças em situações de risco ferramentas e conhecimentos que podem colaborar para sua segurança e autoproteção. Além disso, a integração desses programas em comunidades de alta vulnerabilidade pode estimular uma abordagem mais inclusiva e eficaz na prevenção de abuso sexual infantil, alinhando-se com as necessidades locais e ampliando o impacto positivo na vida das crianças (Leitão & Oliveira, 2023).

A ausência de diferenças significativas entre grupos considerando gênero, idade e escolaridade indica que o PEPASSI pode ser uma intervenção universal, aplicável a crianças de ambos os sexos e de diferentes idades e níveis escolares, antes dos 12 anos. Este resultado está de acordo com literatura que defende a necessidade de programas preventivos universais para garantir que todas as crianças tenham a oportunidade de desenvolver habilidades autoprotetivas (Walsh et al., 2015). A universalidade auxilia na eficácia da prevenção do ASI, garantindo que todas as crianças, independentemente de suas características individuais, possam se beneficiar da intervenção (Jin et al., 2017; Kim & Kang, 2017).

A aplicação do PEPPASI em diversas comunidades, com características variadas e níveis diversos de vulnerabilidade, permitirá avaliar sua eficácia em diferentes cenários e ajustar as intervenções para atender às necessidades específicas de cada grupo. Essa abordagem não só contribuirá para o desenvolvimento de estratégias de prevenção mais eficazes e abrangentes no enfrentamento do abuso sexual infantil, mas também poderá estabelecer o programa como um modelo para a promoção da proteção infantil e a educação em autoproteção.

Este estudo representa uma iniciativa inovadora na região Norte do Brasil, marcada pela carência de intervenções preventivas estruturadas e sistemáticas para a prevenção do abuso sexual infantil (ASI). A região enfrenta desafios únicos, como áreas de difícil acesso

e elevados índices de violência sexual infantil. Em particular, o estado do Amazonas apresenta altas taxas de denúncias de violência sexual infantil, com o ano de 2023 registrando a maior variação nas taxas de estupro e estupro de vulnerável entre os estados brasileiros (FBSP, 2023). Esse cenário ressalta a necessidade urgente de programas como o PEPPASI. A implementação e avaliação deste programa piloto no Amazonas não apenas enriquecem a literatura existente, mas também oferecem um modelo valioso para outras regiões com desafios semelhantes. Além de fornecer dados cruciais para o aprimoramento das práticas de prevenção, o PEPPASI pode servir como referência para o desenvolvimento de programas preventivos em contextos com características comparáveis.

5. Considerações Finais

Este estudo piloto avaliou um programa preventivo voltado para o desenvolvimento de habilidades de autoproteção em crianças contra o abuso sexual infantil (ASI) no Amazonas. A importância do estudo é evidenciada pelo elevado número de denúncias de violência sexual infantil na região, conforme relatado pelo Disque Direitos Humanos Relatório 2019 (Equipe da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos [ONDH](2019). Em 2019, o Amazonas figurava em quinto lugar no ranking de denúncias envolvendo crianças e adolescentes, com mais de 17 mil casos de violência sexual registrados.

Para garantir a continuidade e expansão de iniciativas como o PEPPASI, é necessário que haja apoio financeiro público. O financiamento e suporte governamental são essenciais para assegurar a sustentabilidade dos programas e ampliar seu alcance, permitindo que mais crianças sejam beneficiadas.

O programa também desempenha um papel importante na educação das crianças sobre seus direitos. Além de ensinar sobre os limites do corpo e a importância da comunicação, o programa capacita as crianças a reconhecerem e defenderem seus direitos sexuais. Este enfoque ajuda a fortalecer a autoconfiança das crianças e melhora sua capacidade de identificar e relatar situações de abuso, contribuindo para a criação de um ambiente mais seguro e informado para seu desenvolvimento.

Deste modo, o estudo piloto não só contribui para a compreensão da eficácia de programas preventivos no contexto do Amazonas, mas também oferece um modelo que pode ser adaptado e aplicado em outras regiões com desafios semelhantes. A continuidade e a expansão deste tipo de programa são fundamentais para enfrentar o problema do abuso sexual infantil e promover um desenvolvimento mais seguro para as crianças.

O estudo apresenta limitações que precisam ser consideradas para uma interpretação adequada dos resultados. O tamanho da amostra foi relativamente pequeno e não probabilístico o que pode restringir a generalização dos achados para outras populações infantis em contextos diversos. A falta de um grupo controle também representa uma limitação significativa, pois impede a comparação direta dos resultados com um grupo que não recebeu a intervenção, dificultando a atribuição de causalidade aos efeitos observados. Isso sugere que futuras pesquisas com um desenho experimental mais robusto são necessárias para validar os resultados preliminares encontrados neste estudo piloto.

Além disso, a duração do estudo piloto pode não ter sido suficiente para captar mudanças comportamentais a longo prazo nas habilidades autoprotetivas das crianças. Programas de prevenção do abuso sexual infantil frequentemente enfrentam o desafio de demonstrar sustentabilidade ao longo do tempo, requerendo acompanhamento contínuo para avaliar a manutenção dos efeitos positivos observados inicialmente. Portanto, estudos futuros devem considerar períodos de acompanhamento mais longos para investigar a durabilidade dos benefícios proporcionados pelo programa PEPASSI.

Outro aspecto a ser avaliado nesse contexto, o de reconhecer que programas preventivos se concentrem exclusivamente nas crianças, o que poderia perpetuar a culpabilização das vítimas e reforçar estereótipos culturais prejudiciais que já ocorrem no ciclo do abuso. Tais programas devem envolver toda a comunidade, incluindo adultos, estratégias que capacitam homens e mulheres em práticas de proteção infantil são fundamentais para criar um ambiente seguro e responsável para as crianças. Isso envolve não apenas educar as crianças sobre seus direitos e habilidades de autoproteção, mas também promover uma cultura comunitária com uma lógica que proteja as crianças dessa violação de direito.

Este estudo serve como base para a implementação e ampliação de programas preventivos em outras comunidades vulneráveis. Ele demonstra que intervenções educacionais podem ser eficazes mesmo em contextos adversos, fornecendo um modelo para futuras iniciativas de prevenção de ASI. A aplicação prática inclui a capacitação de educadores e líderes comunitários para replicar o programa em diferentes localidades. Além disso, os resultados podem informar políticas públicas voltadas à proteção infantil e prevenção de violência sexual.

O PEPPASI é um programa de psicoeducação preventivo ao abuso sexual infantil, desenvolvido dentro das lógicas de política públicas de enfrentamento eixo prevenção, no entanto, a intervenção desenvolvida poderá ocorrer em espaços semelhantes ao contexto escolar.

Estudos futuros devem incluir amostras maiores e diversificadas, além de incorporar grupos de controle para fortalecer a validade dos achados. Também é necessário avaliar a sustentabilidade e o impacto a longo prazo das intervenções preventivas. Adicionalmente, explorar a adaptação e implementação do programa em outras regiões do Brasil pode fornecer *insights* valiosos sobre a eficácia e a aplicabilidade universal do PEPASSI. Pesquisas futuras também podem investigar os mecanismos específicos que contribuem para a eficácia do programa, bem como explorar maneiras de integrar a intervenção em currículos escolares regulares.

Além disso, ações de complementação de renda das famílias aliadas a programas preventivos, podem contribuir para políticas públicas mais compatíveis com a realidade brasileira e mais especificamente da região norte. Reduzir as desigualdades sociais e combater a pobreza auxiliam na redução da prevenção do abuso sexual infantil e de outras formas de violência contra crianças. Ao proporcionar maior estabilidade econômica e oportunidades para os jovens, evitamos que cresçam em ambientes desfavoráveis, contribuindo para um desenvolvimento saudável e protegido. Assim, essas iniciativas não só fortalecem as famílias, mas também promovem um ambiente comunitário que apoia e protege as crianças.

No que se refere à avaliação da intervenção, é necessário que futuros estudos ampliem o tamanho amostral, podendo ampliar o número de sessões e também utilizar mais de um instrumento para avaliar as práticas educativas, sugere-se a realização da validação social da intervenção, para que se investigue se, socialmente, os objetivos apresentados do PEPAASI são válidos, se os procedimentos/etapas são aceitáveis e se os efeitos alcançados são reconhecidos e relevantes.

Uma questão importante para ser inserida no PEPPASI futuramente é a educação sexual de maneira a contribuir para que as crianças e adolescentes exponham suas dúvidas e as esclareçam, superem preconceitos e estereótipos e desenvolvam atitudes saudáveis relacionados à sexualidade. Lamentavelmente, a sexualidade na nossa sociedade tem sido um tema pouco discutido, o que resulta em uma falta de conhecimento sobre o assunto. Isso leva a diversas distorções e ações repressivas em relação à sexualidade, muitas vezes fundamentadas em crenças infundadas de que a educação sexual pode incentivar precocemente comportamentos sexuais nas crianças.

Portanto, ao contrário do que se propaga, a educação sexual não estimula e nem antecipa a atividade sexual, pelo contrário, ela contribui para prevenção de violências sexuais contra crianças e adolescentes, além de atrasar a vida sexual dos adolescentes, uma vez que, informados tendem a ser mais responsáveis e a adiar o início da vida sexual.

Mesmo que, as crianças participantes do estudo já apresentavam, em sua maioria, escores altos de conhecimento sobre abuso sexual infantil no pré-teste e após a intervenção, observou-se uma melhoria ainda maior nos conhecimentos sobre o tema, este dado corrobora com PEPPASI que apresenta-se como uma proposta de intervenção inovadora, além de contribuir para o surgimento de novas intervenções.

Por fim, destaca-se a relevância de que propostas como esta possam ser implementadas e avaliadas a partir de critérios científicos, e possam ser incorporadas, sistematicamente, às rotinas das crianças proporcionando maior formação. O PEPPASI, além de promover maior conhecimento e habilidades de autoproteção, assegura que políticas públicas de proteção a crianças e adolescentes sejam executadas de forma qualificada e eficaz.

Referências

Barbosa, L. M., & Murta, S. G. (2019). Social validity of a contextual behavioral science-based intervention for retirement education. *Psicologia*, *32*(1), 24. https://doi.org/10.1186/s41155-019-0137-0

Behrens, P. de A. C., Bomfim, V. V. B. da S., Muccini, R. M., Dantas, T. M. P., Bastos, N. L. da S. T., Cunha, F. L. S. da, Palma, M. da S., Freitas, E. F. da S., Araújo, P. da C., Costa, A. C. M. de S. F. da, & Priore, L. F. (2022). Violência sexual contra crianças e adolescentes: uma violação de direitos humanos. *Research, Society and Development*, *11*(10), e347111028730. https://doi.org/10.33448/rsd-v11i10.28730.

Berkowitz, CD, Bross, DC, Chadwick, DL & Witworth, J., M. (1994). Diagnóstico e tratamento do abuso sexual em crianças segundo a Associação Médica Americana. Clínica Pediátrica, 224–232.

Brasil, da Saúde, M., & Ambiente, S. V. E. S. (2024, fevereiro 29). Boletim Epidemiológico: Notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2015 a 2021. https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2023/boletim-epidemiologico-volume-54-no-08.

Brasileiro, T. da C., & Fonseca, P. N. da. (2023). Documentary study of reports of sexual violence against children and adolescents. *Psico-USF*, *28*(2), 375–388. https://doi.org/10.1590/1413-82712023280213

Carvalho, A. P. F. (31-jul-2013). *As condições de operacionalização da Rede de Proteção Integral no enfrentamento da Violência Sexual contra Criança e Adolescente na Zona Leste da cidade de Manaus/AM* [Relatórios finais de Iniciação Científica - Ciências Sociais Aplicadas, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas - UFAM]. http://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/3407

Carvalho Pereira, G. P., & Deon, V. A. (2022). As concepções de infância e o papel da família e da escola no processo de ensino-aprendizagem. *Revista Educação Pública*, *22*(5). https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/5/as-concepcoes-de-infancia-e-o-papel-da-familia-e-da-escola-no-processo-de-ensino-aprendizagem.

Cerqueira, D., & Bueno, S. (2024). Atlas da Violência 2024. Brasília: Ipea; FBSP. https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/7868-atlas-violencia-2024-v11.pdf.

Conselho Federal de Psicologia (Brasil). (2020, junho 17). Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) na Rede de Proteção às Crianças e Adolescentes em Situação de Violência Sexual. CFP; Conselho Federal de Psicologia. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/06/REFERE%CC%82NCIAS-TE%CC%81CNICAS-PARA-ATUAC%CC%A7A%CC%83O-DE-PSICO%CC%81LOGASOS-NA-REDE-DE-PROTEC%CC%A7A%CC%83O-A%CC%80S-CRIANC%CC%A7AS-E-ADOLESCENTES-EM-SITUAC%CC%A7A%CC%83O-DE-VIOLE%CC%82NCIA-SEXUAL.pdf.

Consultation on Child Abuse Prevention (1999: Geneva, S., & Global Forum for Health Research. (1999). *Report of the consultation on child abuse prevention, 29-31 march 1999, WHO, Geneva*. World Health Organization. https://iris.who.int/handle/10665/65900

Costa, E. G. da C., & Oliveira, D. B. A. (2023). A Importância da Musicalização no Processo de Ensino-Aprendizagem na Educação Infantil. *ID on line REVISTA DE PSICOLOGIA*, *17*(68), 487–498. https://doi.org/10.14295/idonline.v17i68.3859

Dell'Aglio, D. D., & Koller, S. H. (2017). *Vulnerable Children and Youth in Brazil: Innovative Approaches from the Psychology of Social Development*. Springer.

Equipe da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (ONDH). (2019). *Disque Direitos Humanos Relatório 2019*. https://www.estadao.com.br/blogs/blog/wp-content/uploads/sites/189/2020/06/disque100-relatorio2019-04jun20-blogvencerlimites_040620202052.pdf

Ferraz, M. de M. P., Xavier, M. M., & Cabral, V. I. R. (2021). Violência sexual contra crianças e adolescentes: análise das notificações a partir do debate sobre gênero. *Desidades*, *29*, 134–150. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822021000100009&lng=pt&tlng=pt.

Ferreira, E. R., Aznar-Blefari, C., Priolo Filho, S. R., & Zibetti, M. R. (2022). Revisão Integrativa sobre a Efetividade de Intervenções Preventivas do Abuso Sexual Infantil. *Revista Psicologia: Teoria E Prática*, *24*(2). https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPCP13373.en

Ferreira, M. F. (2019). *Formação de professores como agentes na prevenção do abuso sexual infantil* [Trabalho de Conclusão de Curso,Universidade Federal de São Carlos].https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/14205/Michele_Ferreira.pdf?sequence=1

Firnges, C., & Amann, S. (2016). Evaluation of the theatre play Have Courage! A powerful play about feelings, boundaries and trust in the frame of the national campaign for the

prevention of child sexual abuse. *Bundesgesundheitsblatt, Gesundheitsforschung, Gesundheitsschutz*, *59*(1), 57–65. https://doi.org/10.1007/s00103-015-2266-7

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2023). *17° Anuário Brasileiro de Segurança Pública / Fórum Brasileiro de Segurança Pública*. https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf.

Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas - Dra. Rosemary Costa Pinto (FVS-RCP). (Maio de 2024). *Boletim Epidemiológico da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes no Estado do Amazonas, 2019 a 2023*. Gov.br. https://www.fvs.am.gov.br/media/publicacao/Boletim_n.05_Boletim_Epidemiológico_da_Violência_Sexual_contra_Crianças_e_Ado_PuQgi0Y.pdf

Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF. (outubro 2021). *Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil*. Unicef.org. https://www.unicef.org/brazil/media/16421/file/panorama-violencia-letal-sexual-contra-criancas-adolescentes-no-brasil.pdf

Hohendorff, J. V., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2017). "A boy, being a victim, nobody really buys that, you know?": Dynamics of sexual violence against boys. *Child Abuse & Neglect*, *70*, 53–64. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2017.05.008

Impact, E. (2022). *OUT OF THE SHADOWS INDEX 2022*. Outoftheshadows.global. https://cdn.outoftheshadows.global/uploads/documents/OOS_Index_Global_Report_2022_EN_V2_2023-02-08-174957_kmfz.pdf

Jasp Team (2023). JASP (version 0.18.1). Computer Software. ([s.d.]).

Jin, Y., Chen, J., Jiang, Y., & Yu, B. (2017). Evaluation of a sexual abuse prevention education program for school-age children in China: a comparison of teachers and parents as instructors. *Health Education Research*, *32*(4), 364–373. https://doi.org/10.1093/her/cyx047

Kim, S.-J., & Kang, K.-A. (2017). Effects of the Child Sexual Abuse Prevention Education (C-SAPE) program on south Korean fifth-grade students' competence in terms of knowledge and self-protective behaviors. *The Journal of School Nursing: The Official Publication of the National Association of School Nurses*, *33*(2), 123–132. https://doi.org/10.1177/1059840516664182

Leitão, C. L., & Oliveira, B. O. (2023). Rede do babado e rede legal: *Revista Espaço Acadêmico*, *22*(238), 147–156. https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/64551

Lima, T. C. S. de, & Mioto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*, *10*(spe), 37–45. https://doi.org/10.1590/s1414-49802007000300004

Medeiros, M. S. de. (2018). *Condições de vida e de saúde no contexto de uma unidade de conservação ambiental de uso sustentável na Amazônia brasileira* [Tese de Doutorado em Ciências, Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife]. https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/32896

Moreira, D. L., & Costa, L. F. (2021). Psychosocial intervention in sexual violence against children: Reflexivity and psychodramatic resource. *Revista Brasileira de Psicodrama*, *29*(1), 16–25. https://doi.org/10.15329/2318-0498.21449

Morris, M. C., Kouros, C. D., Janecek, K., Freeman, R., Mielock, A., & Garber, J. (2017). Community-level moderators of a school-based childhood sexual assault prevention program. *Child Abuse & Neglect*, *63*, 295–306. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2016.10.005

O'Leary, P., Easton, S. D., & Gould, N. (2017). The effect of child sexual abuse on men: Toward a male sensitive measure. *Journal of Interpersonal Violence*, *32*(3), 423–445. https://doi.org/10.1177/0886260515586362

Oliveira, A. da C. (2023). As indígenas crianças e a Doutrina da Proteção Plural. *Revista Direito e Práxis*, *14*(3), 1444–1469. https://doi.org/10.1590/2179-8966/2022/61154

Paiva, E. A. F. (2015). *A prevenção primária e secundária do abuso sexual na educação infantil [recurso eletrônico] : reflexões no âmbito das políticas públicas* [Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP]. https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2015.962828

Pinheiro, R. da C. da S. (2021). *Pervasividade de gênero e abuso sexual Infantil: como o gênero afeta as diversas respostas de suporte social envolvidas no processo pós-revelação* [Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo]. https://doi.org/10.11606/t.47.2021.tde-01102021-222522.

Rifiotis, F. C., Ribeiro, F. B., Cohn, C., & Schuch, P. (2021). A antropologia e as crianças: da consolidação de um campo de estudos aos seus desdobramentos contemporâneos. *Horizontes Antropológicos*, *27*(60), 7–30. https://doi.org/10.1590/s0104-71832021000200001

Santos, E. de S. (2018). *Caminhos para prevenção primária do abuso sexual contra crianças: uma reflexão sobre as tecnologias educativas* [Dissertação (Mestrado em Ciências) - Instituto Nacional de Saúde da Mulher da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz]. https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/30945

Silva, A. R. S., Soma, S. M. P., & Watarai, C. F. (2011). *O segredo da Tartanina: Um livro a serviço da proteção e prevenção contra o abuso sexual infanto-juvenil*. Pompéia: UDF.

Silva, T. C. R. (2020). Violência sexual praticada contra crianças/adolescentes e o papel das entidades de defesa [Trabalho de Conclusão de Curso, Escola de Direito e Relaçãoes Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC Goiás]. https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/95.

Silva, B. T. da, Ferreira, B. de O., & Leitão, C. L. (2023). EDUCAÇÃO SEXUAL PARA O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA. *Nexus - Revista de Extensão do IFAM*, *9*(13), 118–127. https://doi.org/10.31417/nexus.v9i13.195

Silva, É. B. P., Da Silva, A. M., Da Silva, J. P. C. L., & Barbosa, V. R. A. (2023). Atuação do psicólogo na rede de proteção junto a famílias com histórico de abuso sexual infantil. *Brazilian Journal of Health Review*, *6*(2), 4995–5013. https://doi.org/10.34119/bjhrv6n2-043

Silveira, A. M., & Peixoto, B. (2010). *Manual de Avaliação de Prevenção de Programas de Prevenção a Violência*. Gov.br; Organização Panamericana de Saúde. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_avaliacao_programas_violencia.pdf

Soma, S. M. P., & Williams, L. C. de A. (2019). Livro infantil especializado como estratégia de prevenção do abuso sexual. *Psicologia - Teoria e Prática*, *21*(1). https://doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v21n1p186-203

Spaziani, R. B., & Vianna, C. P. (2020). Violência sexual contra crianças: a categoria de gênero nos estudos da educação. *Educação Unisinos*, *24*(1). https://doi.org/10.4013/edu.2020.241.16

Teodoro, C. (2022). Violência sexual na infância: gênero, raça e classe em perspectiva interseccional. *Zero-a-Seis*, *24*(Especial), 1582–1598. https://doi.org/10.5007/1980-4512.2022.e87381

Türkkan, T., Odacı, H., & Bülbül, K. (2024). Gender moderates the relationships between childhood abuse experiences and mental disorders later in life: a cross-sectional study among university students in Turkey. *British Journal of Guidance & Counselling*, *52*(4), 745–760. https://doi.org/10.1080/03069885.2023.2264472

Vieira, S. de A. (2021). Força e vulnerabilidade: lições de etnografia e feitiçaria na obra de Jeanne Favret-Saada. *Mana*, *27*(3). https://doi.org/10.1590/1678-49442021v27n3a203

Vigilância Em Saúde E Ambiente, M. da S. S. (2024, fevereiro 29). *Boletim Epidemiológico: Notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2015 a 2021*. Gov.br. https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2023/boletim-epidemiologico-volume-54-no-08

Von Hohendorff, J., & Dapieve Patias, N. (2017). Violência sexual contra crianças e adolescentes: identificação, consequências e indicações de manejo. *Barbarói*, 239–257. https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.9474

Von Hohendorff, J., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2014). *Violência sexual contra meninos: teoria e intervenção*. Jurua.

Von Hohendorff, J., Nelson-Gardell, D., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2017). An integrative conceptual model for enhanced understanding of the dynamics of sexual violence against children. Em *Vulnerable Children and Youth in Brazil* (p. 77–88). Springer International Publishing.

Walsh, K., Zwi, K., Woolfenden, S., & Shlonsky, A. (2015). School-based education programmes for the prevention of child sexual abuse. *The Cochrane Library*, *2015*(4). https://doi.org/10.1002/14651858.cd004380.pub3

Wood, M., & Archbold, C. A. (2015). Bad touches, getting away, and never keeping secrets: Assessing student knowledge retention of the "Red Flag Green Flag People" program. *Journal of Interpersonal Violence*, *30*(17), 2999–3021. https://doi.org/10.1177/0886260514554426

World Health Organization. (1999). WHO recognises child abuse as a major problem. *Lancet*, *353*(9161), 1340. https://doi.org/10.1016/s0140-6736(05)74346-4

World Health Organization. (2007). *Preventing child maltreatment: A guide to taking action and generating evidence*. World Health Organization. https://iris.who.int/handle/10665/43499

World Health Organization(pvl), Violence Prevention. (2002, outubro 3). *World report on violence and health*. Who.int; World Health Organization. https://www.who.int/publications/i/item/9241545615

APÊNDICE 1- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS PAIS/RESPONSÁVEIS

UFAM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS LEGAIS

Olá, Eu me chamo Rosemary Amanda Lima Alves, sou psicóloga e pesquisadora em psicologia na área de Processos Psicossociais da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), tenho como orientadora a Professora Dra. Consuelena Lopes Leitão e Coorientador Professor Dr. Marck de Souza Torres da UFAM estou convidando seu filho (a) menor de idade pelo qual é responsável _____a participar de um estudo intitulado Implantação e Avaliação do Programa de Educação Preventiva Primária Conta Abuso Sexual Infantil (PEPPASI) - EDUCAÇÃOQUETRANSFORMA. Este estudo é importante, uma vez que tem como objetivos a criação e a aplicação do programa, para o treinamento de aquisição de habilidades de autoproteção de crianças contra o abuso sexual infantil, proporcionando o aumento de conhecimento sobre o tema, além da ampliação de comportamentos onde as crianças poderão se proteger a si próprio.

O processo interventivo foi construído cuidadosamente, desta forma as crianças não serão expostas a materiais de cunho sexual ou pornográfico ou qualquer conteúdo inapropriado para a idade. Serão discutidas situações de aproximação inadequada de adultos e como a criança pode se defender delas. Você pode recusar a participação do seu filho na pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

Caso seu filho ou dependente participe da pesquisa, ele será convidado a responder dois questionários, primeiramente ele responderá o primeiro questionário com as 15 perguntas, em seguida o segundo questionário com 20 perguntas. Depois irá participar da primeira sessão, que corresponde à leitura de uma cartilha com as outras crianças, e assim que finalizar a leitura conversaremos sobre a cartilha. Após isso acontecerá à segunda sessão, que consiste na contação de história, com o livro: O segredo de Tartanina, no final algumas perguntas serão feitas sobre a história. E para

Rubricas _____ (Responsável Legal) Página 1 de 4

_____ (Pesquisador)

UFAM

finalizar nossas atividades novamente convidaremos seu filho (a), a responder dois questionários, o primeiro contém 15 perguntas e o segundo questionário 20 perguntas.

A pesquisadora permanecerá em tempo integral junto das crianças, isso significa que em todas essas atividades, a pesquisadora também participará, tendo envolvimento direto no brincar, ler, e nas conversas, assim estará realizando a pesquisa junto com seu filho (a), estando atenta e observando tudo de perto. Pois acreditamos que as crianças são sujeitos de direito que produzem grandes conhecimentos e na pesquisa chamamos isso de observação participante.

As atividades ocorrerão em uma sala do Projeto de Extensão Maria Jiquitaia, com espaço adequado para aplicação das atividades, além de manter o sigilo dos participantes. O Projeto de Extensão está localizado, na Rua Inocêncio de Araújo, 44, no Bairro de Educandos (Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro) na cidade de Manaus.

É possível que seu filho experimente algum desconforto, como: agitação, irritação e vergonha, a pesquisadora estará atenta para ouvir as demandas que surgirem, caso seu filho apresente estes sintomas, ele será encaminhada para atendimento com a psicóloga ODLACI REBECA DUARTE LIMA CRP 20/06409, asseguramos o direito de assistência integral psicológica gratuita, devido a possíveis consequências diretas/indiretas decorrentes da participação no estudo ao participante.

Alguns riscos relacionados ao estudo poderão ser observados como desconforto em função do tema, como foi detalhado anteriormente, caso isso ocorra teremos tratamento alternativo, que será atendimento psicológico gratuito.

Os benefícios esperados com essa pesquisa é a ampliação de comportamentos auto protetivos das crianças em relação a situações abusivas, principalmente quanto ao abuso sexual, assim como a pesquisa também visa contribuir para o avanço científico.

Se você achar melhor, pode nos dá sua resposta em outro momento, assim será capaz de refletir sobre a participação do seu filho (a), você poderá conversar com seus

UFAM

familiares ou outras pessoas que possam ajudar na tomada de decisão livre e esclarecida.

A participação do seu filho neste estudo é voluntária e se ele não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas pela Orientadora, Coorientador de pesquisa a Professora Dra. Consuelena Lopes Leitão, Professor Dr. Marck de Souza Torres e pela banca examinadora do trabalho. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e mantida sua confidencialidade.

O material obtido, ou seja, os questionários um e dois acima descritos, será utilizado unicamente para essa pesquisa.

As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e você ou seu filho não receberão qualquer valor em dinheiro pela sua participação.

Quando os resultados forem publicados, não aparecerá o nome de seu filho, serão apresentados apenas dados gerais de todos participantes da pesquisa.

A pesquisadora responsável por este estudo, Rosemary Amanda Lima Alves, poderá ser localizada na Universidade Federal do Amazonas no endereço, Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005, no prédio da Faculdade de Psicologia, no terceiro andar na sala XXX, e no e-mail: rosemaryalves19@gmail.com e também no número de celular (92) 9147-4058, para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

Se você tiver dúvidas sobre os direitos como participante de pesquisa do seu filho, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de

UFAM

Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/UFAM fica na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 Adrianópolis – Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E-mail: cep@ufam.edu.br.

No CEP/UFAM tem pessoas que não são da pesquisa, mas podem te ajudar a tirar dúvidas sobre a participação do seu filho (a). Foi criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você receberá uma via assinada e datada deste documento, assim como também a pesquisadora responsável pela pesquisa.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que concordo que meu (minha) filho (a) _____ (nome completo do menor de 18 anos) participe desta pesquisa.

_____, ____/_____/_____

_____

Assinatura do Responsável Legal

IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA

_____

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE 2 – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

UFAM

Termo de Assentimento Livre Esclarecido- TALE Verbal/ Oral

O Termo de Assentimento Livre Esclarecido- TALE foi melhor adaptado ao público infantil. Sendo assim, será apresentado de forma verbal/oral, seguindo um roteiro de perguntas objetivas e diretas com uma linguagem acessível, lúdica e com respostas de fácil compreensão.

Roteiro

Meu nome é Rosemary Alves e sou psicóloga e pesquisadora. Você sabe o que um pesquisador faz? Aposto que você já sabe, mas com que o pesquisador trabalha?

Mas, antes, me deixe te perguntar outra coisa. Você sabe o que é uma pesquisa? Uma pesquisa é importante para descobrir coisas novas, e todos nós fazemos pesquisa o tempo todo. Somos muito curiosos e queremos saber como as coisas funcionam, não é? Por que o céu é azul? Por que o sol é quente? Ou então, por que o rio enche e depois seca? Você sabe? Então, para responder a essas nossas perguntas, precisamos saber como nosso mundo funciona, precisamos pesquisar. É isso que o pesquisador faz, PESQUISA. O pesquisador quer descobrir respostas e inventar coisas novas.

1- Sabe por que estamos aqui?

Por que queremos convidar você para participar de uma pesquisa. Esta pesquisa tem o nome de: Desenvolvimento, Implementação e Avaliação do Programa de Educação Preventiva Primária Conta Abuso Sexual Infantil (PEPPASI) - EDUCAÇÃO QUE TRANSFORMA. Com o objetivo de aumentar seu conhecimento sobre o tema abuso sexual infantil, para que possa se defender. Esta pesquisa é importante para você e para seus colegas, de modo que possam viver sem violência e não serem vítimas de abusos.

2- Você precisa participar?

Você só participará se você quiser. Seus pais concordaram que você participe, mas a decisão mais importante é sua. Se não quiser, nada acontecerá com você. Ninguém ficará chateado ou com raiva, nem mesmo seus pais. Vou repetir, você só participará se tiver desejo. Nós queremos o seu assentimento.

3- Mas o que é assentimento?

Assentimento significa que você concorda e deseja fazer parte de um grupo de crianças para participar de uma pesquisa. Serão respeitados seus direitos e você receberá todas as informações dessa pesquisa, por mais simples que possam parecer.

4- Você pode conversar com seus pais antes de decidir?

Sim. É importante que você converse com seus pais sobre a sua decisão. Pergunte sobre o que eles acham, fale a eles o que quer fazer, se quer ou não participar. Você tem o tempo que precisar para isso. Também pode discutir com nós, pesquisadores, quando quiser. Vamos responder todas as suas dúvidas, em qualquer momento. Estamos aqui para fazer a pesquisa juntos.

5- Como será feita a pesquisa?

Nós vamos convidar você, para responder dois questionários, inicialmente responderá o primeiro questionário com perguntas socioeconômicas, em seguida o segundo questionário sobre Direitos e Conhecimento de ASI Depois você também participará da leitura de uma cartilha com as outras crianças, e assim que finalizarmos a leitura conversaremos sobre a cartilha. Após isso faremos a contação de história, com o livro: O segredo de Tartanina, no final algumas perguntas serão feitas sobre a história. E para Finalizarmos nossas atividades novamente convidaremos você, a responder dois questionários, o primeiro contém 15 perguntas e o segundo questionário 20 perguntas.

Ah! Já ia me esquecendo de falar que em todas essas atividades a pesquisadora também participará, iremos brincar, ler, conversar estaremos realizando a pesquisa juntos com você, atentos e observando tudo de perto. Pois acreditamos que você e as outras crianças são sujeitos que produzem grandes conhecimentos e na pesquisa chamamos isso de observação participante.

6- E o que há de ruim em participar da pesquisa? Algo pode acontecer com você?

Talvez você se sinta incomodado durante as atividades que faremos, se por acaso, entender que passou por alguma situação semelhante do que foi falada e ficar nervoso (a), irritado (a), agitado (a) e com vergonha. Se isso acontecer, você não precisa responder as perguntas, se necessitar conversar com alguém, temos uma psicóloga chamada ODLACI REBECA DUARTE LIMA, não há problema com isso. Ninguém ficará chateado ou com raiva. Ninguém precisa fazer algo que não quer. Você também pode pedir para sair da pesquisa, quando quiser. É só avisar os pesquisadores.

7- Quem mais irá participar da pesquisa?

Irão participar da pesquisa, 06 meninos e 06 meninas, totalizando 12 crianças, que tenham a idade entre 9 a 11 anos que estejam cursando o ensino fundamental e que participem do Projeto de Extensão Maria Jiquitaia/ Escola Estadual Edson Melo. Você deve conhecer várias pessoas que poderão participar, porque são aqui mesmo do Bairro de Educandos/da Escola. Elas também só irão participar se quiserem tá? Assim como você. Todos estão participando porque querem fazer parte da pesquisa com nós.

8- O que há de bom em participar da pesquisa? O que de bom pode acontecer?

Ao aceitar participar você poderá aprender mais sobre abuso sexual infantil, como se prevenir, além de aprender novos comportamentos que poderão te ajudar a se livrar de pessoas e situações perigosas. Ao aprender tudo isso, você poderá ensinar para seus pais, colegas e quem mais quiser. Conhecimento sempre é importante, não é?

9- Você vai gastar algum dinheiro na pesquisa?

Não. Se você morar longe, nós daremos a seus pais dinheiro suficiente para transporte, para também acompanhar a pesquisa. Nós também faremos a distribuição de lanches e poderemos te buscar em casa e assim que finalizar as atividades te deixar em sua casa novamente. Não se preocupe com isso.

10- Alguém saberá quais foram as suas respostas às perguntas?

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. O que descobrirmos com a pesquisa vai ser publicado, mas sem identificar as crianças que participaram.

11- Se quiser perguntar mais sobre a pesquisa, com quem você conversa?

Você pode conversar com seus pais, com nós, pesquisadores, com seus colegas que participarão. Se quiser, você ou seus pais pode ligar a cobrar e mandar mensagem no whatsapp para o número de celular da pesquisadora (92) 99147–4058. Seus pais pode também ligar para algumas pessoas que não são da pesquisa, mas podem te ajudar a tirar dúvidas sobre sua participação. O endereço e o telefone são estes: Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). O CEP/UFAM fica na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis – Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E-mail: cep@ufam.edu.br.

A seguir, depois de informados, as crianças poderão expressar sua participação através da gravação de áudio.

APÊNDICE 3 – TERMO DE ANUÊNCIA DO PROJETO DE EXTENSÃO MARIA JIQUITAIA

22/03/2024, 11:21 SEI/UFAM - 1975399 - Declaração

Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Coordenação Acadêmica - FAPSI

Termo de Anuência

Eu, Consuelene Lopes Leitão, Coordenadora do Projeto de Extensão Maria Jiquitaia, declaro para os devidos fins que estou de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado "DESENVOLVIMENTO, IMPLEMENTAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PREVENTIVA PRIMÁRIA CONTRA ABUSO SEXUAL INFANTIL (PEPPASI) - EDUCAÇÃO QUE TRANSFORMA", sob a responsabilidade da pesquisadora Rosemary Amanda Lima Alves. Destaco que este projeto está articulado em conjunto com as pesquisas que já desenvolvo, no campo da violência sexual com o Maria Jiquitaia, e que esta atividade que envolve o desenvolvimento de um programa é fruto do amadurecimento dessas ações, o que fortalece o diálogo ensino, pesquisa e extensão dentro da Universidade Federal do Amazonas e no curso de Psicologia. Além disso, contribui com as ações que já vêm sendo realizadas no Bairro de Educandos, com as crianças e adolescentes que participam do projeto. Por essa razão, assumo o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa para aproximar as ações da graduação e pós-graduação da comunidade.

Atenciosamente,

Manaus, 22 de março de 2024.

Av. General Rodrigo Octávio, 6200 - Bairro Coroado I Campus Universitário Senador Arthur Virgílio Filho,
Setor Sul, Bloco X - Telefone: (92) (92) 3305-1181 / Ramais 2580 / 2582 / 2583
CEP 69080-900 Manaus/AM - cacad@ufam.edu.br

Referência: Processo nº 23105.012895/2024-38 SEI nº 1975399

https://sei.ufam.edu.br/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=2202990&infra_sist... 1/1

APÊNDICE 4 – DECLARAÇÃO DE ASSISTÊNCIA INTEGRAL E ACOMPANHAMENTOS PSICOLÓGICO

DECLARAÇÃO DE ASSISTÊNCIA INTEGRAL E ACOMAPNHAMENTOS PSICOLÓGICO

Segundo a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados e quanto maiores e mais evidentes os riscos, maiores devem ser os cuidados para minimizá-los e oferecida pelo Sistema CEP/CONEP aos participantes. Com isso a pesquisa intitulada, DESENVOLVIMENTO, IMPLEMENTAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PREVENTIVA PRIMÁRIA CONTRA ABUSO SEXUAL INFANTIL (PEPPASI) - EDUCAÇÃO QUE TRANSFORMA **da Professora Dra. Consuelena Lopes Leitão**, pesquisadora vinculada a Universidade Federal do Amazonas - UFAM, podem trazer riscos de desconforto emocional, constrangimento, e outros de ordem psicológica ou psicossocial.

Por isso mesmo que a Resolução 466/2012 ainda estabelece que o pesquisador, o patrocinador e as instituições e/ou organizações envolvidas nas diferentes fases da pesquisa devem proporcionar assistência imediata, bem como responsabilizarem-se pela assistência integral aos participantes da pesquisa no que se refere às complicações e danos decorrentes da pesquisa. Assim, eu **Odlaci Rebeca Duarte Lima, psicóloga com CRP 20/06409** me responsabilizo em prestar assistência integral e acompanhamento psicológico em quaisquer situações de risco psicológico ou emocional envolvendo os sujeitos entrevistados na pesquisa em questão.

Manaus, 02 de Novembro de 2023.

Odlaci Rebeca Duarte Lima
Psicologa
CRP- 20/06409

APÊNDICE 5- QUESTIONÁRIO SOCIODEMOCRÁFICO PARA PAIS/RESPONSÁVEIS

34. 34. Você acha que as crianças saberiam reconhecer sinais de que alguém está tentando fazer coisas ruins (violência sexual) contra elas *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

35. 35. Você acha que as crianças contariam para um adulto de confiança, caso alguma pessoa passasse a mão nas suas partes íntimas? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

36. 36. Você conhece algum canal de denúncia onde crianças possam buscar ajuda em caso de abuso sexual? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

37. 37. Se a resposta anterior for SIM. Você poderia nos falar algum canal de denúncia que conhece? *

38. 38. Em seu entendimento o que é a rede de proteção à criança e ao adolescente? *

Questionário Programa de Educação Preventiva Primária contra o Abuso Sexual Infantil - PEPPASI- EDUCAÇÃO QUE TRANSFORMA para Pais ou Responsáveis

* Indica uma pergunta obrigatória

Você está sendo convidado para participar de uma pesquisa que está sendo desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) pela aluna Rosemary Alves, sob a orientação da Professora Dra. Consuelena Lopes Leitão e o Professor Dr. Marck Torres.

A pesquisa tem por objetivo desenvolver um programa de prevenção primária contra violência sexual de crianças no Amazonas.
Para participar basta responder ao questionário a seguir.

O tempo médio de resposta é de apenas 10 minutos.
Os resultados darão subsídios para formulação de propostas que colaborem para a melhoria do nosso programa no Estado do Amazonas.

Desde já agradecemos pela sua atenção!

1. 1. Nome Completo: *

2. 2. Data de nascimento *

Exemplo: 7 de janeiro de 2019

3. 3. Qual seu gênero? *

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
- Masculino
- Outro

4. 4. Estado Civil: *

Marcar apenas uma oval.

- Solteiro (a)
- Casado (a)
- Separado (a)
- Divorciado (a)
- Viúvo (a)
- Amigado (a)

5. 5. Cor/Raça: *

Marcar apenas uma oval.

- Preta
- Parda
- Indígena
- Amarela
- Branca

6. 6. Endereço (Rua/Avenida/Beco): *

_____

7. 7. Bairro: *

_____

8. 8. Quem são as pessoas que compõem sua família *

Marque todas que se aplicam.

- [ ] Cônjuge ou companheiro
- [ ] Filho(a);
- [ ] Enteado(a)
- [ ] Neto(a)
- [ ] Bisneto(a)
- [ ] Pai ou mãe
- [ ] Sogro ou sogra
- [ ] Irmão ou irmã
- [ ] Genro ou nora
- [ ] Outro: _____

9. 9. Qual foi a última série que estudou? *

Marcar apenas uma oval.

- ( ) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
- ( ) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
- ( ) Ensino Médio (antigo 2º grau)
- ( ) Ensino Superior
- ( ) Não estudou
- ( ) Outro: _____

10. 10. Qual é a sua ocupação/atividade que trabalha? *

Marcar apenas uma oval.

- Não Trabalha
- Trabalhador por conta própria (bico, autônomo)
- Empregado sem carteira de trabalho assinada
- Empregado com carteira de trabalho assinada
- Outro: _____

11. 11. Qual é sua renda familiar atual? *

Marcar apenas uma oval.

- Até 1 salário mínimo (R$ 1.412,00)
- De 1 a 2 salários mínimos (R$ 2.824,00)
- De 3 salários mínimos (R$ 4.236,00)
- Acima de 4 salários mínimo (R$ 5.648,00)
- Não tenho nenhuma renda

12. 13. A família recebe algum Benefício? *

Marque todas que se aplicam.

- [ ] Bolsa família
- [ ] Auxílio Emergencial
- [ ] Benefício de Prestação Continuada
- [ ] Outro: _____

13. 12. Qual a situação de moradia da sua família ? *

Marcar apenas uma oval.

- Resido em casa própria
- Resido em casa alugada
- Resido em casa cedida

14. 14. Você já vivenciou ou presenciou algum(ns) tipo(s) de violência(s) *

Marque todas que se aplicam.

- [ ] Violência Física
- [ ] Violência Psicológica
- [ ] Violência Moral
- [ ] Violência Patrimonial
- [ ] Violência Sexual
- [ ] Negligência/Abandono
- [ ] Maus-tratos
- [ ] Trabalho Infantil
- [ ] Outro: _____

15. 15. Você já participou de atendimento psicológico? *

Marcar apenas uma oval.

- ( ) Sim
- ( ) Não

QUESTIONÁRIO II
Questionário sobre Direitos e Conhecimento de ASI

16. 16. Para você, crianças têm direitos ? *

Marcar apenas uma oval.

- ( ) Sim
- ( ) Não

17. 17. No caso da resposta NÃO, explique porque

18. 18. No Brasil existem leis que protegem as crianças? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

19. 19. Se a resposta anterior for SIM. Poderia nos dizer qual o nome da Lei? *

20. 20. Você conhece o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

21. 21. Você se sente que seu(sua) filho(a) está protegido(a) do abuso sexual na sua comunidade? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

22. 22. Você se sente que seu(sua) filho(a) está protegido(a) do abuso sexual na sua escola? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

23. 23. Seu(sua) filho(a) participou de alguma atividade sobre prevenção de abuso sexual na escola ou em outro lugar da sua comunidade? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

Questões relacionadas a conhecimento de ASI

24. 24. Passar a mão nas partes íntimas de uma criança de forma desrespeitosa é abuso sexual? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

25. 25. Se uma pessoa tirar foto ou filmar as partes íntimas de uma criança, é violência sexual? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

30. 30. Se uma pessoa olhar para as partes íntimas de uma criança, mesmo sem tocar no seu corpo, de forma que deixe a criança desconfortável, é abuso sexual? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

Questões Relacionadas a Autoproteção da Criança

31. 31. Você sabe o que significa autoproteção? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

32. 32. Você sabe que as crianças têm o direito de não permitir que um adulto ou criança mais velha toque nas suas partes íntimas *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

33. 33. Você acha que as crianças conseguem dizer não para um adulto, se ele tentar pegar nas suas partes íntimas? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

34. 34. Você acha que as crianças saberiam reconhecer sinais de que alguém está tentando fazer coisas ruins (violência sexual) contra elas *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

35. 35. Você acha que as crianças contariam para um adulto de confiança, caso alguma pessoa passasse a mão nas suas partes íntimas? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

36. 36. Você conhece algum canal de denúncia onde crianças possam buscar ajuda em caso de abuso sexual? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

37. 37. Se a resposta anterior for SIM. Você poderia nos falar algum canal de denúncia que conhece? *

38. 38. Em seu entendimento o que é a rede de proteção à criança e ao adolescente? *

39. 39. Quanto tempo faz que você mora na Comunidade de Educandos? *

40. 40. Como é morar numa comunidade que fica próxima das margens do Rio? *

41. 41. Cite o que você mais gosta da sua Comunidade : *

42. 42. Cite o que você menos gosta em sua comunidade: *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE 6 – QUESTIONÁRIO SOBRE CONHECIMENTO DE ABUSO SEXUAL INFANTIL (PRÉ E PÓS-TESTES)

QUESTIONÁRIO PEPPASI (Pré-Teste)

Olá!

Queremos conhecer você como criança e vamos fazer algumas perguntas.

QUESTIONÁRIO I

Questionário Caractarização Social

* Indica uma pergunta obrigatória

1. E-mail *

2. Nome: *

3. 1. Você é? *

Marcar apenas uma oval.

- Menina
- Menino
- Outro: _____

4. 2. Qual é a sua idade? *

Marcar apenas uma oval.

- 8
- 9
- 10
- 11
- 12

5. 3. Você se considera uma criança : *

Marcar apenas uma oval.

- Preta
- Parda
- Indígena
- Branca
- Amarela

6. 4. Quanto tempo faz que você mora na Comunidade de Educandos? *

_____

7. 5. Como é morar numa comunidade que fica próxima das margens do Rio?

_____

8. 6. Cite o que você mais gosta da sua Comunidade : *

_____

9. 7. Cite o que você menos gosta em sua comunidade:

_____

10. 8. Qual nome da sua escola? *

_____

11. 9. Qual o ano que você está estudando na escola? *

Marcar apenas uma oval.

- 1º ano
- 2º ano
- 3º ano
- 4º ano
- 5º ano
- 6º ano
- 7º ano
- 8º ano

12. 10. Com quem você mora? *

Marque todas que se aplicam.

- [ ] Mãe
- [ ] Pai
- [ ] Avós
- [ ] Tios
- [ ] Guarda compartilhada
- [ ] Outros

13. 11. Com quem você costuma passar mais tempo depois da escola?

Marque todas que se aplicam.

- [ ] Pai
- [ ] Mãe
- [ ] Avós
- [ ] Irmãos
- [ ] Amigos
- [ ] Outro: _____

QUESTIONÁRIO II
Questionário sobre Direitos e Conhecimento da ASI (pré e pós-testes)

14. 12. No Brasil existem leis que protegem as crianças? *

Marcar apenas uma oval.

- ( ) Sim
- ( ) Não

15. 13. Se a resposta anterior for SIM, Poderia nos dizer qual o nome da Lei? *

_____

16. 14. Você conhece o Estatuto da criança e do adolescente (ECA)? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

17. 15. Para você, crianças têm direitos ? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

18. 16. Se a resposta for NÃO, explique porque

19. 17. Você se sente protegido do abuso sexual na sua comunidade? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

20. 18. Você se sente protegido do abuso sexual na sua escola? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

21. 19. Você participou de alguma atividade sobre prevenção de abuso sexual na escola ou em outro lugar da sua comunidade? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

Questões relacionadas a conhecimento de ASI
Abuso Sexual Infantil

22. 20. Passar a mão com desrespeito nas partes íntimas de uma criança, é abuso sexual? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

23. 21. Se uma pessoa tirar foto ou filmar as partes íntimas de uma criança, é violência sexual? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

24. 22. É violência sexual se alguém tocar nas partes íntimas de uma criança em troca de dinheiro, comida ou crédito no celular? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

25. 23. O abuso sexual pode acontecer dentro de casa com pessoas da família? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

26. 24. O abuso sexual pode acontecer fora de casa com estranhos ou conhecidos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

27. 25. Se uma pessoa exibir/mostrar as partes íntimas, de forma desrespeitosa, para uma criança, é abuso sexual? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

28. 26. Se uma pessoa olhar para as partes íntimas de uma criança, mesmo sem tocar no seu corpo, de forma que deixe a criança desconfortável, é abuso sexual? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

Questões relacionadas a autoproteção

29. 27. Você sabe o que é autoproteção? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

30. 28. Você sabe que tem o direito de não permitir que um adulto ou criança mais velha toque nas suas partes íntimas

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

31. 29. Você acha que consegue dizer não para um adulto se ele tentar pegar nas suas partes íntimas? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

32. 30. Você acha que saberia reconhecer sinais de que alguém está tentando fazer coisas ruins com você ou com outra criança? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

33. 31. Você contaria a um adulto de confiança, caso alguma pessoa passasse a mão nas suas partes íntimas? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

34. 32. Você ajudaria outras crianças contando o que aprendeu sobre proteção do corpo, caso aprendesse sobre esse tema? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

35. 33. Você conhece algum canal de denúncia onde crianças possam buscar ajuda em caso de abuso sexual? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

36. 34. Se a resposta anterior for SIM. Você poderia nos falar algum canal de denúncia que conhece? *

_____

37. 35. Você já vivenciou ou presenciou algum tipo de violência : *

Marque todas que se aplicam.

- [ ] Violência Física
- [ ] Violência Psicológica
- [ ] Violência Moral
- [ ] Violência Patrimonial
- [ ] Violência Sexual
- [ ] Negligência/Abandono
- [ ] Maus-tratos
- [ ] Trabalho Infantil

38. 36. Você já participou de atendimento psicológico? *

Marcar apenas uma oval.

- ( ) Sim
- ( ) Não

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE 7- PROTOCOLO DE DIÁRIO DE CAMPO

ANOTAÇÕES DE DIÁRIO DE CAMPO

1- Instrumento (s) de Coleta de Dado(s) Utilizado (s)	Data da realização
_____	___/____/___

2- Descrição dos dados coletados (manifestações verbais, ações e atitudes).

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

3- Descrição do contexto na qual os dados foram coletados (local quantidade de pessoas, descrição do ambiente entre outros).

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

4- O que mais chamou a minha atenção

_____
_____
_____
_____

5- Reflexões desenvolvidas a partir desses dados

_____
_____
_____
_____

6- Referência teórica que possa fundamentar esta reflexão

_____
_____
_____
_____

APÊNDICE 8 - CARTILHA “ TURMA DA MARIA JIQUITINHA’ (GUIA VISUAL)

EQUIPE

AUTORES

EVELLYN LOURENÇO FERREIRA
ANA VICTÓRIA CHAVES PINHEIRO
JOÃO VICTOR SARMENTO GONÇALVES FERREIRA
GABRIEL AUGUSTO PINHEIRO OZAKI
ROSEMARY AMANDA DE LIMA ALVES
MARIA LUIZA VIANA DA SILVA
LEONARDO DE SOUZA LIMA
LOUISE DANILE SALES MARQUES
ANA CLARA LIMA DE CASTRO
FLÁVIA CAROLINA SILVA SANTOS DE CASTRO
CONSUELENA LOPES LEITÃO
MARCK DE SOUZA TORRES

COLABORAÇÃO TÉCNICA

SUZANNAH MICHELLE DA CRUZ FODRA &
MARIA GORETE OLIVEIRA E SOUZA - CENTRO DE REFERÊNCIA
ESPECIALIZADA EM ASSISTÊNCIA SOCIAL (CREAS)
CASSANDRA TORRES LEMOS - FUNDAÇÃO DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (FVS)
AMANDA CRISTINA GOMES FERREIRA & KARINA APARECIDA
FIGUEIREDO - COMITÊ NACIONAL DE ENFRENTAMENTO A VIOLÊNCIA
E EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

DESIGNER GRÁFICO / ILUSTRAÇÃO

ANA VICTÓRIA CHAVES PINHEIRO
ANA CLARA LIMA DE CASTRO

APOIO CIENTÍFICO

LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA, SAÚDE E SOCIEDADE NA AMAZÔNIA
(LAPSAM)
LABORATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO E EDUCAÇÃO (LADHU)

Conselho Editorial

Presidente:
Henrique dos Santos Pereira

Membros:
Antônio Carlos Witkoski
Domingos Sávio Nunes de Lima
Edleno Silva de Moura
Elizabeth Ferreira Cartaxo
Spartaco Astolfi Filho
Valéria Augusta Cerqueira Medeiros Weigel

Comitê Editorial da EDUA

Louis Marmoz (Université de Versailles)
Antônio Cattani (UFRGS)
Alfredo Bosi (USP)
Arminda Rachel Botelho Mourão (Ufam)
Spartaco Astolfi Filho (Ufam)
Boaventura Sousa Santos (Universidade de Coimbra)
Bernard Emery (Université Stendhal-Grenoble 3)
Cesar Barreira (UFC)
Conceição Almeira (UFRN)
Edgard de Assis Carvalho (PUC/SP)
Gabriel Cohn (USP)
Garnsa Ferreira (PUC/SP)
José Vicente Tavares (UFRGS)
José Paulo Netto (UFRJ)
Paulo Emílio (FGV/RJ)
Élide Rugai Bastos (Unicamp)
Renan Freitas Pinto (Ufam)
Renato Ortiz (Unicamp)
Rosa Ester Rossini (USP)
Renato Tribuzy (Ufam)

Copyright © 2024 Universidade Federal do Amazonas

Reitor
Sylvio Mário Puga Ferreira

Editora
Parimpar / editora independente

Revisão Portuguêa
Os Autores

Revisão Técnica
Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS)
Susannah Michelle da Cruz Fodra
Maria Gerete Oliveira e Souza
Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas (FVS)
Cassandra Torres Lemos

Crédito de design gráfico
Ana Victória Chaves Pinheiro
Ana Clara Lima de Castro

Catalogação de Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica elaborada pela Editora Parimpar

Ep3: Ferreira, Evelyn Lourenço; Pinheiro, Ana Victória Chaves et al.

Termos de Maria Jiquitinha: enfrentamento às violências contra crianças e adolescentes.

21,7 MB ePUB

ISBN: 978-65-01-03386-0 DOI: 10.6084/m9.figshare.25868668

1. Psicologia. 2. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). 3. Violência doméstica. 4. Violência intrafamiliar. 4. Ferreira, Evelyn Lourenço. 6. Ferreira, João Victor Sarmento Gonçalves. 7. Gaski, Gabriel Augusto Pinheiro. 8. Pinheiro, Ana Victória Chaves. 9. Alves, Rosemary Azevedo de Lima. 10. Lima, Leonardo de Souza. 11. Marques, Louise Danilo Sales. 12. Castro, Ana Clara Lima de; 13. Castro, Flávia Carolina Silva Santos de. I. Título.

CDD: 155.93
CDU: 159.922.27

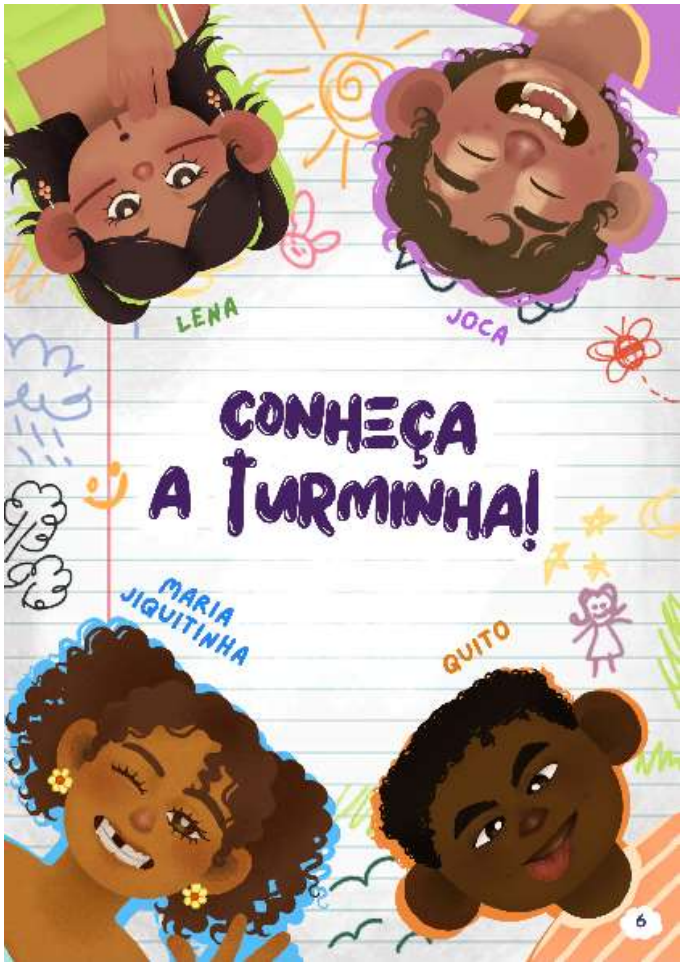
Direitos Autorais Reservados. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer meio, salvo com autorização expressa e por escrito da Editora (de acordo com a Lei do Direito Autoral em vigor no país). Ao reproduzir este ou qualquer livro através de fotocópia (xerox) ou outro método, você prejudica a Editora, seus colaboradores e a todos aqueles que trabalham com o livro no Brasil.

Editora PARIMPAR Rua Alcântara, nº 340 Belo Horizonte, Minas Gerais.
Contato: (31) 9.9979-87.21 / E-mail: parimpar2020@gmail.com
Site: parimpar.com.br

APRESENTAÇÃO

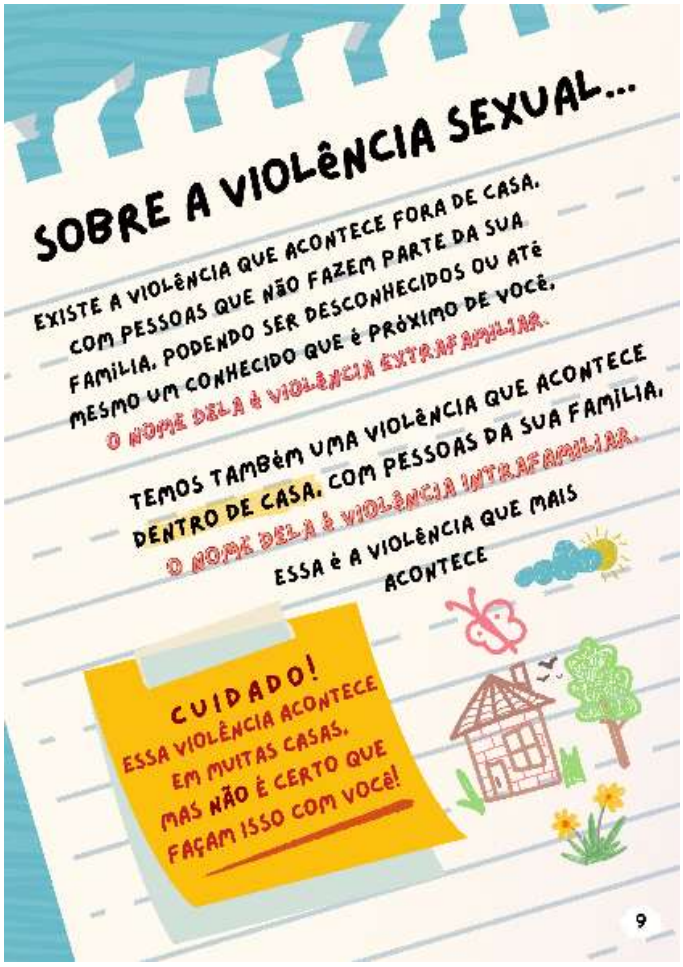
O presente livro ilustrado foi elaborado pela turma de Estágio Básico III de Psicologia, da Universidade Federal do Amazonas, juntamente com os participantes do projeto de extensão Maria Jiquitaia, a partir do Programa de Educação Preventiva Primária Contra o Abuso Sexual Infantil (PEPPASI) - educação que transforma. Caracteriza-se como uma pesquisa de mestrado do PPGPSI-UFAM, com a colaboração de alunos de Iniciação Científica.

Este livro ilustrado objetiva informar as crianças e seus responsáveis a respeito das características do abuso sexual e outras violências, além de promover informação a respeito dos direitos e proteção das crianças.


LENA
JOCA
CONHEÇA
A TURMINHA!
MARIA
JIQUITINHA
QUITO
6

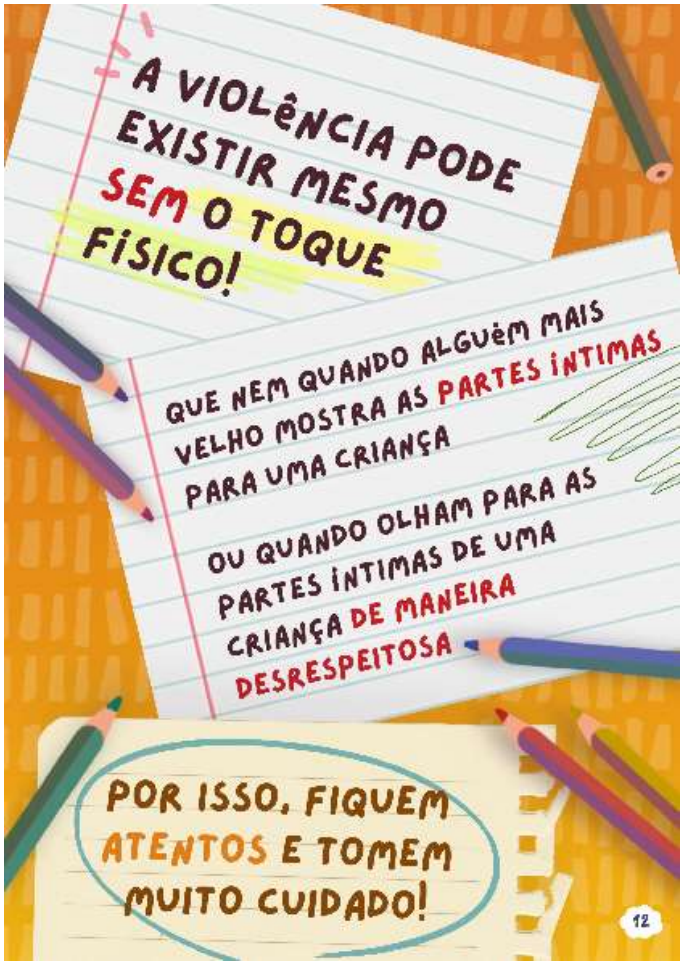
VOCÊ SABIA QUE TEM UMA LEI QUE PROTEGE CRIANÇAS E ADOLESCENTES?
O NOME DELA é ECA
ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
E ELA DIZ QUE TODA CRIANÇA E ADOLESCENTE TEM DIREITO A...
RESPEITO
LIBERDADE
DIGNIDADE
COM ESSAS PALAVRAS VOCÊ SE TORNA UM SUJEITO DE DIREITOS!
7

VOCÊ SABIA QUE CRIANÇAS SOFREM VIOLÊNCIA?
VAMOS DAR UMA OLHADINHA NOS TIPOS!
VIOLÊNCIA FÍSICA
EX: PORRADA, TAPAS, CHUTES, ETC.
VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA
EX: APELIDOS RUINS, XINGAMENTOS, ETC.
&$!#%
NEGLIGÊNCIA E ABANDONO
É QUANDO UM ADULTO TE DEIXA SOZINHO OU NÃO CUIDA BEM DE VOCÊ.
VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL
É A QUE ACONTECE NA ESCOLA, NA IGREJA, NA COMUNIDADE.
8


SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL...
EXISTE A VIOLÊNCIA QUE ACONTECE FORA DE CASA, COM PESSOAS QUE NÃO FAZEM PARTE DA SUA FAMÍLIA, PODENDO SER DESCONHECIDOS OU ATÉ MESMO UM CONHECIDO QUE É PRÓXIMO DE VOCÊ.
O NOME DELA É VIOLÊNCIA EXTRAFAMILIAR.
TEMOS TAMBÉM UMA VIOLÊNCIA QUE ACONTECE DENTRO DE CASA, COM PESSOAS DA SUA FAMÍLIA.
O NOME DELA É VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR.
ESSA É A VIOLÊNCIA QUE MAIS ACONTECE
CUIDADO!
ESSA VIOLÊNCIA ACONTECE EM MUITAS CASAS, MAS NÃO É CERTO QUE FAÇAM ISSO COM VOCÊ!
9

A VIOLÊNCIA SEXUAL é A MAIS PERIGOSA DE TODAS! VOCÊ SABE O QUE é?
EXISTEM TOQUES QUE NÃO SÃO FEITOS PARA CRIANÇAS!!!
QUALQUER PESSOA SÓ PODE TOCAR O SEU CORPO SE VOCÊ DEIXAR!
VIOLÊNCIA SEXUAL é QUANDO ALGUÉM...
TIRA FOTOS OU GRAVA VOCÊ SEM ROUPA
MOSTRA O CORPO à UMA CRIANÇA SEM ELA QUERER
TOCA UMA PARTE DO SEU CORPO SEM A SUA PERMISSÃO
E A VIOLÊNCIA SEXUAL ACONTECE DE DUAS MANEIRAS
ABUSO E EXPLORAÇÃO
10

Abuso sexual
Tem algumas partes do corpo que apenas **nós mesmos** podemos tocar...
Ninguém deve tocar nesses lugares sem a sua permissão! Se alguém tocar em você de maneira desrespeitosa, ISSO É ABUSO SEXUAL!!!
Os adultos só podem tocar o seu corpo se for para lhe **dar banho** ou ajudar a **trocar de roupa!** Ou se for um médico para cuidar da sua saúde, mas com respeito!
Se alguém te tocar e pedir para você guardar segredo CONTE PARA ALGUÉM QUE VOCÊ CONFIE.
SE VOCÊ SE SENTIR MAL COM O TOQUE NÃO TENHA VERGONHA NEM MEDO DE FALAR PARA ALGUÉM QUE VOCÊ CONFIA! NÃO MANTENHA SEGREDO!
MAPA DO TOQUE
pode
ATENÇÃO tome cuidado!
PROIBIDO!!
11

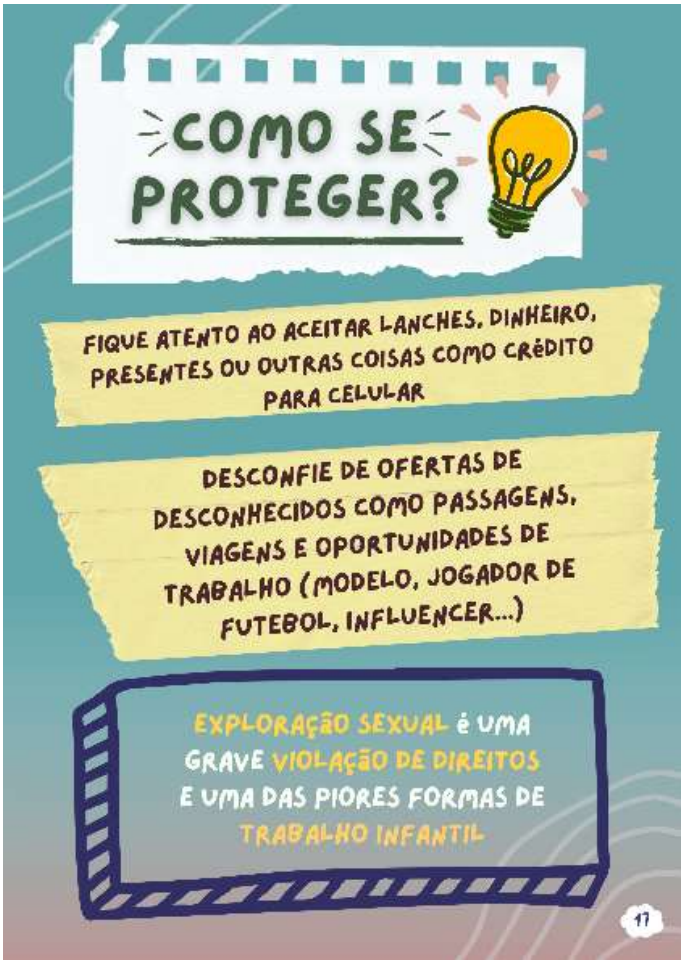

A VIOLÊNCIA PODE EXISTIR MESMO SEM O TOQUE FÍSICO!
QUE NEM QUANDO ALGUÉM MAIS VELHO MOSTRA AS PARTES ÍNTIMAS PARA UMA CRIANÇA
OU QUANDO OLHAM PARA AS PARTES ÍNTIMAS DE UMA CRIANÇA DE MANEIRA DESRESPEITOSA
POR ISSO, FIQUEM ATENTOS E TOMEM MUITO CUIDADO!
12

SE ISSO ACONTECER,
O QUE FAZER?
FALAR PARA ALGUÉM DE CONFIANÇA COMO PAPAI, MAMÃE, PARENTES OU PROFESSORES
VOCÊ TEM O DIREITO DE DIZER NÃO A QUALQUER COISA QUE LHE FAÇA SENTIR DESCONFORTÁVEL!
nunca sinta que a culpa é sua, se lembre que você não queria aquele toque!
13

SE ISSO ACONTECER,
O QUE FAZER?
SE VOCÊ SENTIR ALGO ESTRANHO, PERTO DE UMA PESSOA OU UM ESTRANHO SE APROXIMAR DE VOCÊ, NA RUA (DE CARRO, MOTO OU A PÉ)
SAIA DE PERTO COM SEGURANÇA
SE ALGUÉM TOCAR EM VOCÊ COM DESRESPEITO, DESCONFIE
SE NÃO ACREDITAREM EM VOCÊ, CONTE PARA OUTRA PESSOA DE CONFIANÇA
NÃO GUARDE SEGREDO!
14

...E EXPLORAÇÃO SEXUAL?
ÀS VEZES O ADULTO OU OUTRA PESSOA PODE OFERECER COISAS PARA TOCAR EM VOCÊ, COMO DINHEIRO, DOCES, BRINQUEDOS, JOGOS OU COMIDA
PARA ELES, VOCÊ NÃO É UMA CRIANÇA
ELES PODEM USAR VOCÊ PARA GANHAR DINHEIRO!
E ISSO É CRIME!
ENTÃO, SE LEMBRE SEMPRE QUE VOCÊ PODE CONVERSAR SOBRE ISSO COM AQUELAS PESSOAS DE CONFIANÇA E TAMBÈM PODE TIRAR SUAS DÚVIDAS NA ESCOLA!
15

COMO SE PROTEGER?
SE ALGUMA DESSAS COISAS ACONTECER, VOCÊ PODE PEDIR AJUDA LIGANDO PARA:
1) POLICIA
DISQUE 190
2) CREAS DIREITOS HUMANOS
DISQUE 100
3) CONSELHO TUTELAR
DISQUE 125
16


COMO SE PROTEGER?
FIQUE ATENTO AO ACEITAR LANCHES, DINHEIRO, PRESENTES OU OUTRAS COISAS COMO CRÉDITO PARA CELULAR
DESCONFIE DE OFERTAS DE DESCONHECIDOS COMO PASSAGENS, VIAGENS E OPORTUNIDADES DE TRABALHO (MODELO, JOGADOR DE FUTEBOL, INFLUENCER...)
EXPLORAÇÃO SEXUAL é UMA GRAVE VIOLAÇÃO DE DIREITOS E UMA DAS PIORES FORMAS DE TRABALHO INFANTIL
17

VAMOS BRINCAR!?

CAÇA PALAVRA DA TURMINHA!

AS PALAVRAS DESTE CAÇA-PALAVRAS ESTÃO ESCONDIDAS NA HORIZONTAL E VERTICAL, SEM PALAVRAS AO CONTRÁRIO.

ACHE AS PALAVRAS ESCONDIDAS!

RESPEITO DIGNIDADE
LIBERDADE LEI DIREITO

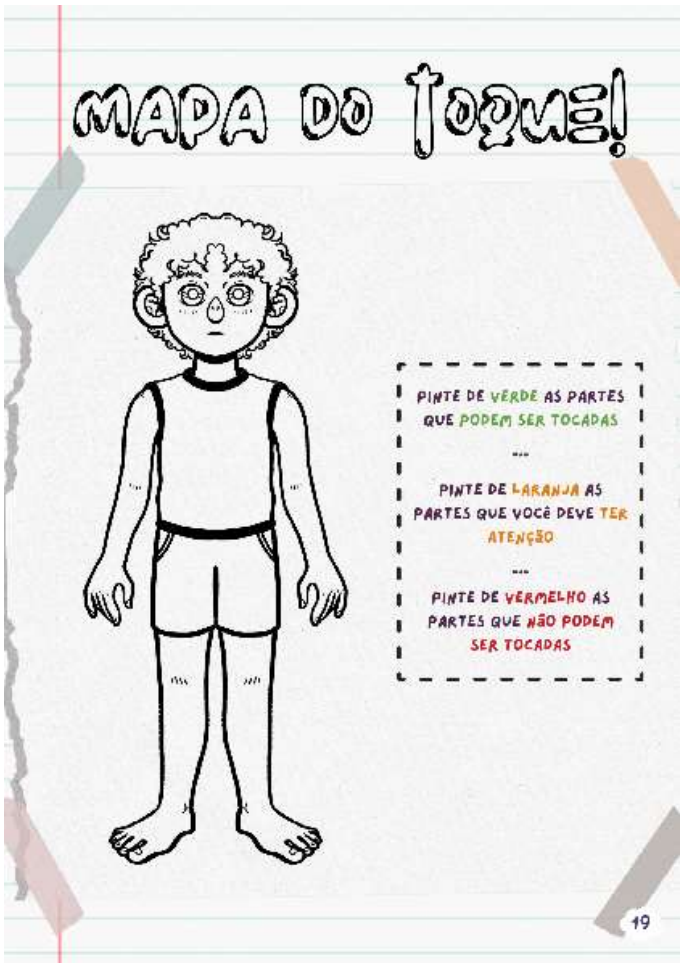
E	E	D	I	G	N	I	D	A	D	E	G
D	T	H	H	S	L	U	U	T	S	T	A
S	R	M	R	A	S	L	A	L	S	H	T
E	R	E	S	P	E	I	T	O	D	E	H
R	W	T	P	D	O	B	C	G	T	E	C
A	D	S	D	I	R	E	I	T	O	I	G
I	T	H	H	E	N	R	L	E	H	D	U
R	E	E	I	T	Y	D	E	T	T	D	O
S	H	R	F	A	E	A	I	H	D	R	R
B	W	A	W	T	W	D	T	L	O	T	E
I	O	A	T	A	S	E	A	A	C	A	S
H	M	A	T	T	N	O	O	H	G	H	E

JOGO DE LIGAR!

AJUDE A TURMINHA A SE PROTEGER CONTRA ESSAS VIOLÊNCIAS LIGANDO CADA SITUAÇÃO COM A SUA PREVENÇÃO!

SE ALGUÉM...			ÉU TENHO QUE...
OFERECER DINHEIRO PARA TOCAR EM MIM	O	O	DIZER NÃO!
TOCAR NO MEU CORPO SEM PERMISSÃO	O	O	CONTAR O QUE ACONTECEU PARA ALGUÉM DE CONFIANÇA
PEDIR SEGREDO	O	O	LIGAR PARA A POLICIA OU O CONSELHO TUTELAR
TENTAR TIRAR FOTOS MINHAS SEM ROUPAS	O	O	FALAR PARA O PAPAI E A MAMÃE OU ALGUÉM QUE EU CONFIE

18


MAPA DO TOQUE!
PINTE DE VERDE AS PARTES QUE PODEM SER TOCADAS
...
PINTE DE LARANJA AS PARTES QUE VOCÊ DEVE TER ATENÇÃO
...
PINTE DE VERMELHO AS PARTES QUE NÃO PODEM SER TOCADAS
19

HORA DE COLORIR!
TODAS AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES TÊM DIREITO À PROTEÇÃO
E ISSO É UMA RESPONSABILIDADE DE TODOS!
20

REFERÊNCIAS

- TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES. Infância Segura. Disponível em: <https://www.google.com/url?q=https://www.google.com/url?q%3Dhttp://www.infanciasegura.pr.gov.br/Pagina/Tipos-de-Violencia-Contra-Criancas-e-Adolescentes%26amp;sa%3DD%26amp;source%3Deditors%26amp;ust%3D1710368719881370%26amp;usg%3DAOvVaw0blbkWY__vnvAMXSCfymQl&sa=D&source=docs&ust=1710368719889647&usg=AOvVaw1JG_dDyo-he0HmSGadDYRX >. Acesso em: 13/06/23.

- MAIO LARANJA: OS PRINCIPAIS TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇA E ADOLESCENTE. Prefeitura Municipal Conceição do Rio Verde. Disponível em: <https://conceicaodorioverde.mg.gov.br/maio-laranja-os-principais-tipos-de-violencia-contra-crianca-e-adolescente/# >. Acesso em: 13/06/23.

- CRIANÇA COMO SUJEITO DE DIREITOS: UMA CONQUISTA QUE AINDA PRECISA AVANÇAR. Defensoria Pública do Paraná. Disponível em: <https://www.defensoriapublica.pr.def.br/Noticia/Crianca-como-sujeito-de-direitos-uma-conquista-que-ainda-precisa-avancar#:~:text=%E2%80%9CNo%20Brasil%2C%20a%20partir%20da,aptos%20a%20reclamarem%20seus%20direitos >. Acesso em: 13/06/23.

TURMA
DA
Maria
Joaquitinha
e o enfrentamento às violências
contra crianças e adolescentes

ANEXO 1- CAAE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DESENVOLVIMENTO, IMPLEMENTAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PREVENTIVA PRIMÁRIA CONTRA ABUSO SEXUAL INFANTIL (PEPPASI) - EDUCAÇÃO QUE TRANSFORMA

Pesquisador: ROSEMARY AMANDA LIMA ALVES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 77545224.2.0000.5020

Instituição Proponente: Faculdade de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.797.697

Apresentação do Projeto:

Resumo:

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar o processo de desenvolvimento, implantação e avaliação de um Programa de Educação Preventiva Primária contra o Abuso Sexual Infantil, intitulado (PEPPASI) EDUCAÇÃO QUE TRANSFORMA. Destinado às crianças do ensino fundamental da Escola Estadual Edson Melo do município de Uarini no interior do Amazonas de nove a onze anos de idade. Este projeto está dividido em estudo um e estudo dois. A primeira parte se caracteriza com um primeiro estudo, com um levantamento teórico de programas que analisa práticas preventivas primárias com crianças, cujos elementos serão descritos e selecionados para a realização do segundo estudo que será para o desenvolvimento de um programa piloto PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PREVENTIVA PRIMÁRIA CONTRA ABUSO SEXUAL INFANTIL - PEPPASI.

Hipótese:

A criação de um Programa de Educação Preventiva Primária contra o Abuso Sexual Infantil, intitulado (PEPPASI) - EDUCAÇÃO QUE TRANSFORMA com a participação ativa das crianças, para que elas possam compreender a problemática do abuso sexual infantil, aprender novos repertórios de comportamentos autoprotetivos diante de situações de risco.

Endereço: Rua Teresina, 4950
Bairro: Adrianópolis **CEP:** 69.057-070
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3305-1181 **E-mail:** cep.ufam@gmail.com

Metodologia Proposta

Esta parte do projeto se caracteriza como o segundo estudo, com aplicação do estudo piloto com as intervenções baseados nos ingredientes selecionados, primeiramente pretende-se aplicar as intervenções no Bairro de Educandos na cidade de Manaus com as crianças do projeto de extensão Maria Jiqui taia. O projeto de estudo quase- experimental será realizado de fato, no bairro de Educandos, na cidade de Manaus, com um segundo grupo de crianças também atendidas pelo projeto Maria Jiquitaia. No município de Uarini, no interior do Amazonas, será aplicado com um grupo de crianças de uma escola de ensino fundamental, constituindo todas as etapas do PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PREVENTIVA PRIMÁRIA CONTRA ABUSO SEXUAL INFANTIL ¿ PEPPASI.Procedimento do Estudo Na etapa I, ficará destinado para a realização do estudo piloto, enquanto na etapa II estará sendo aplicado o estudo PPEPASI ambos serão realizados no Bairro de Educando no município de Manaus e na etapa III o PPEPASI será aplicado no interior do Amazonas município de Uarini, todas as etapas (I, II e III) terão o mesmo método de pesquisa idêntico, como delineamento do estudo, instrumento e intervenção. Apenas a descrição dos participantes e o local que se diferenciarão de acordo com a etapa do estudo.

Metodologia de Análise de Dados:

Serão realizadas estatísticas descritivas para os dados quantitativos, Análise de teste de hipótese e Análise Temática de Braun e Clark (2006) para os dados qualitativos. A AT é um método de análise qualitativa que identifica, analisa, interpreta e descreve temas a partir de dados qualitativos. A AT proporciona a possibilidade de organização e descrição detalhada das informações coletadas, pois esta análise colabora para a geração de uma análise interpretativa sobre os dados. Além da explicação detalhada do método, são utilizados exemplos de dados de pesquisa, nesse processo a AT começa quando o pesquisador identifica nas informações coletadas por padrões de significados e questões de possível interesse à pesquisa. Isso já pode ocorrer, inclusive, durante a coleta de dados, na condução de entrevista ou grupo focal. A análise envolve leitura flutuante, os trechos codificados e a análise dos dados que se está produzindo a partir destes trechos. O processo termina com o relatório dos padrões (temas) nos dados, e esta estrutura está presente em boas técnicas de análise de dados qualitativos bastante comuns na literatura.

Tamanho da Amostra no Brasil: 12

O Cronograma está detalhado e prevê as seguintes etapas:
Entrega da Dissertação 01/06/2024 30/06/2024
Submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa 29/03/2024 29/04/2024
Análise do dados 10/05/2024 25/06/2024
Aplicação do PEPPASI 01/05/2024 20/06/2024
Defesa da Dissertação 01/07/2024 31/07/2024
Redação da Dissertação 05/05/2024 30/06/2024

O Orçamento está detalhado e prevê um custo total de R$ 7.168,78.

Objetivo da Pesquisa:
Objetivo Primário:
Estudo 01: Desenvolver um programa de prevenção primária contra violência sexual de crianças no Amazonas.
Estudo 02: Aplicar o programa de prevenção primária para o treinamento de aquisição de habilidades de autoproteção de crianças contra o abuso sexual infantil.

Objetivo Secundário:

Estudo 01:
(1) Analisar a literatura disponível sobre programas preventivos primários sobre o ASI.
(2) Identificar quais estratégias dos programas disponíveis na literatura que podem ser adaptados àsregionalidades amazônidas.
(3) Planejar/ desenvolver o programa de treinamento com foco na aquisição de habilidades autoprotetivas com crianças contra o abuso sexual infantil.

Estudo 02:
(1) Avaliar a efetividade do programa através do pré e pós-teste.
(2) Investigar se os ingredientes utilizados no programa auxiliam no desenvolvimento sobre

conhecimentos ASI e comportamentos autoprotetivos.

(3) Identificar se existem diferenças de respostas entre as crianças da região ribeirinha de Uarini e ascrianças moradoras do bairro de da área urbana, do município de Manaus,

(4) Identificar variáveis socioeconômicas que podem vulnerabilizar crianças a situações de violência sexual,

(5) Avaliar as diferenças entre meninas e meninos após treinamento de conhecimentos autoprotetivos

(6) Avaliar se a cartilha auxiliou as crianças nos conhecimentos sobre ASI e comportamentos deautoproteção.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Toda pesquisa que envolve seres humanos pode ter riscos aos participantes, assim o Programa poderá apresentar riscos para as crianças, pois pode causar situações de desconforto e/ou constrangimento devido a delicadeza do tema que envolve o abuso sexual infantil onde podem vir à tona emoções e sentimentos negativos direcionados à determinadas vivências, principalmente se a criança vivenciou situações de risco ou passou pela experiencia.

Benefícios:

Além disso, os principais benefícios que se espera alcançar para as crianças que participarem do PEPPASI é ampliação do conhecimento sobre ASI e o aprendizado de novas habilidades de comportamentos autoprotetivos diante de situações e pessoas abusivas. O treinamento do PEPPASI também poderá influenciar positivamente nas atitudes e no aumento de conscientização do participante, sendo capaz de recomendar o programa a seus colegas por acreditarem que possuem o direito de viver sem violência e não serem vítimas de abusos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de Protocolo de Versão 2 do Projeto ¿DESENVOLVIMENTO, IMPLEMENTAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PREVENTIVA PRIMÁRIA CONTRA ABUSO SEXUAL INFANTIL (PEPPASI) - EDUCAÇÃO QUE TRANSFORMA¿ da Pesquisadora Rosemary Amanda Lima Alves, sob orientação da Prof. Dra. Consuelena Lopes Leitão e co-orientação do Prof. Dr. Marck de Souza Torres. Consiste em um Projeto de dissertação apresentado para obtenção do título de Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas, no Programa de Pós-Graduação em

Psicologia.
Por envolver seres humanos, o protocolo de pesquisa deve atender às Resoluções 466/2012-CNS e 510/2016 -CNS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
FOLHA DE ROSTO: ADEQUADA. Apresentada no arquivo folhaDeRosto_assinado_rose.pdf, com a assinatura da pesquisadora ROSEMARY AMANDA LIMA ALVES e do Coordenador do PPGPSI Breno de Oliveira Ferreira, como instituição proponente.

TERMO DE ANUÊNCIA do Projeto de extensão Maria Jiquitaia : ADEQUADO. Apresentado por Consuelena Lopes Leitão, Coordenadora do Projeto.

TERMO DE ANUÊNCIA da Escola Estadual Edson Melo: ADEQUADO. Apresentado por Gezilda Alexandre da Silva, Diretora da Escola.

DECLARAÇÃO de Assistência Integral e Acompanhamento Psicológico: ADEQUADO. Assinada pela psicóloga Odlaci Rebeca Duarte Lima, CRP 20/06409.

TCLE para Escola Estadual Edson Melo: ADEQUADO. Apresentado no arquivo TCLE_ESCOLA_ESTADUAL_EDSON_MELO.pdf e também presente como anexo do Projeto Completo.

TERMO DE ASSENTIMENTO para Escola Estadual Edson Melo: ADEQUADO. Apresentado no arquivo TALE_VERBAL_ORAL_ESCOLA_EDSON_MELO.pdf e também presente como anexo do Projeto Completo.

TCLE para Projeto de extensão Maria Jiquitaia : ADEQUADO. Apresentado no arquivo TCLE_PROJETO_DE_EXTENSAO_MARIA_JIQUITAIA.pdf e também presente como anexo do Projeto Completo.

TERMO DE ASSENTIMENTO para Projeto de extensão Maria Jiquitaia : ADEQUADO. Apresentado no arquivo TALE_VERBAL_ORAL_PROJETO_DE_EXTENSAO_MARIA_JIQUITAIA.pdf e também presente como anexo do Projeto Completo.

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS: ADEQUADOS. Apresentados como anexos os Questionário 1 e II no arquivo PROJETO.pdf, além dos protocolos de registros dos Diário de Campo e da Observação Participante apresentados no arquivo PROTOCOLO_DIARIO_DE_CAMPO_E_OBSERVACAO_PARTICIPANTE.pdf .

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As sugestões foram acatadas e as pendências sanadas. Não verificam-se óbices éticos para realização do Projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2270945.pdf	29/03/2024 22:12:57		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_MESTRADO_DETALHADO.pdf	29/03/2024 22:10:27	ROSEMARY AMANDA LIMA ALVES	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	29/03/2024 21:52:33	ROSEMARY AMANDA LIMA ALVES	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_PENDENCIA.pdf	29/03/2024 21:47:06	ROSEMARY AMANDA LIMA ALVES	Aceito
Outros	PROTOCOLO_DIARIO_DE_CAMPO_E_OBSERVACAO_PARTICIPANTE.pdf	29/03/2024 21:41:08	ROSEMARY AMANDA LIMA ALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_VERBAL_ORAL_ESCOLA_EDSON_MELO.pdf	29/03/2024 21:38:24	ROSEMARY AMANDA LIMA ALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_VERBAL_ORAL_PROJETO_DE_EXTENSAO_MARIA_JIQUITAIA.pdf	29/03/2024 21:38:05	ROSEMARY AMANDA LIMA ALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE_ESCOLA_ESTADUAL_EDSON_MELO.pdf	29/03/2024 21:34:44	ROSEMARY AMANDA LIMA ALVES	Aceito

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM

Continuação do Parecer: 6.797.697

Ausência	TCLE_ESCOLA_ESTADUAL_EDSON_MELO.pdf	29/03/2024 21:34:44	ROSEMARY AMANDA LIMA ALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PROJETO_DE_EXTENSAO_MARIA_JIQUITAIA.pdf	29/03/2024 21:34:29	ROSEMARY AMANDA LIMA ALVES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_PESQUISADORA.pdf	29/03/2024 21:31:45	ROSEMARY AMANDA LIMA ALVES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TERMO_DE_ANUENCIA_ESCOLA_ESTADUAL_EDSON_MELO.pdf	29/03/2024 21:30:29	ROSEMARY AMANDA LIMA ALVES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TERMO_DE_ANUENCIA_PROJETO_DE_EXTENSAO_MARIA_JIQUITAIA.pdf	29/03/2024 21:29:08	ROSEMARY AMANDA LIMA ALVES	Aceito
Brochura Pesquisa	PROJETO_DE_MESTRADO.pdf	29/03/2024 21:24:18	ROSEMARY AMANDA LIMA ALVES	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	10/01/2024 14:35:04	ROSEMARY AMANDA LIMA ALVES	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_assinado_rose.pdf	09/01/2024 19:02:48	ROSEMARY AMANDA LIMA ALVES	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

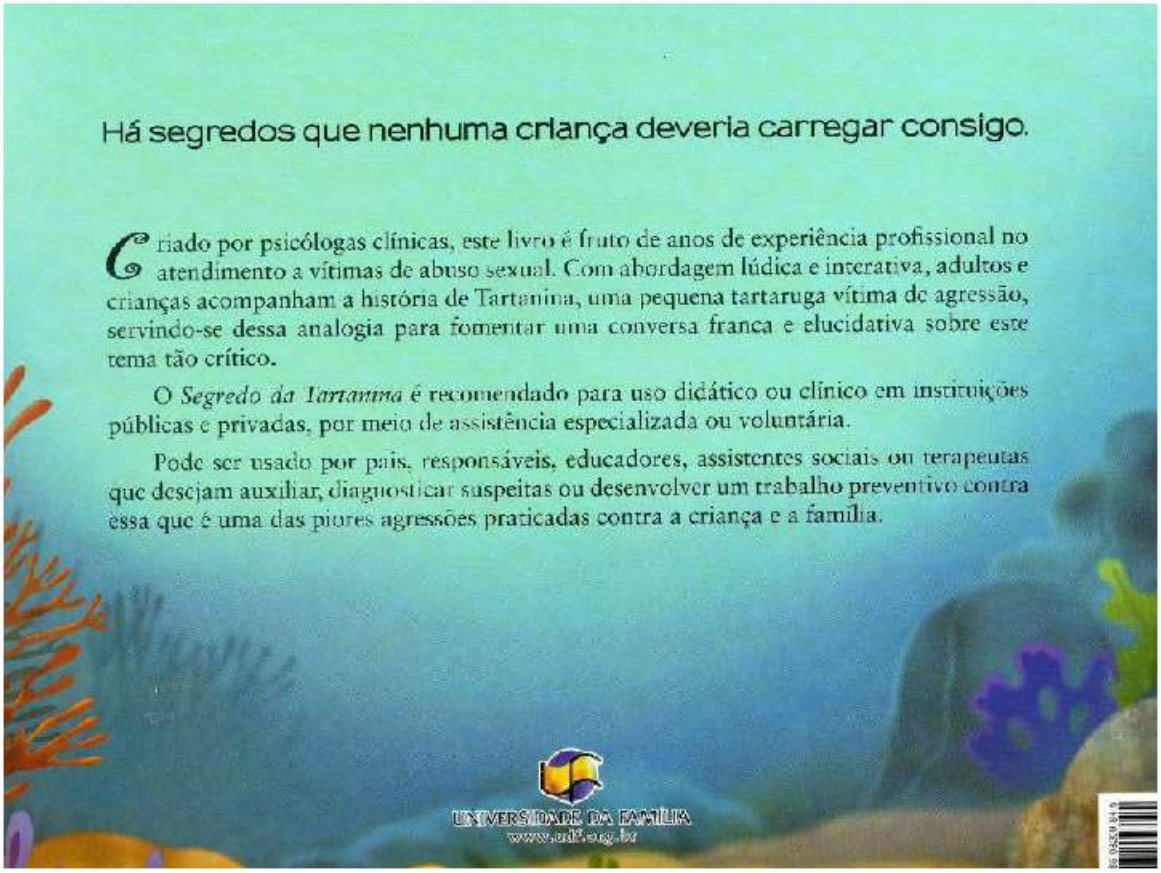
Necessita Apreciação da CONEP:
Não

MANAUS, 30 de Abril de 2024

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Teresina, 4950
Bairro: Adrianópolis **CEP:** 69.057-070
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3305-1181 **E-mail:** cep.ufam@gmail.com

ANEXO II – LIVRO "O SEGREDO DA TARTANINA"



Há segredos que nenhuma criança deveria carregar consigo.

Criado por psicólogas clínicas, este livro é fruto de anos de experiência profissional no atendimento a vítimas de abuso sexual. Com abordagem lúdica e interativa, adultos e crianças acompanham a história de Tartanina, uma pequena tartaruga vítima de agressão, servindo-se dessa analogia para fomentar uma conversa franca e elucidativa sobre este tema tão crítico.

O *Segredo da Tartanina* é recomendado para uso didático ou clínico em instituições públicas e privadas, por meio de assistência especializada ou voluntária.

Pode ser usado por pais, responsáveis, educadores, assistentes sociais ou terapeutas que desejam auxiliar, diagnosticar suspeitas ou desenvolver um trabalho preventivo contra essa que é uma das piores agressões praticadas contra a criança e a família.

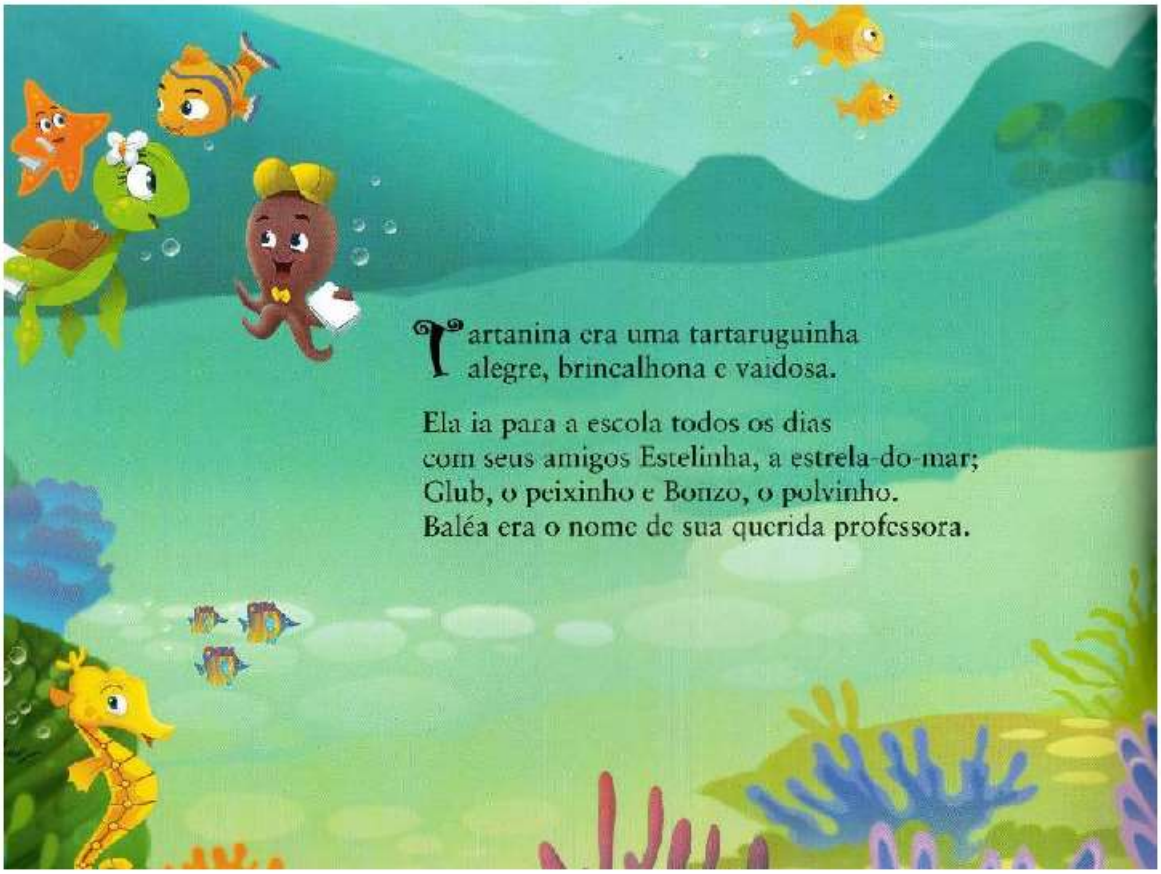
UNIVERSIDADE DA FAMÍLIA
www.udf.org.br

Olá! Eu sou o senhor Marinho. Vou aparecer de vez em quando nesta história. É que este livro é meio doidinho, pois você pode ouvir o que ele fala e conversar com ele enquanto lê! Também pode fazer desenhos, se quiser, podendo ajudar a ilustrá-lo do seu jeito, entrando no meu mundo e no dos demais amiguinhos que vão aparecer por aqui.

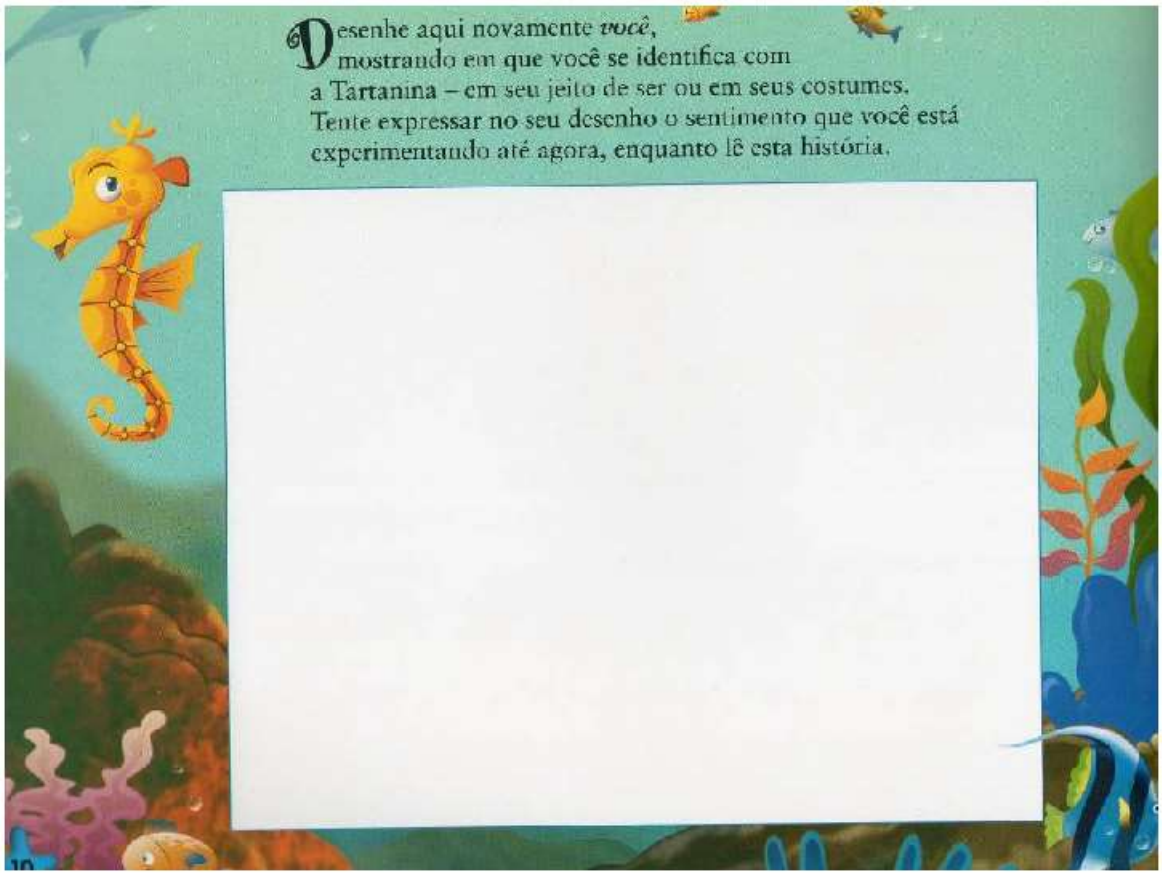
Bem... O meu mundo é o do fundo do mar da imaginação! Só que a história... Ah! Esta já é outra coisa! Sabe por quê? Porque ela pode acontecer tanto no ar, como na terra ou no mar. Dá pra entender? Vamos tentar juntos. Espero que você goste!

Então, se você quer fazer parte desta história, use o espaço pra desenhar você! Isso mesmo! Desenhe *você*, como você se vê – e do jeito que quiser!

Se você desenhou, agora já faz parte desta história. Legal!

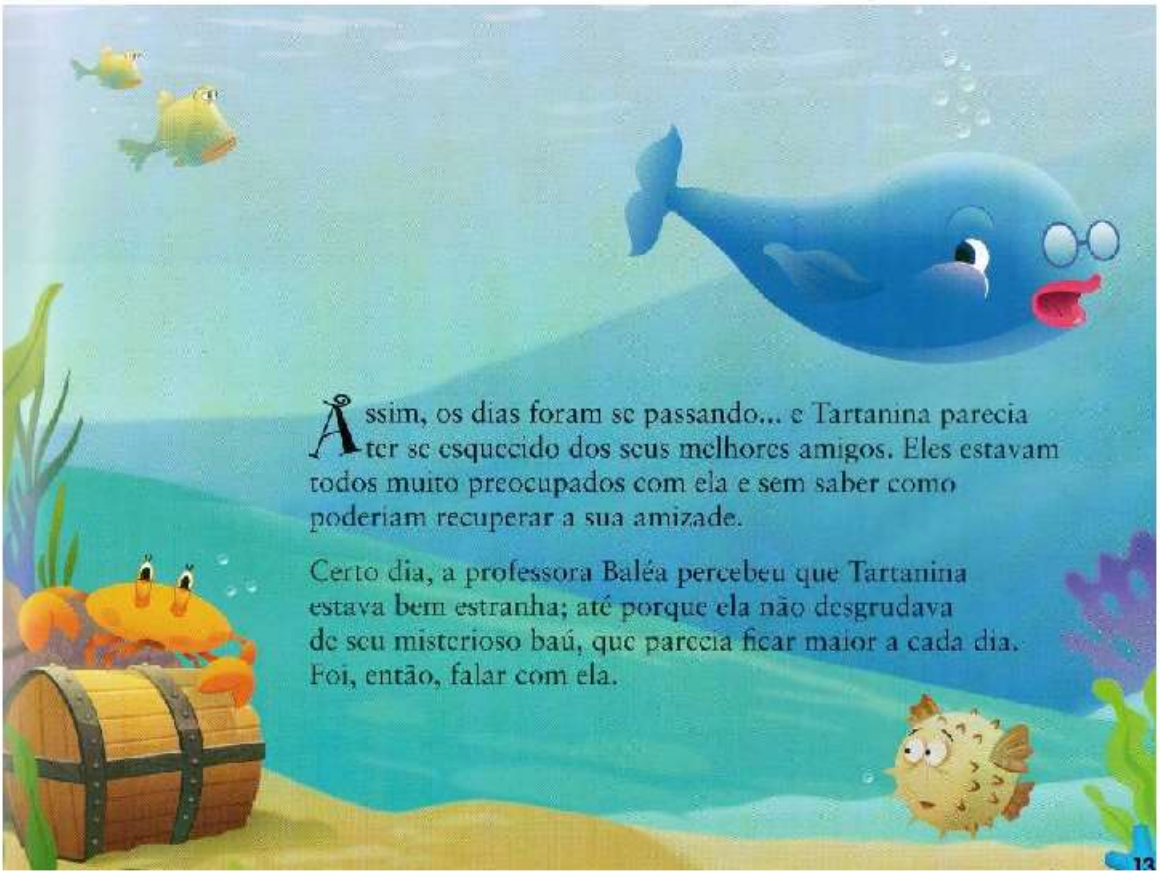

Tartanina era uma tartaruguinha
alegre, brincalhona e vaidosa.
Ela ia para a escola todos os dias
com seus amigos Estelinha, a estrela-do-mar;
Glub, o peixinho e Bonzo, o polvinho.
Baléa era o nome de sua querida professora.

ESCOLA
Tartanina já estava acostumada a brincar com seus amiguinhos diariamente, depois da escola. Como eles se divertiam juntos!


Desenhe aqui novamente *você*,
mostrando em que você se identifica com
a Tartanina – em seu jeito de ser ou em seus costumes.
Tente expressar no seu desenho o sentimento que você está
experimentando até agora, enquanto lê esta história.

Certo dia, como de costume, os amiguinhos passaram na casa de Tartanina, mas ela já tinha ido sozinha para a escola. Ao chegarem lá, acharam que ela estava muito esquisita e lhe perguntaram o que tinha acontecido.
Ela respondeu que não era nada. Porém, eles perceberam que ela escondia algo que parecia importante.
11

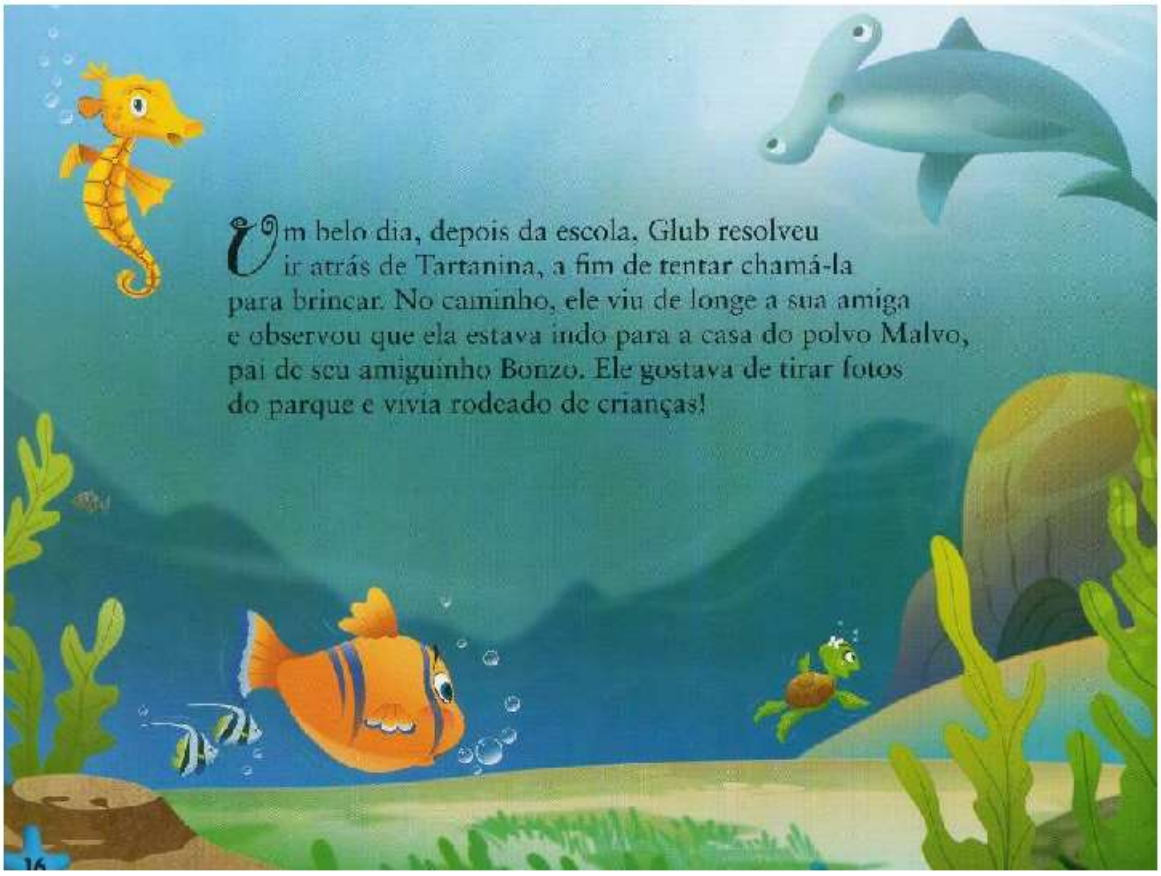
– O que é isso que você está escondendo? Parece um baú! O que tem nele? — perguntaram.
— É segredo e não posso contar. Tchau pra vocês! — respondeu ela, já saindo de perto dos seus amigos, apressadinha e muito solitária.
ESCOLA

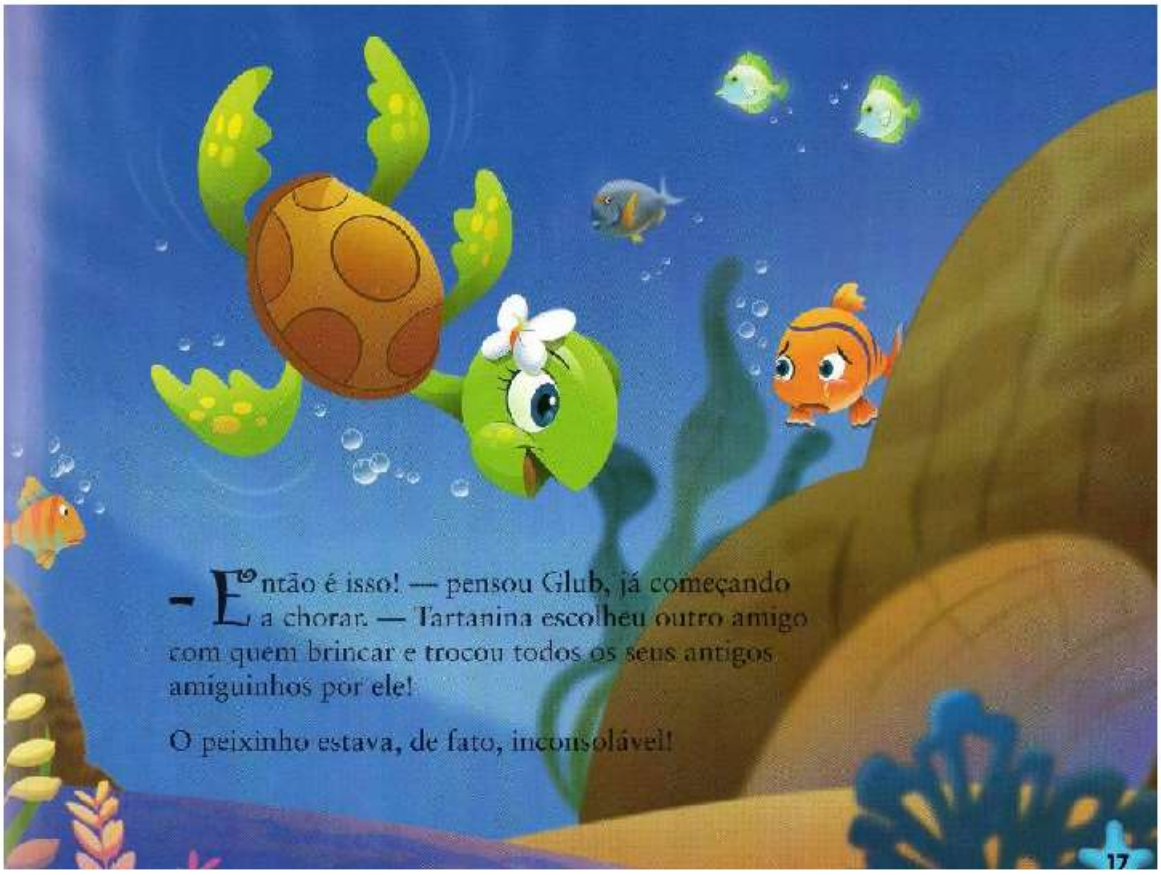


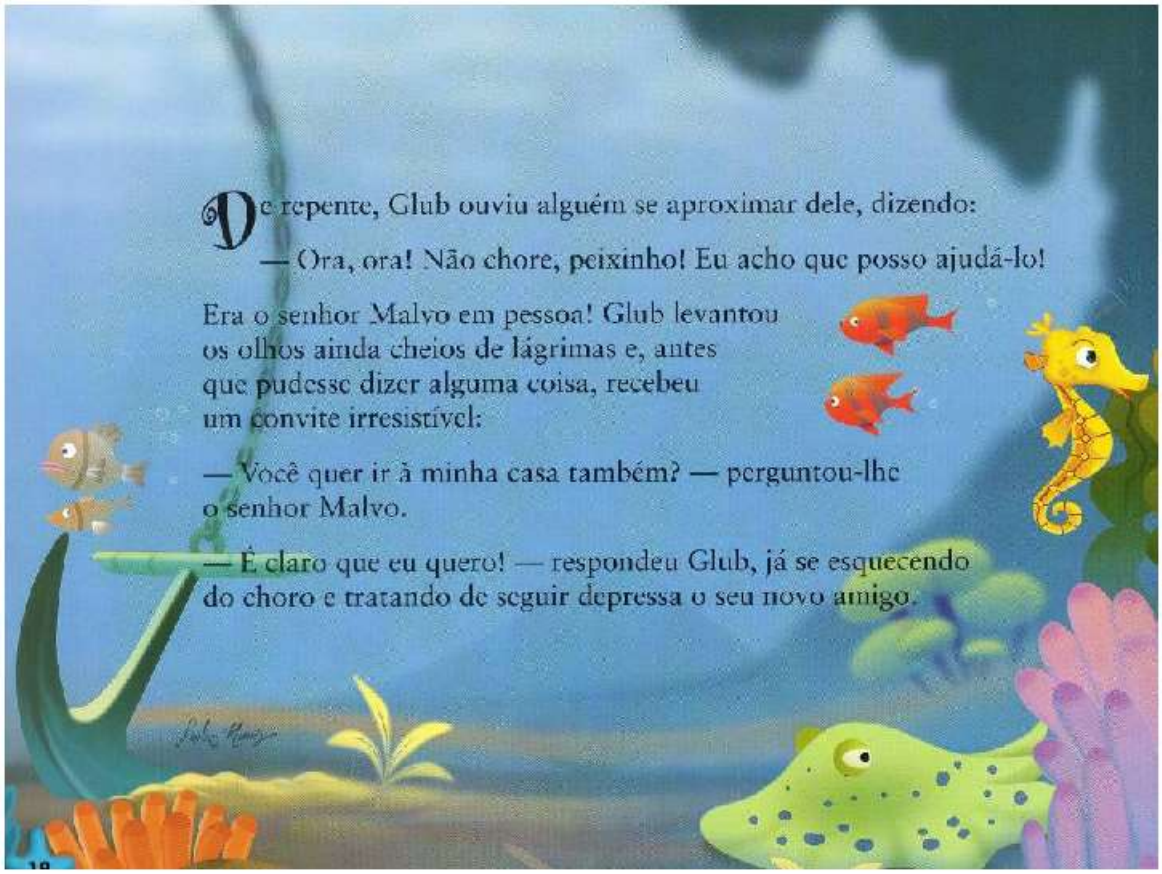
Assim, os dias foram se passando... e Tartanina parecia ter se esquecido dos seus melhores amigos. Eles estavam todos muito preocupados com ela e sem saber como poderiam recuperar a sua amizade.

Certo dia, a professora Baléa percebeu que Tartanina estava bem estranha; até porque ela não desgrudava de seu misterioso baú, que parecia ficar maior a cada dia. Foi, então, falar com ela.

Você já percebeu como o ambiente no mar estava ficando misterioso? Se percebeu, então desenhe, de novo, *você*. Desta vez, mostre como você está se sentindo ao ver Tartanina escondendo um triste segredo de todos.
15


Um belo dia, depois da escola, Glub resolveu ir atrás de Tartanina, a fim de tentar chamá-la para brincar. No caminho, ele viu de longe a sua amiga e observou que ela estava indo para a casa do polvo Malvo, pai de seu amiguinho Bonzo. Ele gostava de tirar fotos do parque e vivia rodeado de crianças!


- Então é isso! — pensou Glub, já começando a chorar. — Tartanina escolheu outro amigo com quem brincar e trocou todos os seus antigos amiguinhos por ele!
O peixinho estava, de fato, inconsolável!
17



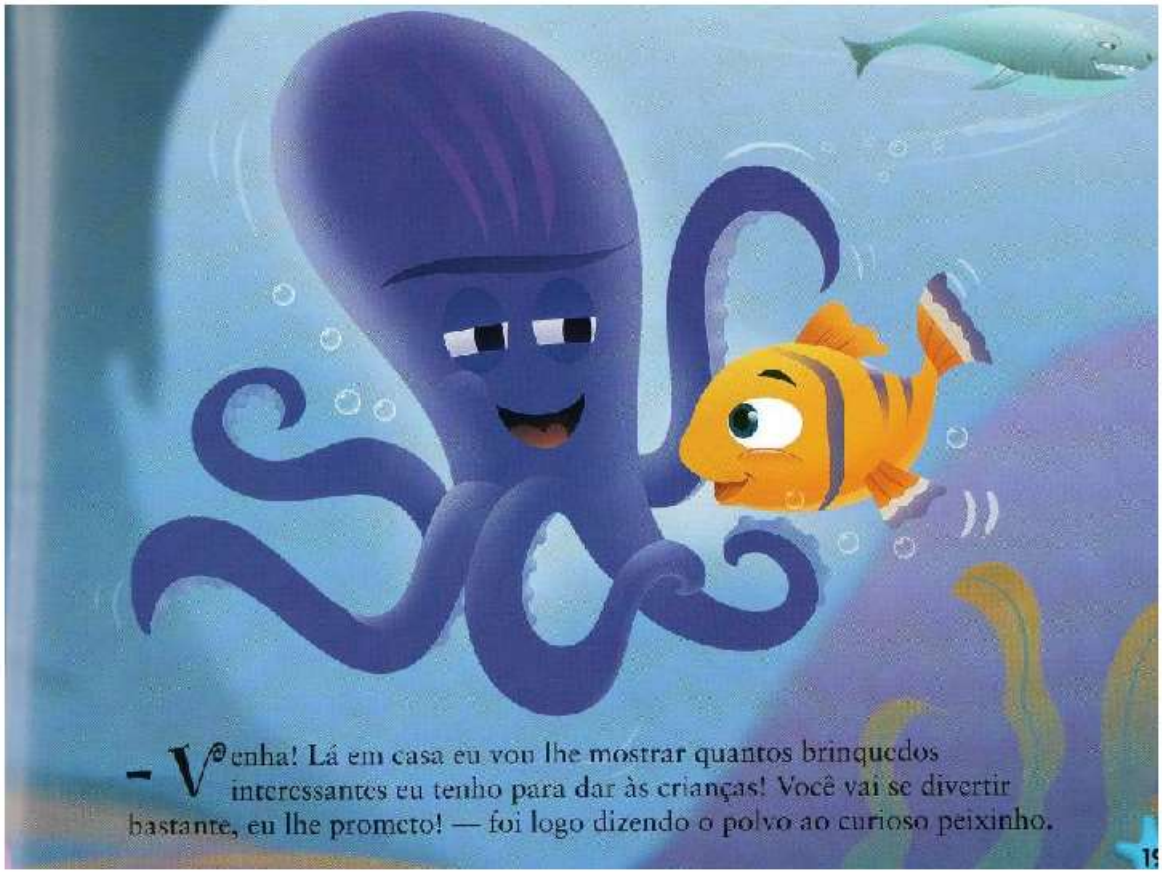
De repente, Glub ouviu alguém se aproximar dele, dizendo:

— Ora, ora! Não chore, peixinho! Eu acho que posso ajudá-lo!

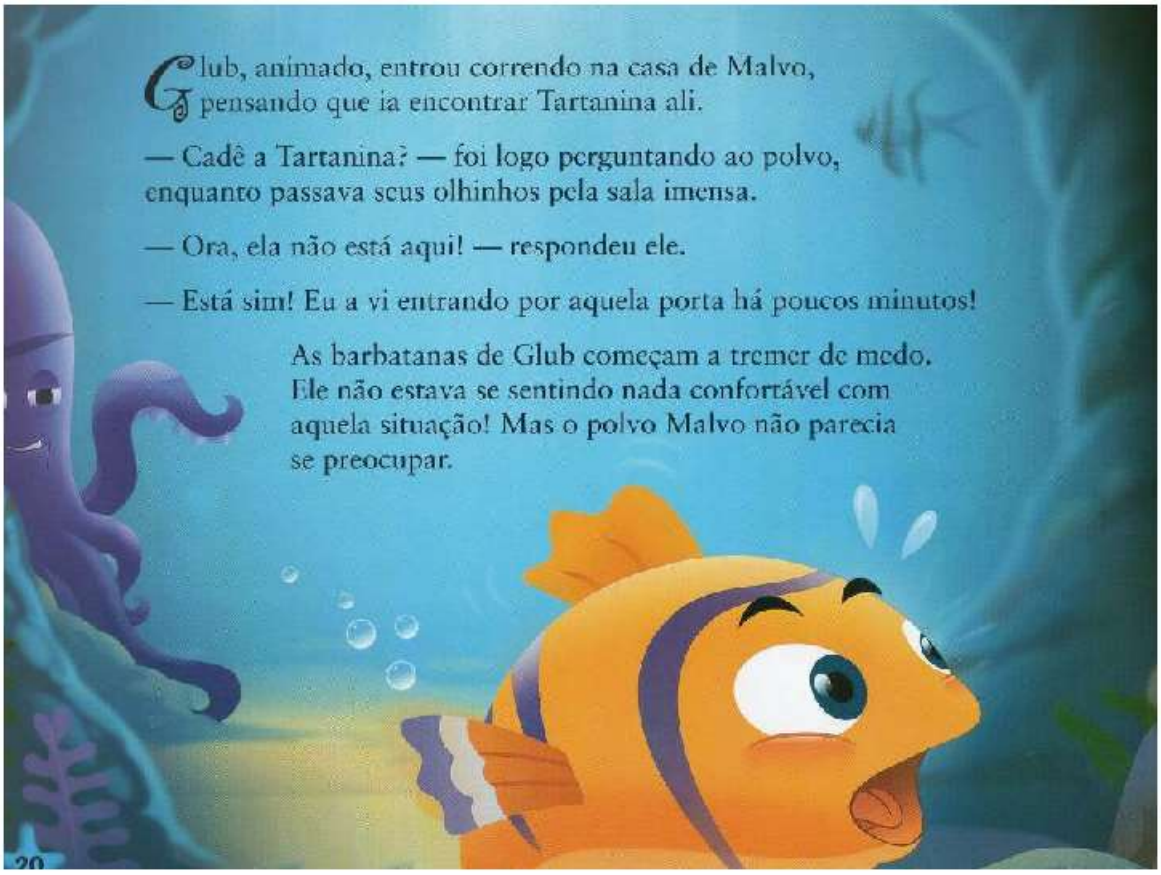
Era o senhor Malvo em pessoa! Glub levantou os olhos ainda cheios de lágrimas e, antes que pudesse dizer alguma coisa, recebeu um convite irresistível:

— Você quer ir à minha casa também? — perguntou-lhe o senhor Malvo.

— É claro que eu quero! — respondeu Glub, já se esquecendo do choro e tratando de seguir depressa o seu novo amigo.



– Venha! Lá em casa eu vou lhe mostrar quantos brinquedos interessantes eu tenho para dar às crianças! Você vai se divertir bastante, eu lhe prometo! — foi logo dizendo o polvo ao curioso peixinho.



Glub, animado, entrou correndo na casa de Malvo, pensando que ia encontrar Tartanina ali.

— Cadê a Tartanina? — foi logo perguntando ao polvo, enquanto passava seus olhinhos pela sala imensa.

— Ora, ela não está aqui! — respondeu ele.

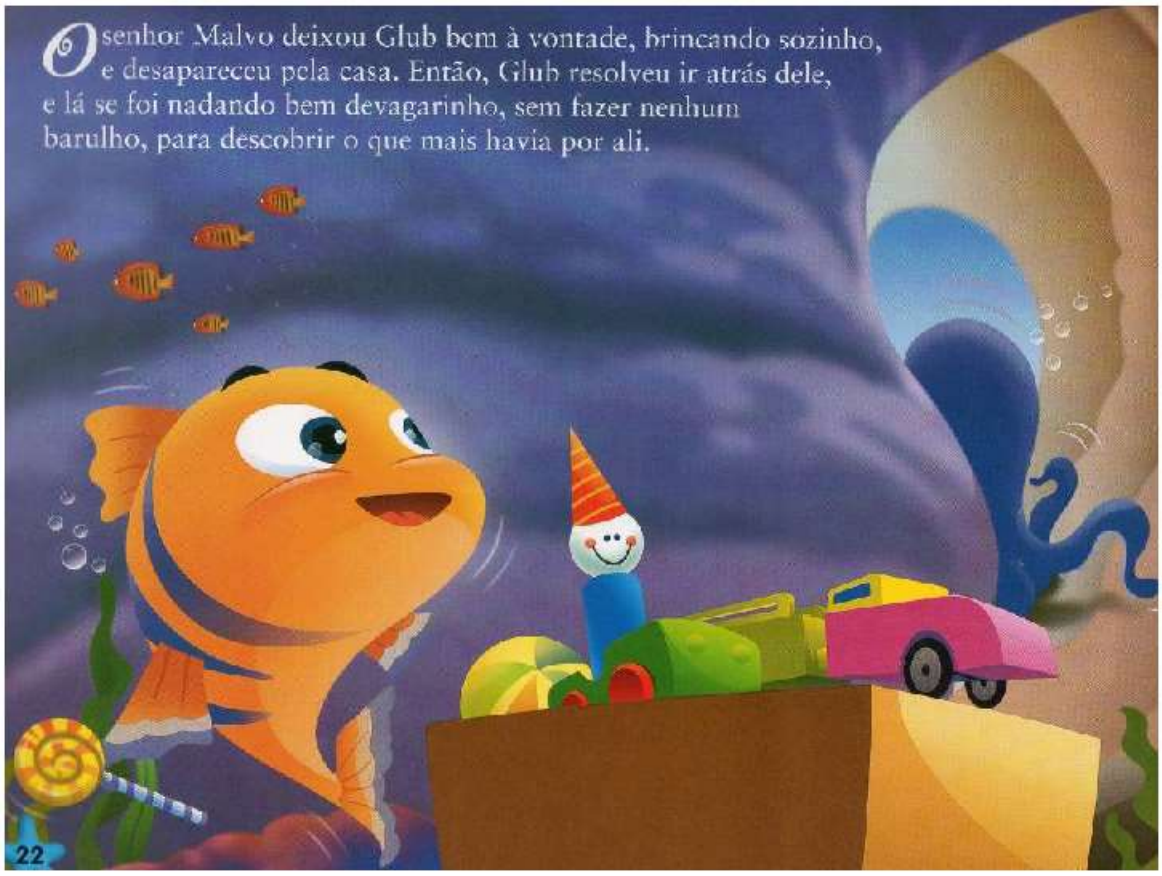
— Está sim! Eu a vi entrando por aquela porta há poucos minutos!

As barbatanas de Glub começam a tremer de medo. Ele não estava se sentindo nada confortável com aquela situação! Mas o polvo Malvo não parecia se preocupar.

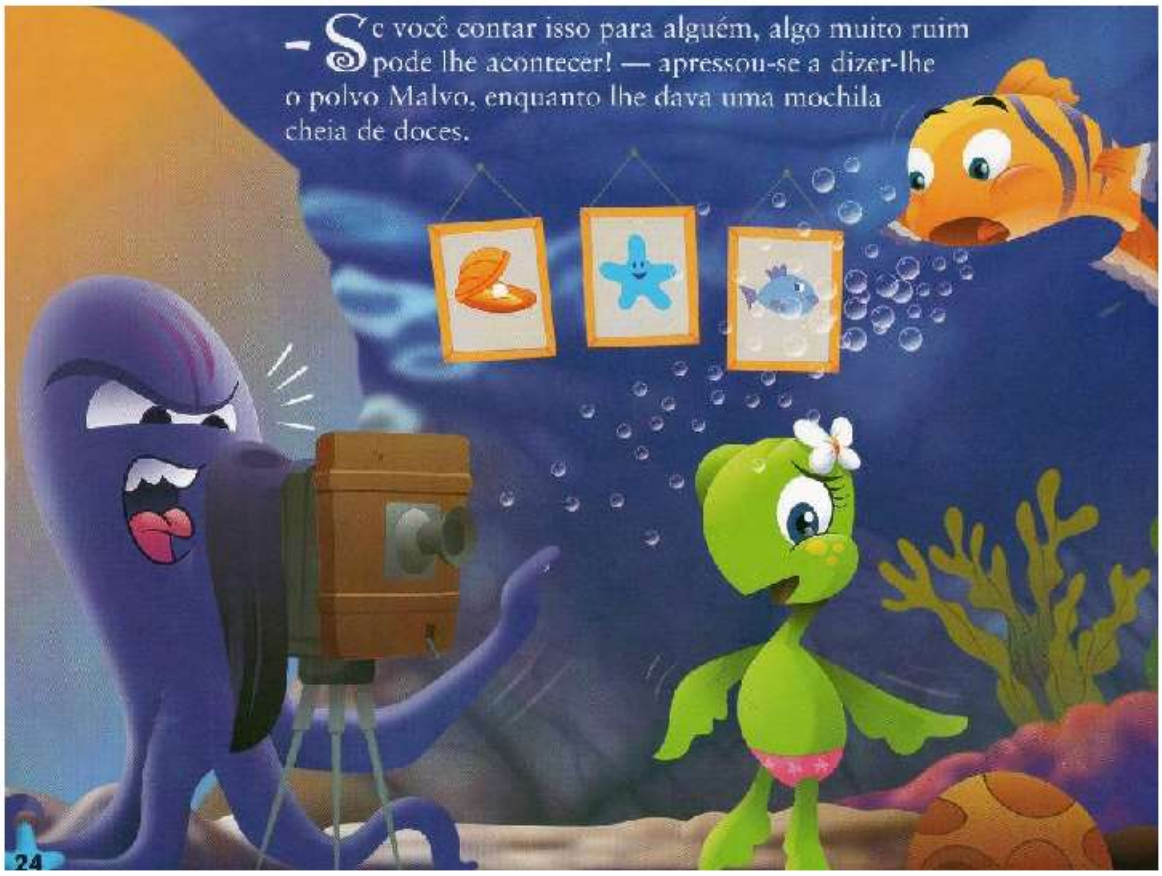
– Venha! Vamos brincar! Veja! Eu tenho um monte de brinquedos e doces deliciosos! Fique à vontade! — disse-lhe o senhor Malvo.

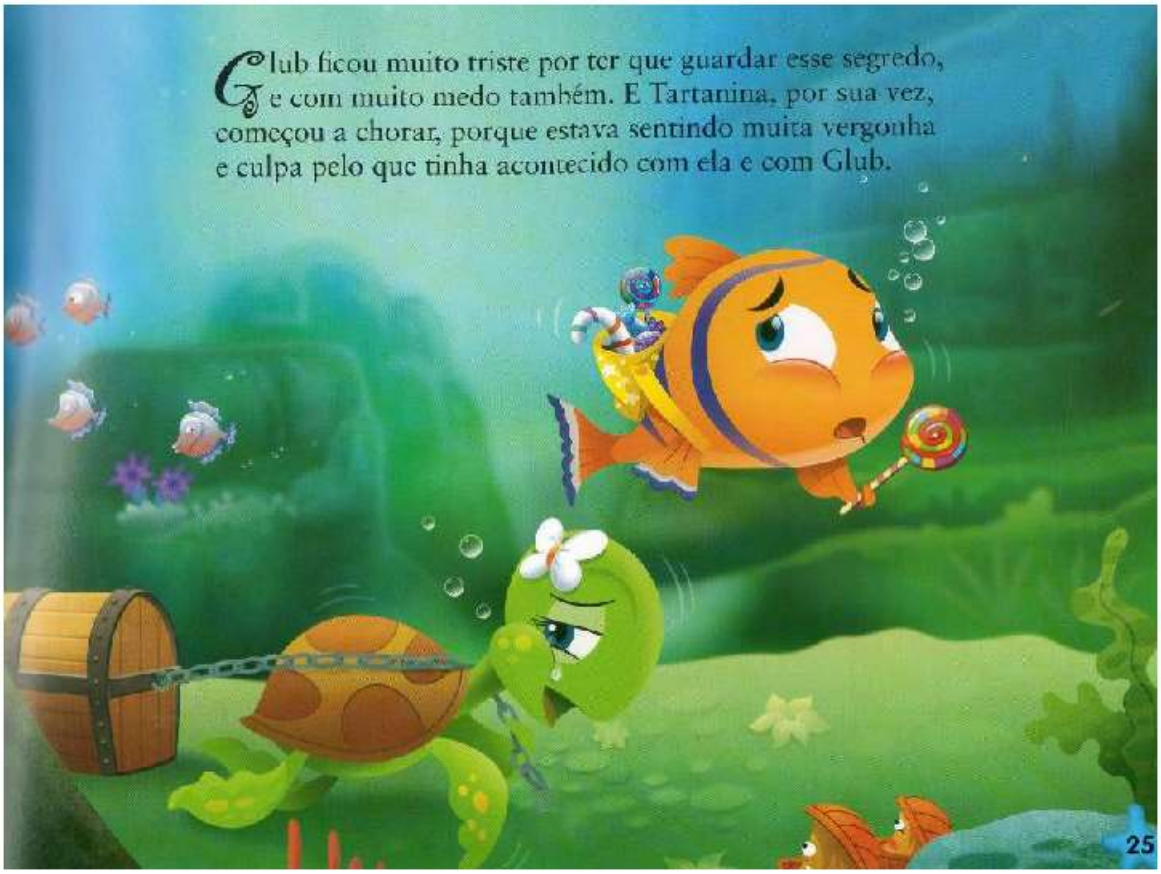
— Veja esta brincadeira, peixinho, que legal!

Glub, a princípio, ficou bem desconfiado, mas logo sossegou. Afinal, tinha tanta diversão à vista, que só pensou em aproveitar! Ele podia até brincar ali com algumas coisas que os seus pais não deixavam... e o senhor Malvo parecia tão alegre e divertido! Ele até deixava Glub sujar as coisas e fazer bagunça!


O senhor Malvo deixou Glub bem à vontade, brincando sozinho, e desapareceu pela casa. Então, Glub resolveu ir atrás dele, e lá se foi nadando bem devagarinho, sem fazer nenhum barulho, para descobrir o que mais havia por ali.
22

Qual não foi a sua surpresa quando viu uma porta aberta... e lá estava o senhor Malvo, tirando fotos de Tarranina sem o seu casco! Glub não entendeu nada! Ficou tão desesperado, que começou a soltar tantas bolhinhas de ar que encheram todo o ambiente!
23

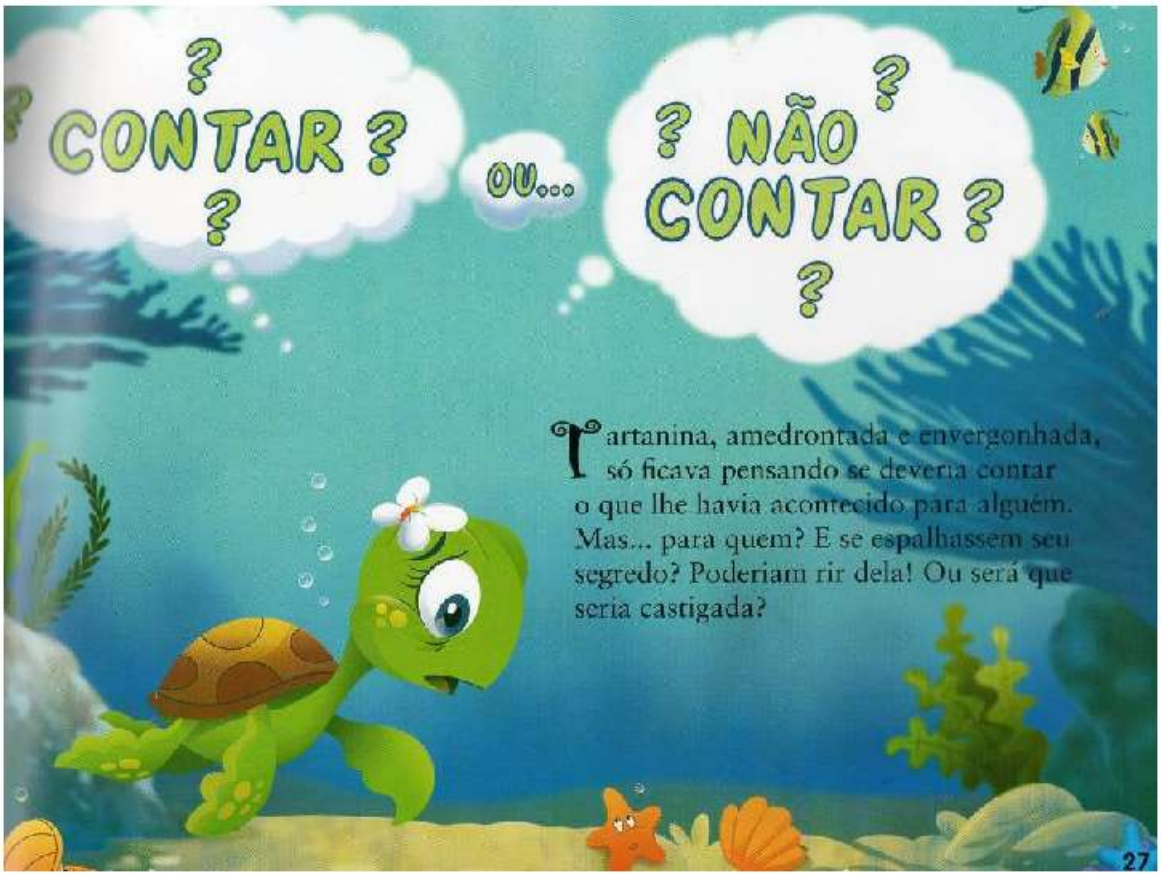

– Se você contar isso para alguém, algo muito ruim pode lhe acontecer! — apressou-se a dizer-lhe o polvo Malvo, enquanto lhe dava uma mochila cheia de doces.
24


Glub ficou muito triste por ter que guardar esse segredo, e com muito medo também. E Tartanina, por sua vez, começou a chorar, porque estava sentindo muita vergonha e culpa pelo que tinha acontecido com ela e com Glub.
25

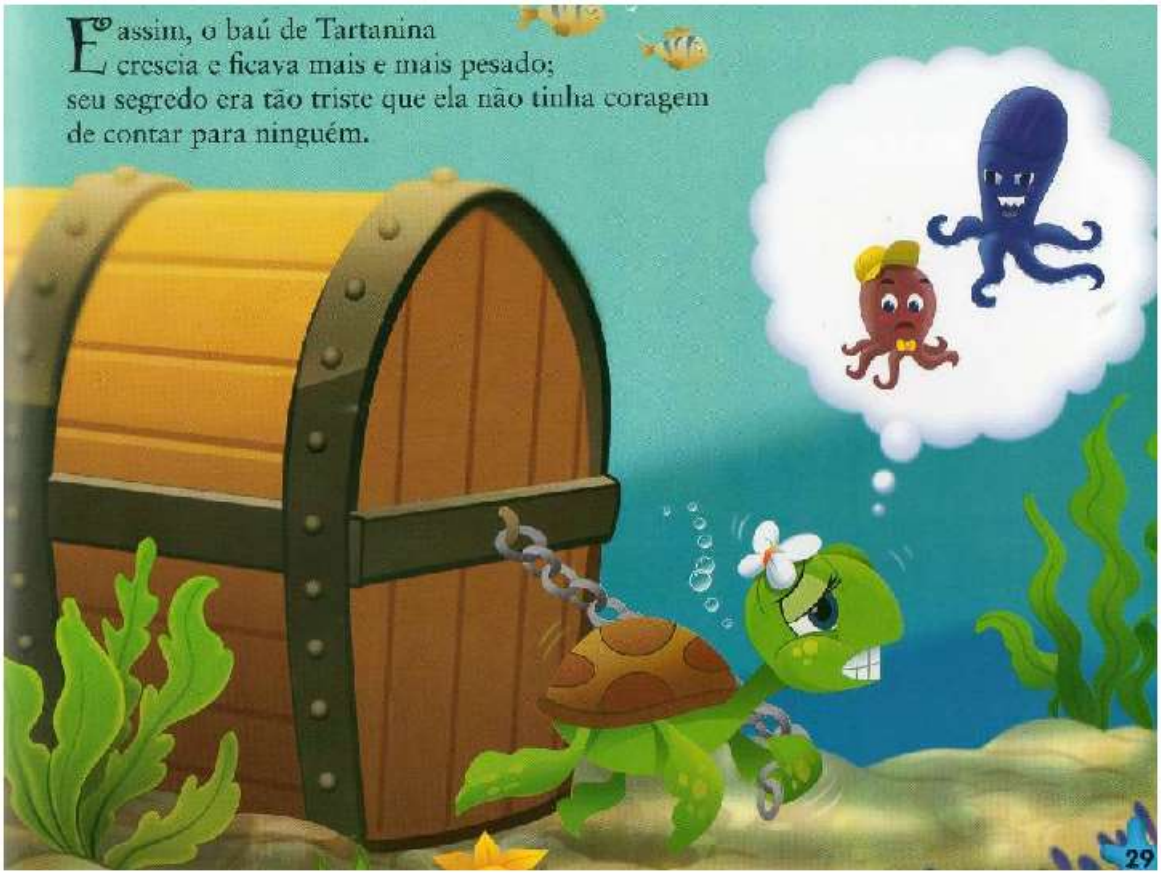
Como você pôde ver, a nossa amiguinha não ficou sozinha com seu grande problema. Ela buscou a ajuda de uma pessoa adulta muito legal e de confiança. Ela só precisou contar o segredo para a pessoa certa!

Primeiro, a professora Baléa foi com Tartanina falar com seus pais; depois, os pais de Tartanina denunciaram o polvo Malvo à polícia e ao Conselho Tutelar, porque isso é assunto para adulto resolver.

Aproveite os espaços para desenhar *você* novamente, mostrando os seus sentimentos diante da situação enfrentada pelo peixinho e a tartaruga.
Se eu fosse Tartanina, eu me sentiria assim.
Se eu fosse Club, eu me sentiria assim.
26

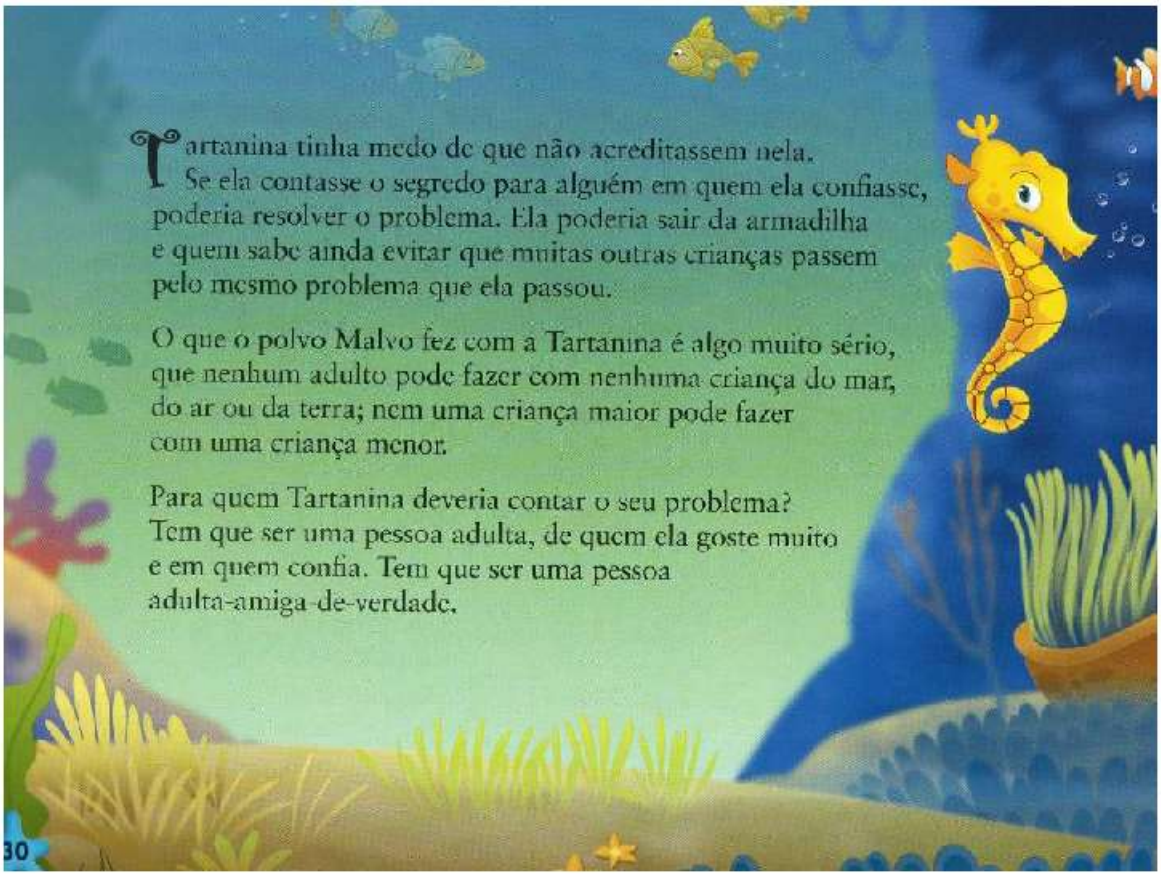

CONTAR ?
OU...
NÃO CONTAR ?
Tartanina, amedrontada e envergonhada, só ficava pensando se deveria contar o que lhe havia acontecido para alguém. Mas... para quem? E se espalhassem seu segredo? Poderiam rir dela! Ou será que seria castigada?
27

Pense um pouco e desenhe *você*, quando tem um problema muito sério para resolver e acha que ninguém poderá ajudá-lo a achar a solução.
28


E assim, o baú de Tartanina
crescia e ficava mais e mais pesado;
seu segredo era tão triste que ela não tinha coragem
de contar para ninguém.
29

Como você pôde ver, a nossa amiguinha não ficou sozinha com seu grande problema. Ela buscou a ajuda de uma pessoa adulta muito legal e de confiança. Ela só precisou contar o segredo para a pessoa certa!

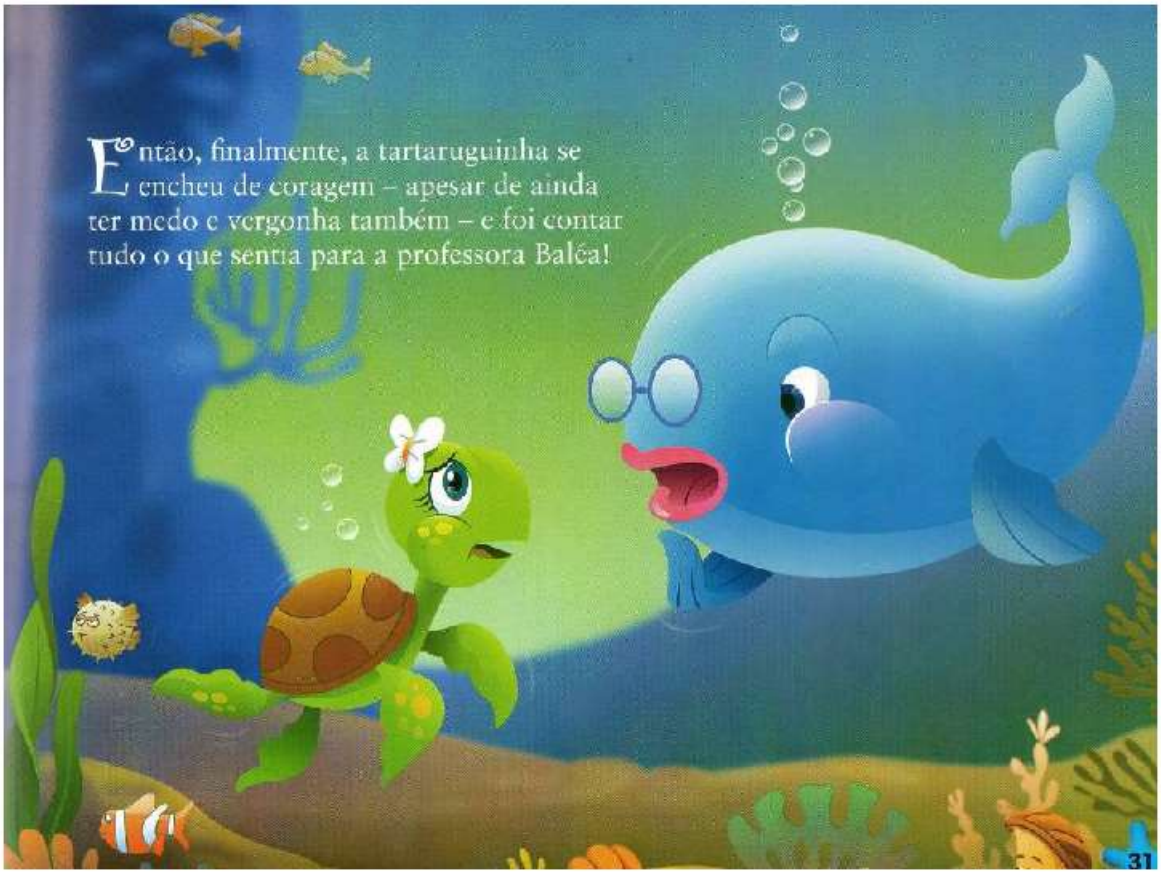
Primeiro, a professora Baléa foi com Tartanina falar com seus pais; depois, os pais de Tartanina denunciaram o polvo Malvo à polícia e ao Conselho Tutelar, porque isso é assunto para adulto resolver.



Tartanina tinha medo de que não acreditassem nela. Se ela contasse o segredo para alguém em quem ela confiasse, poderia resolver o problema. Ela poderia sair da armadilha e quem sabe ainda evitar que muitas outras crianças passem pelo mesmo problema que ela passou.

O que o polvo Malvo fez com a Tartanina é algo muito sério, que nenhum adulto pode fazer com nenhuma criança do mar, do ar ou da terra; nem uma criança maior pode fazer com uma criança menor.

Para quem Tartanina deveria contar o seu problema? Tem que ser uma pessoa adulta, de quem ela goste muito e em quem confia. Tem que ser uma pessoa adulta-amiga-de-verdade.


Então, finalmente, a tartaruguinha se encheu de coragem – apesar de ainda ter medo e vergonha também – e foi contar tudo o que sentia para a professora Baléa!
31

Bonzo, amiguinho da tartaruga e filho do polvo Malvo, claro que não ficou feliz com tudo isso! Mas ele teve apoio das pessoas que o amavam, para ajudá-lo a compreender o que estava acontecendo na sua casa.

No fundo, no fundo, ele e sua mãe sabiam que seu pai precisava mudar muito e aprender a se relacionar com as crianças de um jeito que fosse muito legal para elas, que não as machucasse nem por dentro e nem por fora!

Você sabia que existem alguns lugares especiais, que servem para ajudar crianças que passam por problemas iguais aos da nossa amiguinha Tartanina? Esses lugares são órgãos da rede de proteção à criança e ao adolescente e eles estão por toda parte, para proteger as crianças do ar, do mar e da terra.
Se você souber que alguém está passando por alguma intimidação semelhante à que você viu nesta historinha, peça que um adulto o ajude a encontrar a solução adequada!
34

Bem, aqui chegamos ao final da nossa história.
Já que você participou de tudo, será que conseguiria escrever a "moral da história" pra nós? Faça isso! E depois, crie uma ilustração diferente. Desenhe Tartanina, revelando o jeito que você acha que ela se sentiu depois que tudo terminou. Mas, se quiser, pode incluir ***você*** neste desenho, outra vez.

Moral da história:

FIM
36